



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ/MG  
PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO,  
TECNOLOGIAS E SOCIEDADE**

**Sabrina Morais Ferreira**

**BORDANDO UM MAPA AFETIVO DO LUGAR:  
UM ESTUDO SOBRE CULTURA E DESENVOLVIMENTO  
NO BAIRRO SÃO GERALDO EM POUSO ALEGRE/MG**

**Itajubá/MG  
2020**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ/MG  
PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO,  
TECNOLOGIAS E SOCIEDADE**

**Sabrina Morais Ferreira**

**BORDANDO UM MAPA AFETIVO DO LUGAR:  
UM ESTUDO SOBRE CULTURA E DESENVOLVIMENTO  
NO BAIRRO SÃO GERALDO EM POUSO ALEGRE/MG**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá como requisito para obtenção do título de mestre.

Linha de Pesquisa – Desenvolvimento e Sociedade.

Orientador – Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta

Itajubá/MG

2020



**SABRINA MORAIS FERREIRA**

**BORDANDO UM MAPA AFETIVO DO LUGAR:  
UM ESTUDO SOBRE CULTURA E DESENVOLVIMENTO NO BAIRRO SÃO  
GERALDO EM POUSO ALEGRE/MG**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade da Universidade Federal de Itajubá como requisito para obtenção do título de mestre.

Itajubá, 06 de abril de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Leandro Roberto Neves  
Avaliador externo

---

Prof. Dr. Adilson da Silva Mello  
Avaliador interno

---

Prof. Dr. Carlos Alberto Máximo Pimenta  
Orientador



## **DEDICATÓRIA**

A quem vive (e sonha) na altura do Aterrado, às margens do Mandu.  
A mulher que vive (e sonha) na altura do Aterrado, às margens do Mandu.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a certas coisas:

coisa-gente, coisa-gesto, coisa-ideologia, coisa-técnica, coisa-instituição, coisa-e-tal.

Adianto que farei isso sem me preocupar com qualquer discrepância que possa surgir.

O importante é me redimir perante as relações estabelecidas ou em estabelecimento, que

me (re)fazem por aqui. Pois bem:

Ao rio, que só quer seguir seu fluxo sem precisão da interferência do homem.

À educação pública de qualidade, aquela que provoca o senso crítico e criativo.

À amizade, por cultivar amores desobrigados ainda que estranhos.

Ao som do tambor e da viola.

À ancestralidade que há tempos vem nutrindo meu corpo-memória.

À agrofloresta, que de tão generosa, resiste em abundância nesse mito de mundo-escassez.

Ao cão, o bicho-cão e não o mundo-cão.

Àquela que é capaz de ser lar, aconchego, constância, de suportar até mesmo meus defeitos mais irritantes, e que ousamos chamar de família.

À força feminina-feminista divina.

À rua ocupada por gente.

À Mantiqueira, por chorar em sua grandeza.

À arte, principalmente se, por algum segundo que seja, deixa-me em silêncio profundo.

Ao girassol.

Coisas às quais sou imensamente grata.

Por fim, agradeço a FAPEMIG pelo financiamento desta pesquisa.

*nota-manifesto sobre ser **mulher**-pesquisadora*

*Ser mulher pressupõe ser subjugada, assediada, silenciada.*

*Latências de uma sociedade que segue uma lógica de domínio masculino.*

*O simples caminhar pela cidade é estar vulnerável de todas as formas, voltar ao anoitecer do campo é um atrevimento, propor-se a um trabalho que flerta com o etnográfico é pagar o preço do risco.*

*E a academia não está isenta disso; ao contrário, pois, mesmo produzindo conhecimentos de diversas naturezas e importâncias, ainda assim reproduz a relação de poder em que a mulher é violentada, seja em gestos mínimos ou explicitamente abusivos.*

*Sou mulher, pesquiso como quem se afeta e acredita que as expressões podem ser plurais, em um misto de ciência, saberes populares, arte, política e poesia e, em hipótese alguma, devem ser opressoras. Sou mulher e, ao conceber este texto, meu corpo se encontra meio trêmulo, mas segue na crença de que um dia, junto aos outros, será livre.*

## RESUMO

Esta pesquisa tem como *locus* o bairro Aterrado, o São Geraldo, em Pouso Alegre, MG. Seu principal objetivo foi o de, a partir da apreensão das experiências individuais e coletivas capturadas no lugar, colocar em debate a relação desenvolvimento e crescimento econômico, tendo a seguinte pergunta como diretriz: quais as particularidades na vivência do Aterrado/São Geraldo, pelo olhar dos moradores, na relação com a cidade de Pouso Alegre? Justifica-se pela necessidade de estudos e reflexões sobre as dinâmicas socioculturais em territórios marginalizados de cidades pequenas e médias, pensando a cultura como um dos vetores para o desenvolvimento local. A proposta é de caráter interdisciplinar, com diálogos entre diferentes áreas do conhecimento e recursos metodológicos, e possibilitou a valorização da experiência da pesquisadora sobre o objeto pesquisado. Buscou-se descrever, da perspectiva de moradoras e moradores, os aspectos socioculturais da vida vivida no Aterrado/São Geraldo, a partir dos seguintes instrumentos: caminhadas pelo bairro; conversas com habitantes; registros fotográficos; composições gráficas (desenhos, escritos, bordados); convivência semanal com um grupo de bordadeiras. Este último espaço foi eleito como delimitador do trabalho, composto por mulheres que moram no bairro e que, durante as atividades manuais, vão tecendo suas narrativas e contando suas experiências, as quais serviram à formatação das articulações deste trabalho. Como resultado, com base na constituição de um mapa afetivo das bordadeiras, o texto trouxe as expressões culturais do bairro por meio da apresentação de elementos de convívio e de significado, que demonstram a vida do lugar.

**Palavras-chave:** Cultura; Desenvolvimento Local; Interdisciplinaridade; Sul de Minas Gerais.

## ABSTRACT

This research has as locus the neighborhood Aterrado, in São Geraldo, in Pouso Alegre, MG. Its main objective was to apprehend how individuals and collected people are caught nowhere, as those who can put into question a relationship of development and economic growth, having as a problem the following question: what are the specific characteristics of the experience of Aterrado / São Geraldo, by look of the residents, in relation to the city of Pouso Alegre? Justify the need for studies and reflections on socio-cultural dynamics in marginalized territories of small cities and media, thinking of a culture as one of the vectors for local development. A proposal of an interdisciplinary character, in dialogues with different areas of knowledge and methodological resources, or which it was possible to value the research experience on the researched object. We sought to describe, from the perspective of residents, the sociocultural aspects of life lived in Aterrado / São Geraldo, using the following instruments: walks through the neighborhood; conversations with inhabitants; photographic records; graphic compositions (drawings, writings, embroidery); weekly contact with a group of embroiderers. This last space was chosen as a work delimiter, composed of women who live in the neighborhood and, during manual activities, weaves their narratives and continues their experiences, as which they served to format as articulations of this work. As a result, based on the constitution of an affective map of the embroiderers, the text is presented as cultural expressions of the neighborhood through the presentation of elements of conviviality and meaning that demonstrates life in the place.

**Keywords:** Culture; Local Development; Interdisciplinarity; South of Minas Gerais.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - A ponte sobre o rio Mandu sinaliza a entrada do bairro, 2018. ....	24
Figura 2 - Uma rua de acesso ao interior do bairro, 2018.....	25
Figura 3 - A irregularidade de uma rua no interior do bairro, 2019. ....	26
Figura 4 - O rio Mandu em pleno uso recreativo na primeira metade do século XX.....	35
Figura 5 - A ocupação do rio e da ponte pelas pessoas.....	36
Figura 6 - Margens do rio mandu, 2019.....	37
Figura 7 - Olaria desativada, 2019.....	42
Figura 8 - A redução do bairro Aterrado no mapa.....	47
Figura 9 - Vista aérea do bairro, 2019. ....	55
Figura 10 - Divisa entre bairros, 2018. ....	60
Figura 11 - O veículo de tração animal como meio de transporte no bairro, 2018. ....	62
Figura 12 - Quintal de terra, 2019.....	63
Figura 13 - A rua em meio ao córrego, 2019. ....	64
Figura 14 - Varal de fotos do bairro Aterrado/São Geraldo, 2018. ....	77
Figura 15 - Perspectivas do bairro Aterrado/São Geraldo, 2018/19.....	78
Figura 16 - Mulheres bordando. ....	79
Figura 17 - A recusa da mensagem no muro, 2018. ....	83
Figura 18 - Carrinho à espera do trabalhador, 2019. ....	85
Figura 19 - Desenho carregado de afetações, 2018. ....	87
Figura 20 - A feitura do bordado vagonite. ....	94



## LISTA DE SIGLAS

AIC - Área de Interesse Cultural

CRAS - Centro de Referência da Assistência Social

CEU - Centro de Esportes e Artes Unificados

DTecS - Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade

PPG - Programa de Pós-Graduação

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão

MHM - Museu Histórico Municipal Tuany Toledo

NEID - Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Desenvolvimento

NEIRU - Núcleo Estratégico Interdisciplinar em Resiliência Urbana

UAITEC - Universidade Aberta e Integrada de Minas Gerais

UNIFEI - Universidade Federal de Itajubá

UNIVÁS - Universidade do Vale do Sapucaí

ZEIS - Zona Especial de Interesse Social

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO 1 – O LUGAR ALÉM DA MARGEM .....	23
Anunciação do território Aterrado/São Geraldo.....	23
Elementos para reflexões sobre Desenvolvimento .....	29
Pouso Alegre: um ponto da história.....	31
Relembrando o rio Mandu.....	33
ATerraDoSonhos: memórias e caracterizações .....	43
CAPÍTULO 2 - PASSOS CARTOGRÁFICOS .....	66
CAPÍTULO 3 - EXPERIÊNCIAS AO MAPEAR .....	75
Caminhar-mapear.....	80
Bordar-mapear .....	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	96
REFERÊNCIAS .....	102

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como *locus* o bairro Aterrado - o São Geraldo -, em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais. Foi feito um percurso da macro para a microescala: do mapa político mundial para o Brasil, depois para o estado de Minas Gerais, em seguida, para sua região sul, mais especificamente, Pouso Alegre, chegando, finalmente, ao bairro. Esse caminho não foi traçado de modo tranquilo, pois se trata de um percurso muito além de uma elaboração cartográfica neutra. No contato com uma localidade específica há o reconhecimento de que ela faz parte de um contexto maior, ainda que se desloque do todo nas especificidades.

A lupa foi posta sobre o Aterrado/São Geraldo. Há uma duplicidade de nomes: São Geraldo, o oficial, e Aterrado, nome de origem e ainda popularmente reconhecido (FARIA, 2008; BARBOSA, 2015). Como na experiência do território, os dois nomes coexistem, ao longo desta dissertação não será diferente, tendo em vista que os moradores fazem uso dessas duas nomenclaturas para falar das suas experiências com o lugar.

Proposta inscrita nos interesses do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID), compondo o projeto de pesquisa Observatório de Desenvolvimento e Cultura Sul de Minas Gerais<sup>1</sup>.

O Observatório se propõe a debater e a investigar questões do Sul de Minas Gerais a partir de saberes e fazeres locais e, em última análise, atém-se às possibilidades de geração de renda e à identificação das demandas sociais e coletivas por intermédio de políticas e programas públicos.

Os depoimentos sobre o bairro Aterrado/São Geraldo, desde seu período inicial, confirmam a escassez de vários itens básicos devido a problemas ambientais, econômicos e sociais, o que configura a criação de um território deficiente (GOUVÊA, 2004, p.108; FARIA, 2008, p.89). Isso se deve à ausência de políticas de integração do bairro à cidade ou de equipamentos públicos que contribuam para o seu desenvolvimento em igualdade de condições com os demais bairros.

---

<sup>1</sup> Projeto financiado pela FAPEMIG, edital PPM-X nº 02/2016. Disponível em: <<http://nucleoneid.wixsite.com/neid/observatorio-da-cultura>> Acesso em: 19/03/2018.

Portanto, para falar do Aterrado – ou São Geraldo – será utilizado o conceito de território. Território no sentido definido nas junções de Haesbaert (2004), Harvey (1993), Lefebvre (1986), Santos (1994) e Fontes (2018), como sendo um espaço que congrega elementos de descrição política, econômica, social, cultural, simbólica, material, imaterial, funcional, histórica, subjetiva, a constituir um conjunto de relações, laços, afetos, sentimentos, resistências, pertencas, sociabilidades. É uma definição, pois, que supera a ideia de unidade político-administrativa e que ultrapassa mera limitação funcional-espacial-geográfica, visto que é dotado de sentimentos, valores e afetos.

Vale adicionar a concepção de que a potência do lugar é um elemento do território que deve ser incluído na análise social, pois já são reconhecidas a complexidade das relações espaço-sociedade e, sobretudo, a valorização da particular análise de experiências sociais concretas, ou seja, do vínculo dos sujeitos – aqui entendido, com base em Alan Touraine (1994), como aquele ser social que atua (ator), individual ou coletivamente, conscientemente ou não, dentro de seus espaços por direitos, participação e pertença – com seu lugar, conforme apresentada por Ana Clara Torres Ribeiro (2009).

Dentro do contexto anunciado, demarca-se como objetivo principal desta pesquisa a apreensão das experiências individuais e coletivas capturadas no lugar, as quais permitem colocar em debate a relação desenvolvimento e crescimento econômico, com a pergunta central: quais as particularidades da vivência do Aterrado/São Geraldo, pelo olhar de moradoras e moradores, na relação com a cidade de Pouso Alegre?

De forma secundária, objetiva-se identificar os sentimentos e afetos que se tem em relação ao bairro para, depois, revelar formas de sociabilidade que permitem fazer uma leitura do que foi o Aterrado e do que vem a ser o São Geraldo.

Justifica-se isso pela necessidade de estudos e reflexões sobre as dinâmicas socioculturais em territórios tidos como marginalizados em cidades pequenas e médias, pensando a cultura como um dos vetores para o desenvolvimento local. Os projetos do NEID buscam trazer a importância do local e das coisas do lugar para que se constituam processos de conhecimento também a partir das experiências e da vida-vivida.

Considerando-se a proximidade entre a UNIFEI e a região estudada (cerca de 70 km), pode a pesquisa tornar-se uma via de acesso a propostas, junto a essa sociedade, de ações de extensão – intervenções – e de um ensino contextualizado, a resultar num trabalho a serviço da comunidade, na percepção ampliada o termo.

Por se tratar de um trabalho interdisciplinar, o percurso metodológico não estava dado a princípio, daí a sua construção cuidadosa ao longo do exercício investigativo, para que não se fosse perdido o fio da meada nem se enrijecessem as escolhas ou permanecesse na disciplinaridade.

Nesse sentido, há um movimento constante de adequação do procedimento metodológico, que é resultado da composição de ferramentas utilizadas para apreender as vivências e expressões culturais do bairro, exigindo um esforço de interpretação e de constituição de um percurso teórico-metodológico compatível com a proposição.

Em outros termos, a produção de conhecimento sobre um objeto vivo, como é o caso do bairro Aterrado/São Geraldo, exigiu uma interpretação sobre a complexidade das relações, mas também estratégias que lhe cabiam, preferencialmente, a partir de uma metodologia concisa, desde a coleta até análise dos dados.

A primeira etapa inicia-se com o exercício de estado da arte, em que foi feito um levantamento de trabalhos com abordagens correlatas ao tema em questão – estudo sobre cultura e desenvolvimento –, tomando como referência uma abordagem local. A busca por livros, artigos, dissertações e teses deu-se em plataformas virtuais, como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), o Catálogo de Teses e Dissertações CAPES, o Portal de Periódicos CAPES/MEC, a biblioteca eletrônica *Scientific Electronic Library Online* – SciELO e a *Red de Revistas Científicas de America Latina y el Caribe, España y Portugal* – Redalyc.

Para catalogar as publicações selecionadas, os itens relativos ao tema foram divididos da seguinte maneira: Aterrado/São Geraldo (pesquisas diretas sobre Pouso Alegre, o rio Mandu e o próprio bairro); desenvolvimento e cultura; urbanidade; cartografias, saberes e fazeres; e, mais recentemente, gênero – mulher.

Desse catálogo, que conta com cerca de 120 textos, foi possível iniciar o processo analítico do tema proposto; isso decorreu da necessidade de demarcação da produção intelectual dos campos de conhecimentos que os acolhem, bem como dos referenciais bibliográficos, da escolha metodológica, dos registros fotográficos e das experiências em campo.

O material estudado compõe-se de um conjunto de informações obtidas no período de execução da investigação, compreendido entre março de 2017 e fevereiro de 2020. Essas informações, no que se refere aos dados oficiais, têm correlações com a organização

urbana de Pouso Alegre, o que implica aproximações com a história da formação do bairro.

O tema abrange de maneira mais recorrente as áreas da Antropologia, Geografia e Sociologia, com autoras e autores como Bondía (2002), Buttimer (2015), Dowbor (2016; 2017), Pérez-Bustos e Piraquive (2018), Santos (1999; 2013), Tuan (2012; 2013) e Zaluar (2009), que sustentam a discussão localizada nas Ciências Humanas. Sobre a localidade, especificamente, são utilizados textos históricos, como apresentam Toledo (1991), Queiroz (1998), Gouvêa (2004) e Beraldo e Reis (2012). E pesquisas acadêmicas a respeito da cidade com enfoque ou não no bairro Aterrado/São Geraldo, como trazem Faria (2008), Barbosa (2015; 2017; 2018), Miranda; Morato; Kawakubo (2012), Andrade (2014) e Sousa (2014).

Das leituras de Alba Zaluar (2009, pp. 557-584), da perspectiva da fenomenologia e da escolha em apostar num traçado metodológico aberto, realizei o levantamento e a análise dos dados dentro de uma abordagem interdisciplinar, considerando observações no campo da Antropologia a fim do exercício cartográfico, o que leva a constituição de um mapa afetivo do Aterrado/São Geraldo, enquanto um fenômeno social e sociológico a ser descrito.

Essa estratégia permitiu ainda interfaces com a Arquitetura e Urbanismo, Economia, Administração Pública, Ciências Políticas, Tecnologias e, especialmente, com as questões de desenvolvimento e planejamento urbano, estas circunscritas aos aspectos e processos “técnicos” de urbanização da cidade.

Os conteúdos foram organizados em uma espécie de inventário do bairro, para fomentar a pesquisa com informações históricas e geográficas, organizando possíveis registros de cultura material e imaterial, além de ações sociais e culturais. As buscas contaram com banco de dados como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), e em instituições públicas como a própria Prefeitura Municipal de Pouso Alegre, o MHM (Museu Histórico Municipal Tuany Toledo), a Policlínica Municipal e o CRAS (Centro de Referência da Assistência Social), os últimos, localizados no bairro.

As intenções em campo seguiram os seguintes passos: observar o uso dos espaços públicos e privados, no sentido de perceber se há apropriação das estruturas disponíveis e como se dão as trocas entre as pessoas e o meio; (re)conhecer histórias, memórias e subjetividades; interagir direta e indiretamente com o lugar e as pessoas e, sobretudo, deixar-se afetar.

Para (re)elaborar essas experiências, os instrumentos de aproximação e tradução (SANTOS, 2004) utilizados foram: caminhadas pelo bairro, conversas com habitantes, registros fotográficos (arquivos principalmente do MHM e produções próprias desse trabalho), composições gráficas (desenhos, escritos, bordados). E, especialmente, a convivência semanal com um grupo de bordadeiras. Esse último espaço foi eleito como delimitador do trabalho pelo fato de essas mulheres, ao exercerem atividades manuais coletivamente, comporem formas de ser e estar no Aterrado/São Geraldo.

Sobre a dimensão das experiências e experimentações coletivas, elas também aconteceram durante os projetos de extensão<sup>2</sup>: “Fluir Mandu: expressões culturais no bairro São Geraldo” executado no ano de 2018 e “1º Fórum São Geraldo *Que bairro é esse?*”, em 2019. Além disso, houve encontros com as mulheres já citadas, que mantêm um espaço de convivência no bairro chamado “Clube de Mães”, onde bordamos juntas.

Isso foi possível ao me reinserir em espaços cotidianos do Aterrado/São Geraldo.

No começo, não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me a distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado (FAVRET-SAADA, 2005, p.157).

Assim como revela Favret-Saada (2005), se no campo custei a saber o que buscava exatamente e qual seria meu posicionamento ideal nessa busca, por estar vinculada ao lugar sem habitá-lo no momento da pesquisa, os processos seguintes mostraram que “[...] tudo se passou como se estivesse tentando fazer da “participação” um instrumento de conhecimento” (FAVRET-SAADA, 2005, p.157). Enquanto as interações nos espaços de convivência do bairro aconteciam, como diria Bondía (2002), a participação formalizou a experiência (BONDÍA, 2002).

A participação em uma atividade rotineira com as mulheres do bairro, tendo como elemento condutor o bordado, amarrou meu envolvimento com o lugar. Por esse trajeto, não só construímos relatos sobre o real como também desconstruímos cânones etnográficos (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018). O bordado é compreendido enquanto processo coletivo de afetação da intimidade etnográfica, como afirmam Pérez-

---

<sup>2</sup> Ambos os projetos foram devidamente registrados na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX/UNIFEI) e ocorreram como desdobramento dessa pesquisa e de interações em campo. O primeiro, sob responsabilidade integral do NEID; e o segundo, com a parceria do curso de Psicologia da Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS).



Bustos e Piraquive (2018), e é o vetor da produção do real em si mesmo ao criar condições à realidade estudada.

Há nesta pesquisa momentos mais solitários e até intuitivos, a despeito de minha condição participativa e da necessária tarefa de leitura e escrita. Também ocorrem as trocas em meio às próprias disciplinas do PPG DTecS, nas discussões do NEID, por via da extensão universitária e de atividades complementares<sup>3</sup> e aberturas ao debate, que colaboraram para validação da proposta teórica-metodológica. Mas, é no campo em si, sob referências que extrapolam os limites da academia e onde as narrativas e experiências cotidianas saltam, que se apoia esse trabalho.

Dessa maneira, não é uma mera seleção de instrumentos convenientes, mas sim significantes. Em vez de uma produção fechada em nós mesmos (pesquisadoras e pesquisadores), há a preocupação com o fortalecimento do que Santos (1999, p. 21) denomina “saber local” – conhecimento da região, o qual inclui a dimensão do cotidiano e do mundo para a elaboração de um discurso político mais coerente –, que traz como pressuposto a dimensão política das relações.

Da perspectiva posta, o processo teórico-epistemológico é o da relação que se circunscreve entre a construção e a desconstrução na tradução (SANTOS, 2004) ou do que se encontra em campo (AGIER, 2015, p. 485). É a experiência no lugar (TUAN, 2012; 2013), que potencializa as coisas, as relações e as interfaces.

A partir do traçado teórico-metodológico que contribuiu para estabelecer os critérios para a produção do conhecimento (de qual perspectiva se quer produzir o conhecimento sobre determinado objeto), ressalte-se que foram realizadas dezenas de conversas com moradoras e moradores entre 2018 e 2019, com uma intensificação dessas relações nos seis meses finais desse período, por meio de idas semanais ao grupo de bordado e caminhadas pelo bairro.

Os diálogos foram livres e, enquanto “entrevistadora”, procurei manter-me mais ouvinte e menos interventiva. Havia objetividade nos assuntos a serem abordados, não como um roteiro a ser seguido, mas como um direcionamento da pesquisa. Apesar de tais

---

<sup>3</sup> Um exemplo de atividade complementar foi a participação na oficina de “Mapeamentos socioculturais para territórios”, que apontou a construção cartográfica como estratégia de apropriação e organização local. Essa foi oferecida no Centro de Pesquisa e Formação do Sesc em São Paulo, entre os dias 07 de maio de 2018 e 11 de junho de 2018. Disponível em: <<http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/mapeamentos-socioculturais-para-territorios>> Acesso em: 23/05/2018.

diretrizes, não houve qualquer imposição, o que propiciou o aparecimento de informações importantes, ditas e não ditas.

A escolha dos entrevistados se deu pela facilidade de acesso a eles, por conhecê-los pessoalmente antes mesmo da pesquisa ou por serem indicados, conforme as interações aconteciam. Importante é notar o surgimento de escutas na medida em que as relações eram construídas no convívio com as bordadeiras. Tais escutas deram-se na espontaneidade do percurso investigativo e pela confiança adquirida no grupo. De qualquer forma, priorizei pesquisadas envolvidas com as expressões culturais presentes no bairro e que pudessem trazer memórias sobre ele.

Foram trinta conversas formalizadas – realizadas de comum acordo diante da proposta da pesquisa, contando com registro audiovisual ou em caderno de campo – que ocorreram junto a habitantes do Aterrado/São Geraldo, sendo vinte e três mulheres e sete homens, com idades variadas entre 07 e 90 anos, tendo a maioria em torno de 40 anos. Dentre as atividades exercidas, além das bordadeiras, prevalecem as mulheres que trabalham cuidando da casa e da família.

Essas mulheres, conforme a estrutura funcional de nossa sociedade, assumem as atividades do ambiente doméstico, concentradas na localidade, o que lhes permite a interação direta com a vizinhança e com os espaços públicos. Por isso, durante a pesquisa, o ambiente das conversas foi a Policlínica situada no bairro e/ou a própria casa das entrevistadas.

A transcrição das falas incluídas ao longo do texto preserva a identidade dos sujeitos com nomes fictícios, já que se trata de conversas que extrapolam a formalidade de uma entrevista, possíveis por conta da relação de confiança entre quem realizou a pesquisa e quem faz parte do lugar pesquisado. Além disso, em alguns casos, a idade é aproximada, pois, durante a conversa, não foi formulada uma pergunta direta a respeito.

Nesse percurso metodológico, o processo analítico foi, antes de tudo, um exercício dialógico, de ação reflexiva e crítica entre os sujeitos envolvidos, fenômeno que surge da relação una entre pesquisador–pesquisado ou “sujeito–objeto”. Segundo Brandão (2016; 2017), ainda que passe despercebido esse tipo de relação, como se as coisas estivessem postas e não pudessem ser questionados os significados, as interpretações e as reflexões em si, a fenomenologia quer superar tal naturalização.

A autora diz: “É uma postura investigativa em atitude de novidade e espanto, de presença desacostumada com o fenômeno, de frescor e abertura” (BRANDÃO, 2017,

p.23). Pimentel (2016, p. 71) acrescenta que a fenomenologia traz a luz e “[...] são os discursos e fazeres que darão a tônica à compreensão dos fenômenos”.

A importância das experiências vividas em seu cotidiano, tendo como ponto de partida as concepções das mulheres que participam do projeto das bordadeiras na Policlínica do bairro, fortaleceu a perspectiva da pesquisa de dar atenção ao rio Mandu, às caminhadas (por meio dos projetos de extensão) e à convivência com as mulheres pelo bordado, pois do contexto se revelam as vozes, memórias, sentimentos e realidades, permeadas por saberes e fazeres, partindo do pressuposto da localidade, anunciada por Dowbor (2016), como um espaço fértil de revalorização.

Da perspectiva posta na dissertação, há uma tentativa de articular seu conteúdo para que haja alguma fluidez em sua apresentação. Portanto, a estrutura textual parte desta introdução, que traz o tema, os contornos do objeto, a problematização da pesquisa e seu percurso metodológico, e algumas definições, a fim de situar leitoras e leitores.

Nos capítulos sequenciais proponho um panorama, no sentido de adentrar no lugar para tatear sua dimensão cultural, responsável por seu processo de desenvolvimento, e, sobretudo, as experiências que o fazem ser o que é. Na pretensão de descrever, e dessa descrição apresentar um mapa afetivo, tive a preocupação de não perder o horizonte das noções de cultura, do desenvolvimento local e de suas correlações com o espaço-território, estabelecidas pelas escolhas teórico-metodológicas de partida.

Desse trajeto é que se localizam os afetos, as afetações e os sentidos da vida do bairro e das pessoas. Não se trata de dar vida e voz às pessoas envolvidas, mas de permitir que elas falem – na forma de gestos, palavras, ações e participações – e o pesquisador faça a tradução, em silêncio, mas atento aos movimentos presentes no espaço estudado. De olhos e ouvidos abertos é que proponho registrar a vida e as relações no Aterrado/São Geraldo.

Na observação de campo, busquei a identificação das produções de sentido que o existir naquele espaço permite ou possibilita, na perspectiva de tecer “uma teia” de relações estabelecidas. As entrevistas, conforme anunciado anteriormente, foram efetivadas em panoramas dialogais dentro do conjunto de preocupações da pesquisa. Os documentos públicos foram extraídos da prefeitura de Pouso Alegre, relacionados com croquis e informações urbanísticas que demonstram as diferentes formatações urbanas do bairro e suas correlações com a cidade e o rio.

Essas estratégias de levantamento de informações, somadas às atividades de extensão realizadas no escopo desta investigação, reforçaram a importância do uso de imagens fotográficas para ilustração do estudo. Desse entendimento, as fotografias serão utilizadas para demonstração da dimensão visual sobre a realidade urbana do espaço e as possibilidades de relações com o bairro que as pessoas estabelecem, sempre restrito às intencionalidades da pesquisa.

Registro, sobre os dados levantados, que as observações e os diálogos ganharam anotações em um diário de campo e as imagens fotográficas foram classificadas em categorias que representam três interesses: a organização urbana do bairro; as formações de sociabilidades entre as pessoas; os elementos culturais identificados. Tudo com a preocupação de evitar os distanciamentos entre diálogos, imagens, intencionalidades e afetividades percebidas, bem como evidenciar as impressões presentes no campo sobre o lugar, as pessoas, as coisas e os sentimentos.

A ênfase da proposta, conforme declinado anteriormente, assume caráter interdisciplinar em diálogos com diferentes áreas do conhecimento e recursos metodológicos, o que possibilitou a valorização da experiência da pesquisadora sobre o objeto pesquisado.

Dentro desse trajeto, buscou-se descrever, da perspectiva de moradoras e moradores, os aspectos socioculturais da vida vivida no Aterrado/São Geraldo a partir dos seguintes instrumentos: caminhadas pelo bairro; conversas com habitantes; registros fotográficos; composições gráficas (desenhos, escritos, bordados); convivência semanal com um grupo de bordadeiras.

Esta última, estratégia de coleta de dados, espaço eleito como ponto de partida, irradiador de relações interpessoais e delimitador do trabalho. Trata-se de um lugar composto por mulheres que moram no bairro e que durante as atividades manuais vão tecendo suas narrativas e contando suas experiências. Essas informações foram dando vida, corpo, linha, pano e pontos que serviram para formatar as articulações deste trabalho.

A fim de romper com qualquer muro que possa existir no lugar em questão, o primeiro capítulo “O lugar além da margem”, logo em seu título, faz uma alusão às margens do rio Mandu e ao significado do discurso de marginalidade que ainda envolve o Aterrado/São Geraldo e, mais do que isso, à indispensável travessia para outras leituras de seu território.

Esse capítulo é subdividido em: I) Anunciação do território Aterrado/São Geraldo; II) Elementos para reflexões sobre Desenvolvimento; III) Pouso Alegre: um ponto da história; IV) Relembrando o rio Mandu; V) AterraDoSonhos: memórias e caracterizações. Conceituando o termo “Desenvolvimento” para leitura do bairro, contextualizando-o em relação à cidade, ressaltando a importância do rio Mandu em sua constituição física e simbólica e caracterizando-o de maneira a apontar as condições em que se dão suas experiências cotidianas.

O segundo capítulo, denominado “Passos Cartográficos”, discorre sobre os conceitos de cartografia pelos quais peripassei a fim de adequar a construção de um mapa afetivo correspondente ao percurso desse trabalho. Nesse tópico, procurei estabelecer uma mediação entre as informações fornecidas pelas bordadeiras e as correlações com a teoria privilegiada.

No capítulo terceiro, “Experiências ao Mapear”, compartilho sobre a adoção e a adequação do processo cartográfico que se materializou em meio, principalmente, das caminhadas e do bordado. Esse relata como se deram as experiências coletivas na localidade.

Em termos práticos, propus uma subdivisão em dois momentos – ações distintas, dentro da preocupação de dar voz às mulheres do grupo pesquisado, ou seja: I) “Caminhar-mapear”, para contar sobre as idas coletivas a campo; II) “Bordar-mapear”, relatando como se deu a convivência com um grupo de mulheres no bairro.

Na sequência, dentro dos encaminhamentos de “respostas” à realidade encontrada, apresento as “Considerações Finais”, que sintetizam o trabalho para favorecer o esboço das análises e apontamentos. Em seguida, nas “Referências”, encontram-se os títulos que deram rumos ao trabalho.

Registre-se que os capítulos não foram pensados de forma sequencial, mas articulados e conexos. Durante todo o texto se colocará em pauta o que chamo de “Lugar autobiográfico” e “Anunciação do território” (capítulo 1), onde exponho a relevância pessoal para esta escrita dissertativa, bem como trago um complemento descritivo a respeito do ambiente do bairro Aterrado/São Geraldo. Registre-se ainda que a mesma tática é utilizada para apresentar o “Outro lado do muro” (capítulo 2), em que coloco certas imprevisibilidades que se apresentaram conforme as vivências no lugar.

Com referência às *foto(grafias)* utilizadas, estas poderiam ser acomodadas como um ensaio visual para instigar quem lê, transbordando ao evocar outros sentidos que

possam reforçar a palavra ou contrapor-se a ela. Contudo, entendi que teriam mais eficácia se tratadas como um recurso de ilustração que ratificaria ou retificaria um argumento posto.

Em outras palavras, o “Lugar autobiográfico” traz a “Anunciação do território” e acaba mostrando “Outro lado do muro” por meio das “Foto(grafias)”, ou seja, o vínculo entre a pesquisadora e o território pesquisado garante a condição etnográfica, pautada nas vivências em campo, nas conversas, nas observações cotidianas. Portanto, esses quatro recursos, que extrapolam a textualidade da dissertação convencional, são postos como parte integrante–fundamental desse processo de pesquisa, servindo como indicativos do intangível de um trabalho que se consolida no campo do sensível.

Por fim, na predisposição de elaborar um texto mais fluido, não se vislumbra o rompimento com a lógica e o rigor científico. Inclusive, não se deixa de discutir, ao longo do texto, os paradoxos do lugar pelo aspecto cultural. Nele, a homogeneidade do território é desmistificada e a ideia de marginalização convive, não sem tensões, com outras condições.

## CAPÍTULO 1 – O LUGAR ALÉM DA MARGEM

Este primeiro capítulo trata das discussões atreladas ao conceito de Desenvolvimento, enquanto uma categoria de leitura e análise do objeto de pesquisa e, principalmente, situa a discussão de maneira literal ao apresentar a cidade de Pouso Alegre, o rio Mandu e especificamente o bairro Aterrado/São Geraldo. Antes, contudo, faz-se pertinente trazer a ideia de território como um lugar vivo, pulsante, em constante reinvenção.

### **Anúnciação do território Aterrado/São Geraldo**

A urbanização se dá de forma heterogênea e demarcada por relações de poder. No caso de Pouso Alegre, os contrapontos desse processo são perceptíveis a partir do bairro Aterrado/São Geraldo, enquanto lugar carregado de sentidos, em que se extrapola a demarcação física em função de suas territorialidades (BARBOSA, 2018).

Em relação à cidade, as disputas se devem à localização centro-marginal do bairro, por sua proximidade com as águas do Mandu, pela defasagem infraestrutural à qual é submetido desde seu início e às consequentes exclusões ambientais, econômicas, sociais e culturais que persistem em seu território. Uma sobreposição de condicionamentos que fazem-no destoar dos outros bairros.

Em seu interior, há separações e seu espaço pode ser dividido pelas áreas de borda: mais isoladas dos acessos urbanos; intermediárias, com certo nível de acessos; pelas vias de travessia e comercial, onde se estabelecem contato com a lógica da cidade. Essa divisão é primária, evidenciando que há territórios contidos em um só. Questões que serão mais amplamente abordadas ao longo do texto.

O rio Mandu é determinante na relação entre o bairro Aterrado/São Geraldo e a cidade de Pouso Alegre, pois demarca e delimita a expansão urbana. A cidade avança, nos termos do crescimento urbano, mas o bairro se organiza na “precariedade” estabelecida, margeada por “diques” – construções feitas para contenção das águas, principalmente em períodos de chuvas – e a ponte sobreposta ao rio Mandu.

A Figura 1 mostra a ponte sobre o rio Mandu. Localizada na via principal, a Avenida Vereador Antônio da Costa Rios, a ponte sinaliza a existência do bairro, exibindo tanto condições equivalentes às da cidade - por exemplo, quanto à arquitetura e às

sinalizações de trânsito -, como tensionamentos relativos ao lugar, pois em seus arredores há pessoas em situação de rua que circulam pelas margens do rio e por vezes se alojam por ali.

FIGURA 1 - A PONTE SOBRE O RIO MANDU SINALIZA A ENTRADA DO BAIRRO, 2018.



Fonte: NEID (registro da autora).

Logo adiante, em uma rua de acesso ao Aterrado/São Geraldo o bairro passa a se comunicar com a realidade dos “becos” e “vuelas” existentes em seu interior. Os sobrados e casas, como demonstra a Figura 2, não são como os prédios centrais nem como as pequenas casas existentes: fazem uma espécie de passagem de um lugar para o outro.



FIGURA 2 - UMA RUA DE ACESSO AO INTERIOR DO BAIRRO, 2018.



Fonte: NEID.

As habitações vão indicando o tempo e o espaço da cidade. Sobre o bairro em questão caberia um álbum das fachadas e muros, feitos em alvenaria, madeira, ferro, de maneira simétrica ou assimétrica, com inusitadas combinações de cores e texturas que comunicam a adequação, o inacabado e a precariedade. A Figura 3 indica uma rua aberta recentemente. Nela, não há indicação de nome ou calçamento, ilustrando a limitação do planejamento urbano.

FIGURA 3 - A IRREGULARIDADE DA RUA ENTRE O INTERIOR E A BORDA DO BAIRRO, 2019.



Fonte: NEID (registro da autora).

Para além das questões de infraestrutura, há, por parte da leitura de campo da vida cotidiana do lugar, o (re)conhecimento da pluralidade existente no Aterrado/São Geraldo, a qual perpassa as relações travadas por seus sujeitos, espaços, diálogos rural-urbanos e conexões entre a comunidade e o rio.

No transitar das ruas, pedestres, bicicletas, carroças e bichos soltos dividem espaços e seguem seus rumos, dando algum espaço aos carros que vez ou outra querem passar. Na ocupação do espaço público, calçadas e ruas são como extensão das casas, cadeiras e mesas diluem entremeios do privado e público. Se o objeto de estudo está contido nesse emaranhado, pressupõe-se um movimento que permita olhares simultaneamente sensíveis e organizadores.

Nesse sentido, a diversidade cultural revela arranjos criativos e solidários, relativos tanto à abundância, vista, por exemplo, nos saberes e fazeres populares, quanto à escassez, primeiramente estrutural e, portanto, decorrente da necessidade de constante reinvenção no uso do território.

A leitura desse contexto é apresentada nas sugestões de Ribeiro (2009), tendo como ponto de partida o papel das Ciências Sociais, por exemplo, em estudos sobre

modos de vida, meios de subsistência, cultura material, aprendizados intergeracionais, senso comum e cotidiano e, ainda sobre o pensamento social e o território para enunciar racionalidades outras, atentas a uma apropriação mais solidária e justa do espaço, que preferencialmente dialogue consoante com o pensamento social latino-americano, fazendo as necessárias trocas Sul-Sul, que não se limitam à crise societária (RIBEIRO, 2009).

Evidentemente, não se trata de negar essa realidade, mas, de propor que o espaço urbano – além de uma condensação de carências – é também depositário de aprendizados, conquistas e projetos populares, mesmo que estes continuem retidos nas malhas da ordem dominante (RIBEIRO, 2009, 149).

O Aterrado/São Geraldo se mostra como um lugar de reinvenção, de acúmulo de experiências comunitárias e ações espontâneas na rede urbana, nas devidas proporções de uma cidade média. Ribeiro (2009) diz:

O lugar opõe-se ao pensamento único, mas, também, ao politicismo e ao economicismo. Ele é, sobretudo, vida social, memória coletiva, sociabilidade e ação espontânea. Com a distinção entre local e lugar, aqui proposta, procura-se indicar a complexidade dos contextos. Não existem barreiras rígidas entre local e lugar, a não ser aquelas construídas pelos muros que isolam os espaços orgânicos da pobreza dos espaços alisados da modernidade tardia (RIBEIRO, 2009, 153).

Desse ponto de vista, o Aterrado/São Geraldo é aquele existente em meio à noção de modernidade associada às cidades médias, caracterizadas por Andrade (2014) como as que têm funções intermediárias, atraindo moradores de pequenas localidades, por vezes rurais, circunvizinhos por conta da infraestrutura comercial e de serviços disponíveis, além das necessárias atividades de gestão do território, sejam elas públicas ou privadas (ANDRADE, 2014).

Em relação à cidade, o bairro vem se expandindo de maneira paralela, pois diante do modelo de urbanização adotado pelo poder público, mantêm-se os dilemas da desigualdade social e da tragédia ambiental sob a lógica hegemônica de controle e poder. Como afirma Andrade (2016), já nas décadas de 1930 e 1940 o Aterrado/São Geraldo era um dos bairros depreciados pelas elites e pela mídia local, demonstrando que a modernidade e o progresso presentes nos discursos de agentes sociais da época não correspondiam à totalidade do território.

É um modelo de urbanização que altera cursos de rios e despeja resíduos poluentes em seus leitos, justificando tais medidas pela sua inevitabilidade diante do progresso. A expansão industrial e o aumento da população pouso-alegrense - de 38.000 habitantes, na década de 1970, para 120.000, em 1993 - fizeram com que, em nome desse progresso, o rio Mandu, um elemento caracterizante do bairro Aterrado/São Geraldo, fosse consideravelmente descaracterizado<sup>4</sup>.

Na esteira do desenvolvimento local apontado por Dowbor (2016), pode-se dizer que o Estado se ausenta de sua reponsabilidade de aparelhamento estrutural e democrático nos espaços com maiores indicativos de vulnerabilidade social (DOWBOR, 2016), especialmente no interior e nas bordas do bairro, atuando de maneira insuficiente, centralizadora e descontinuada.

Evidenciar o Aterrado/São Geraldo, tido como precário e destoante dos demais bairros de Pouso Alegre, faz desta pesquisa um contraponto ao buscar um posicionamento crítico a respeito de como a cultura é expressa por lá. Trata-se de uma interpretação contributiva para o discurso de desenvolvimento que a cidade adota ao incluir ou excluir esse bairro, contraposta à ideia de que a cultura pode ser uma ferramenta de resistência e transformação social dentre os sujeitos que a vivenciam.

Dentro dessa premissa, alinhada com as colocações de Buttimer (2015) ao aplicar os termos “de dentro” e “de fora”<sup>5</sup> para definir o grau de proximidade entre os atores da pesquisa (BUTTIMER, 2015), registro que passo por ambas experiências: “de dentro”, por ter habitado e frequentado o lugar em grande parte de minha vida e “de fora”, por já não o habitar mais, não ter acompanhado suas dinâmicas nos últimos quinze anos. Buttimer (2015) discorre:

As descrições românticas da vida do bairro podem, de fato, inadvertidamente terem servido para perpetuar mitos como a “cultura da pobreza” ou para trivializar a perspectiva do “de dentro” de recusar a articular isso em uma linguagem que poderia revelar a extensão da injustiça estrutural construída na vida política e econômica contemporânea (BUTTIMER, 2015, p.8).

---

<sup>4</sup> A situação ambiental de Pouso Alegre passou por um levantamento efetuado por um grupo de alunos do curso de Pós-graduação *Latu Senso* para disciplina de “Educação Ambiental”, sob orientação das Professoras Ângela Baeder Martins e Felícia Eugência A. Couto. Intitulado “A ocupação dos solos e suas consequências na saúde dos rios”, de 1994, em sua abordagem o texto contextualiza o rio Mandu historicamente e confronta o crescimento da cidade com seu processo de degradação.

<sup>5</sup> Originalmente, no texto intitulado “*Home, Reach, and the Sense of Place*” (Nova York: St. Martin’s Press, 1980) os termos “de dentro” e “de fora” são equivalentes a *insider* e *outsider*.

Diante dessa colocação, torna-se importante articular as concepções sobre o Aterrado/São Geraldo, localizando-me na circunstância de quem hoje o observa e o vivencia pontualmente. Sem a intensidade cotidiana, vejo-me na condição “do entre” e, antes de tudo, disposta a me responsabilizar pelos contornos dados ao texto, procurando manter coerência na aproximação ou no afastamento, conforme for necessário.

Para compreensão das situações em que vivem as pessoas e a dimensão delas, é preciso ainda, como afirma Pimentel (2016) inserir a história, os contornos e as manifestações que se encerram no território (PIMENTEL, 2016).

A cultura, em sua concepção de complexidade (CARVALHO, 2013), enquanto lugar de ordem, desordem, caos, construções, desconstruções, solidariedades, produção de sentido, traz a noção de existência em um só lugar em meio a suas estratégias de sobrevivência, controvérsias e conflitos cotidianos. Cotidiano que se dá em um contexto, nos sentidos e significados atribuídos por seus sujeitos em cada acontecimento, nos modos de fazer, no espaço em que vivem (PIMENTEL, 2016).

Portanto, refletir ou planejar sobre o desenvolvimento, em suas perspectivas social, sustentável e econômica, pressupõe reconhecer, no sentido de respeitar e valorizar, essas dimensões da cultura, do território e do lugar para se ter uma cidade efetivamente “desenvolvida”.

## **Elementos para reflexões sobre Desenvolvimento**

A última palavra do parágrafo anterior, “desenvolvida”, requer um cuidado quanto à definição de “desenvolvimento” adotada neste trabalho. Esse termo demarca ideologias, por resultar de um modelo hegemônico ocidental em que há concentração de poder para países ricos em detrimento dos mais pobres (PIMENTA, 2014). Entretanto, o discurso comum de desenvolvimento apropriado pelo sistema capitalista o reduz a números e a financeirização da economia, sem considerar a questão social e toda a complexidade abarcada pelo conceito<sup>6</sup>.

Pouso Alegre sofre as consequências desse entendimento generalizado do desenvolvimento, perspectiva que está diretamente vinculada à dimensão do crescimento econômico. Esta cidade se apropria dessa lógica também por suas características

---

<sup>6</sup> Nota pessoal, a partir das exposições sobre as obras de Celso Furtado, como parte do Seminário “Celso Furtado: um intelectual que pensou o Brasil”. Organizado pelo NIBRAHC (Núcleo de Identidade Brasileira e História Contemporânea), no dia, 13 de novembro de 2019, UERJ, Maracanã, Rio de Janeiro-RJ.

geográficas favoráveis na região: considerada de fácil acesso aos grandes centros urbanos do país, como o eixo comercial São Paulo - Belo Horizonte; por estar às margens da Rodovia Fernão Dias, ligada às BRs 459 e 381, a cidade serve de corredor para o transporte de parte da produção industrial entre Minas Gerais e São Paulo.

Trata-se de uma cidade média, de urbanização concentrada, com relevante movimento migratório (ANDRADE, 2014) e uma população estimada, no ano de 2019, em 150.737 habitantes (IBGE, 2019). O território é um lugar estratégico em termos econômicos, onde há dinamização na produção e escoamento das mercadorias (ANDRADE, 2014), perceptível em sua base industrial, que ainda é complementada pelo comércio, agricultura e pecuária.

O estilo de vida capitalista industrial (com suas apropriações tecnológicas e informacionais da contemporaneidade) é hegemônico, e, referenciando a leitura sobre desenvolvimento, de Furtado (1974), traz privilégios para uma minoria especialmente localizada em países cênicos.

Dentro da linha de raciocínio posta, mesmo nesses países, com alta densidade industrial, há forte exclusão social, por não apresentarem empregos plenos e tolerarem a precarização do trabalho pela informalidade (SACHS, 2008). Tal situação se agrava nos ditos países “subdesenvolvidos”, como é considerado o Brasil.

Com maior ou menor contundência para esse modelo vigente, o custo social é elevado e os problemas de distribuição de riqueza, organização urbana e sobrevivência têm se expandido a toda população. Nesse ritmo, sem a devida observância de critérios de sustentabilidade, o desenvolvimento puramente valorizado pelo crescimento econômico causaria um colapso e até a com probabilidade de “extinção” da espécie humana. Talvez, por esse prisma, ainda citando Furtado (1974), seja inviável que os pobres acessem a mesma forma de vida dos ricos.

A pobreza enquanto privação de capacidades básicas de um povo, não somente em níveis econômicos (SEN, 2010), e enunciada como transitória, como uma etapa para a mobilidade social, não se preocupa com a superação das desigualdades estabelecidas (SANTOS, 2013). O discurso do desenvolvimento econômico promete o alcance de padrões desejáveis apenas por meio de esforços dos desfavorecidos, quando, em verdade, esse mesmo desenvolvimento é um mito (FURTADO, 1974) inalcançável.

Com isso, a discussão ampliada sobre o conceito deve superar a ideia de que se trata de um equivalente do crescimento econômico limitado “ao confinamento da lógica

do “progresso”, da “evolução”, dos modelos econômicos competitivos e do mundo industrial e urbano” (PIMENTA, 2014, p.51), quando, na verdade, há uma produção da exclusão e da desigualdade social. Como afirma Dowbor (2017):

Nosso pequeno planeta está claramente sofrendo de um ataque viral chamado homo sapiens. Por vezes, da janela do avião, vendo do alto as manchas urbanas que se multiplicam na superfície da terra, cinza em cima do verde, me dá a impressão de uma doença que se espalha, como manchas que podem aparecer na nossa pele. A imensidão das áreas desmatadas, as numerosas colunas de fumaça que se erguem ao longe, fruto das queimadas, só reforçam esta impressão. Realmente, o mínimo que se pode dizer é que não estamos cuidando bem da nossa casa (DOWBOR, 2017, p.17).

A impressão de Dowbor (2017) é ilustrativa quanto à agressividade do sistema capitalista, motivado pelo lucro, no planeta Terra, agindo de maneira a extrair recursos naturais e a explorar pessoas em situação de vulnerabilidade<sup>7</sup>, contra o que viria a ser um desenvolvimento inclusivo (DOWBOR, 2017). O próprio termo “recursos naturais” reduz a terra a algo passível de ser propriedade, diferente da sua compreensão como parte intrínseca a nossa construção coletiva (KRENAK, 2019).

Fala-se então do desenvolvimento como conceito multidimensional, em que a solidariedade está posta de maneira ética, com preocupação social e ambiental, e o crescimento econômico é instrumental, já que o crescimento é incorporado no desenvolvimento, sem garantir o desenvolver nele mesmo (SACHS, 2008).

Sendo assim, a incursão por Pouso Alegre, e especificamente pelo bairro Aterrado/São Geraldo, é feita a partir de uma visão mais ampla: de desenvolvimento. E ainda entendendo, assim como Rolnik (1995), que a cidade capitalista se baseia na privatização da terra e da moradia o que gera a segregação espacial e a luta pelo espaço. Condição explicada aqui em parte pela história e pelas experiências no lugar.

## **Pouso Alegre: um ponto da história**

Pouso, do latim *lat pausare*, no sentido de “estar apoiado ou firmado; repousar”, Alegre, do latim *alacrem*, “que causa ou traz alegria” (MICHAELIS, 2018) – apoiar-se em um lugar que causa alegria, Pouso Alegre. O próprio nome é um convite à cidade. Se este sugere a permanência, apenas o senso comum de que a cultura mineira é acolhedora

---

<sup>7</sup> A vulnerabilidade social diz respeito a pessoas que estão em condições de subordinação, de dependência de favores alheios para sobrevivência (SERRÃO; ALMEIDA; CARESTIATO, 2012).

não bastaria para isso. A soma da localização à sua implicância econômica certamente faz dela uma cidade atrativa, que se propõe desenvolvida.

Segundo Gouvêa (2004), em torno do ano de 1740, a exploração do ouro, mais especificamente em Ouro Fino e em Santana do Sapucaí, onde fica a atual Silvianópolis, fez com que aumentasse a circulação de pessoas e de produtos na região. Nessa época, as inundações das várzeas dos rios Mandu e Sapucaí levaram à instalação de um rancho para acolhimento de viajantes que por ali passavam, nomeado “Pouso do Mandu” (GOUVÊA, 2004).

Quando o rancho veio a caracterizar-se como arraial, houve a implantação do posto fiscal “Registro do Mandu”, em 1755. Com isso, buscava-se evitar o desvio clandestino do ouro e o não pagamento do “quinto<sup>8</sup>” à coroa portuguesa (GOUVÊA, 2004). Mais adiante, em 1810, foi implantada a freguesia de São Bom Jesus dos Mártires de Pouso Alegre, por alvará régio de dom João VI, príncipe regente de Portugal e, posteriormente, o local passou a ser nomeado como Pouso Alegre (GOUVÊA, 2004).

Fala-se de uma cidade por onde o fluxo de bens ocorre desde sua formação. De meados do século passado (Séc. XX), principalmente a partir de 1960, Pouso Alegre passa a ter um papel importante no Sul de Minas Gerais, dentro das concepções da época, referentes ao fluxo de bens, mercadorias e serviços.

Esse processo se afiliou ao plano de urbanização nacional. A implantação do setor industrial, das rodovias, do crescimento de comércio e de serviços fez manter o seu status de cidade economicamente desenvolvida (ANDRADE, 2014). Sugere-se que a noção de progresso, nos moldes das grandes cidades, gerou a repetição de ações urbanísticas voltadas à manutenção da economia. Um “mecanismo relojoaria” é o que sustenta poderosamente a ideia da cidade planejada (ROLNIK, 1995, p.61).

Prioriza-se então, o centro (o sistema viário circundante) e toda a estrutura necessária para a instalação industrial e comercial, o que não garante a distribuição equânime das riquezas em seu território, aproveitando-se da vulnerabilidade das minorias<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> O quinto é o pagamento de um direito de entrada e capitação, uma instituição tributária de origens no direito feudal ibérico. Incide-se um quinto sobre a produção aurífera e o comércio de escravos e gado no período colonial brasileiro (RENGER, 2006).

<sup>9</sup> O termo “minorias” é usado aqui no sentido qualitativo. Segundo Chauí, o pensamento político liberal definiu que, as pessoas que teriam direito à cidadania seriam aquelas não dependentes de outros para viver – maioria racional. Assim, dependentes são aqueles que compõem o estado de minoridade racional, como no caso das mulheres, crianças, adolescentes, trabalhadores e dos “selvagens primitivos” (africanos



A classificação da cidade é dada conforme a distância tomada em relação ao campo, a sua proximidade com o cultivo de alimentos, o período mais quente do ano, as dinâmicas de trabalho no decorrer do dia e da noite. Em outras palavras, o rompimento com a agricultura, a domesticação do inverno e a conquista da noite compõem uma escala que mede a distância entre a natureza e o artifício.

Para Tuan (2013), quanto mais próxima do artifício, mais a cidade é urbanizada, quanto mais próxima da natureza, mais resistente é a ruralidade; trata-se de um critério antes físico do que sociológico. Assim, esse autor reitera que não é uma escala progressiva de evolução: “É uma ilusão pensar que as cidades necessariamente se desenvolvem para um estado em que rompem as amarras com a natureza para outro (...)” (TUAN, 2013, p. 14).

Nesse sentido, a observação sobre a necessidade de existência de água potável nas cidades justifica a preocupação com a proximidade de algum rio. Em Pouso Alegre, dentre outros, o rio Mandu se destaca e é sobre ele os parágrafos seguintes.

## Relembrando o rio Mandu

Novamente, observar o que dizem os nomes. O do rio Mandu é constituído pela derivação do tupi-guarani *mandi-yu* (*mandi* = peixe e *yu* = amarelo), em função da abundância de peixes com essas características em suas águas (QUEIROZ, 1998).

Os vestígios de memórias do Senhor Ubirajara, morador das margens do Mandu desde nascido até os dias de hoje, com seus 90 anos, traz referência aos tempos de abundância de peixes no rio, como relata: “(...) Eu sou forte porque sempre comi ensopado de mandi”<sup>10</sup> –. Os mandis eram parte importante das refeições nos lares do bairro Aterrado/São Geraldo.

A relação entre o bairro e o rio se dava no aspecto cultural, sendo a influência alimentar parte dos atributos, já que para comer o peixe é preciso saber os modos de seu

---

e índios). Esses formam a minoria. Nota pessoal, a partir da fala da filósofa Marilena Chaui, durante a aula “Breve história da democracia”, no curso “A democracia pode ser assim: história, formas e possibilidades”, parte do Seminário Internacional “Democracia em colapso?”, organizado pela editora Boitempo e o Sesc São Paulo, entre os dias 15 e 19 de outubro de 2019, no Sesc Pinheiros, São Paulo/SP.

<sup>10</sup> Todos os fragmentos de falas registrados no corpo da dissertação são extraídos das entrevistas e observações de campo realizadas na investigação. Assim, por questões éticas citei apenas o primeiro nome do pesquisado, mesmo tendo ele dado a permissão para o devido uso das informações.

preparo e, antes disso, alguém deve tramar balaio e rede, tratar a vara, ter a habilidade da pesca em si, conhecer o rio.

Os próximos parágrafos devem se encarregar da caracterização do rio e das condições históricas, sem perder de vista essa relação cultural, uma vez que o rio é elemento central de formação, organização e caracterização do que se chamou “Aterrado” e, mais tarde, transformou-se, sem apagar a memória do lugar, em “São Geraldo”.

A bacia do rio Mandu possui uma área de 98 Km<sup>2</sup>, com a extensão de 46 km na direção Leste-Oeste. Ao lado direito, a bacia do rio Mogi Guaçu, que nasce no município de Bom Repouso e, ao lado esquerdo, a bacia do rio do Cervo, cuja nascente é em Ouro Fino/MG, bairro Itaguaçu. Seus principais afluentes são os rios Pântano e Anhumas (SOUSA, 2014). Seu leito passa pelas cidades mineiras de Ouro Fino, Borda da Mata e Pouso Alegre, onde chega em sua foz no Sapucaí Mirim (TOLEDO, 1991).

A região banhada pelo rio Mandu tinha rica fauna, flora e mata ciliar. Sua beleza topográfica, a terra fértil, abundância de água e a piscosidade do rio eram um convite à fixação de colonos na região (TOLEDO, 1991). Entretanto, em 1848, após a emancipação do município de Pouso Alegre, iniciaram-se os aterros para conter as cheias do Mandu, facilitando o deslocar das pessoas para as áreas à sua direita (GOUVÊA, 2004).

Como muitos outros rios Brasil afora<sup>11</sup>, o rio Mandu era tido como fonte de subsistência e renda, via de transporte e espaço público de lazer e práticas de esportes. Ainda hoje, a bacia hidrográfica do Mandu atende a diversas demandas, desde o consumo humano, irrigação, dessedentação animal, abastecimento e manejo de indústria, mineração, dentre outros usos (SOUSA, 2014).

A análise de fotografias contidas no acervo do Museu Histórico Municipal Tuany Toledo (MHM) reforçam que os aterros alavancaram a ocupação de suas margens, em meados de 1930, mesmo período em que foi construído o primeiro pontilhão naquela altura do rio.

Como demonstram as Figuras 4 e 5, a ponte do rio Mandu nos anos de 1935, era ocupada por quantidade relevante de pessoas que observavam aqueles que ali remavam,

---

<sup>11</sup> Turino (2005) inspirado pela trilha de Macunaíma, assim como no romance, conduz-nos às contradições da cidade e leva-nos a perceber o quanto a qualidade de vida, muitas vezes, remete a costumes passados. É o caso da interação das pessoas com o rio, quando em um dos capítulos, intitulado “A cidade descobre o lazer: o rio Tietê - a muiraquitã de São Paulo”, os rios são elencados como grandes pontos de encontros, de sociabilidades. As atividades econômicas também eram intensas. O rio Tietê possibilitou o transporte de mercadorias e pessoas e a extração de areia e pedregulho até meados de 1950, quando esses últimos recursos se esgotaram. (TURINO, 2005).

algumas se banhavam e eram dadas as posturas de ócio.

FIGURA 4 - O RIO MANDU EM PLENO USO RECREATIVO NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.



Fonte: Acervo do MHM - “Nadadores no Lava-cavalo, 1933”.

O rio Mandu, por ser reconhecido enquanto espaço de sociabilidade, tem nas enchentes, principalmente neste início de século, também uma oportunidade de diversão para moradoras e moradores da cidade. Porém, o projeto de modernização da cidade leva a um processo de monetização, ou seja, ele é visto como um elemento a serviço do interesse humano – um recurso natural, esse fato faz com que surjam desequilíbrios ambientais e socioculturais (FURTADO, 2019).

FIGURA 5 - A OCUPAÇÃO DO RIO E DA PONTE PELAS PESSOAS.



Fonte: Acervo do MHM – “Ponte do rio Mandu, 1935”.

O Senhor Ubirajara deixou de ter o ensopado de mandi ao seu alcance, pois, para a cidade crescer, no decorrer dos anos, ocorreu uma série de interferências no leito do Mandu: aterros, transposição, extração de areia e, por consequência, o comprometimento da mata ciliar, assoreamento e poluição.

A Figura 6 ilustra a parte visível da degradação atual as margens do rio. Contrapondo, um homem intenta a pesca, como indício de motivos circundantes à resistência cultural e/ou precariedade alimentar.

FIGURA 6 - MARGENS DO RIO MANDU, 2019.



Fonte: NEID (registro da autora).

Cabe ressaltar que o rio Mandu serve a Pouso Alegre, mas o bairro pelo qual ele passa é o Aterrado/São Geraldo. Com a informação do senhor Ubirajara, dentro da reflexão proposta por Furtado (2019), digo que nas áreas menos estruturadas, habitadas pela classe trabalhadora, concentram-se os problemas ambientais, distribuídos desigualmente pela cidade.

O rio Mandu, que deveria ser harmonioso, enquanto símbolo da relação sujeito-ambiente, ao ser empurrado para a invisibilidade, sofre interrupções em seu fluxo. Ao mesmo tempo, sua existência é indissociável de valores culturais que, quando harmônicos, possibilitam a dinamização de trabalho e renda (BARROS; JÚNIOR, 2011), como era o caso da pesca e das olarias em suas margens.

Dona Jurema, na fala abaixo, traz memórias a respeito da prática nas olarias que vão sendo remontadas, conforme discorre sobre o bairro; ela se lembra dos afazeres de seus pais, que se dedicavam diariamente à atividade, garantindo o sustento de toda a família.

Trabalhava só em oraria, porque meu pai só fazia... vivia só de oraria... sabe? Então eu ficava ali. Era batendo tijolo, virando tijolo, engradanu, ponu nu fornu... (...) Ele trabalhava, ainda depois passou pra ele a oraria, por tempo de casa. (...) Tinha bastante oraria... (...) minha mãe trabalhava sempre na oraria também, minha mãe nunca trabalhou fora. Ela gostava muito de fazer aquelas coisas né? De... bater o tijolo né? Pô no chão, tirá, virá. Porque tinha que pô no chão pra secá, quando secava nois engradava ele (...) levantava cinco hora da manhã pra batê tijolo.<sup>12</sup>

São as olarias, um dos exemplos de saber-fazer que se desdobram dessa proximidade. Nesse sentido, a atenção sobre o desenvolvimento que supere a ordem econômica, incluindo a pertinência das estratégias sociais de sobrevivência e de geração de renda (PIMENTA, 2014), confere a essa atividade certa importância para a comunidade local.

Turino (2005) afirma que, ainda no final do século XIX, por conta das atividades extrativistas, dezenas de olarias foram instaladas, concomitantemente ao advento das construções de alvenaria. Era o momento da substituição das casas de taipa (TURINO, 2005). Há então, uma prática de acordo com o projeto de “desenvolvimento” que estava em andamento, muito ligado ao aumento da produção e do lucro.

---

<sup>12</sup> Dona Jurema, 60 anos, moradora por anos das margens do Mandu.

É concomitante a esse período a atividade das olarias no Mandu, que geravam trabalho a muitos moradores e moradoras do bairro Aterrado, envolvendo famílias inteiras no feitiço de tijolos naquela área de várzea. As falas de Dona Jurema, carregadas de afeto na feitura de tijolos e no lugar onde acontecia, sinalizam como esse trabalho era mantido por gerações e demarcado pelas características do terreno – alagadiço, com terra e água em abundância, demonstra a cultura que o sustenta.

Segundo Williams (2015) a cultura é comum a todos, e suas formas, propósitos e significados são variáveis de acordo com cada sociedade (WILLIAMS, 2015). O indivíduo, ao assimilar esse conjunto (de formas, propósitos e significados) está apto ao trabalho, à observação e à comunicação, e, do mesmo modo, poderá ressignificar a cultura a partir de suas experiências (WILLIAMS, 2015).

Ao evocar a dimensão cultural das olarias, faz-se indispensável pontuar o emprego do termo cultura alinhando a Raymond Williams (2015):

Uma cultura tem dois aspectos: os significados e direções conhecidos, em que seus integrantes são treinados; e as novas observações e os significados que são apresentados e testados. Esses processos são ordinários das sociedades humanas e das mentes humanas, e observamos por meio deles a natureza e uma cultura: que é sempre tradicional quanto criativa; que é tanto os mais ordinários significados comuns quanto os mais refinados significados individuais (WILLIAMS, 2015, p. 5).

Como coloca o autor, há uma complexidade própria da dimensão cultural, o que posiciona a atividade de produção dos tijolos no contexto do Aterrado como uma atividade singular se comparada à feitura em outros contextos. São as pessoas, com toda a carga que lhes cabe de classe, gênero e raça, ao usarem o território em determinadas condições e produzirem a partir dele trabalho e renda que dão dinamismo à localidade, que a mantêm ativa em aspectos como a economia e a cultura.

Mesmo diante dessas possibilidades informais e criativas de geração de renda, hoje assimilada à lógica de mercado, as incompatibilidades dificultam a manutenção desse processo em pequena escala e artesanal. Com o domínio da construção civil pelas grandes empresas, as regulamentações e demandas sufocam iniciativas familiares.

A lembrança de Kadu<sup>13</sup>, sobre os tempos em que trabalhava na produção de tijolos, telhas e derivados de barro na olaria, estabelece uma forte relação entre o rio – provedor

---

<sup>13</sup> Entrevista com Kadu, 52 anos, morador do bairro e proprietário de uma das olarias desativadas, no final da tarde de 17 de setembro de 2019.

de matéria prima – e o processo de geração de renda de parte das pessoas do bairro. Relata que o fabrico artesanal do artefato parou, na sua visão:

(...) porque hoje não tem a matéria-prima mais pra fazer, a terra boa mesmo, tem que comprar, tem que vir de fora. Antigamente pegava na lagoa aí, isso aí era tudo lagoa né, era tudo buraco, então pegava. (...) Isso vem de geração em geração, meu vô fazia (...). Só olaria. Aqui, tudo isso aí era olaria, essa parte inteirinha aí. Tudo criou filho e neto aí, o vô dela mesmo, o bisavô desse rapaizinho (...) esse terreno aqui desde 1940 tá aqui (...) Pouso Alegre foi criado pelas olarias, antigamente não existia tijolo de cimento (...) o foco era aqui, no bairro São Geraldo mesmo, toda vida foi aqui, chegou a ter umas cem olarias mais ou menos, é porque isso aqui tudo, lá pro outro lado lá, lá pra trás no outro campo lá. Hoje não, hoje é cidade bendizê (...) aqui no bairro, uns dez anos atrás ainda tinha, umas longe tinha, mais aí, como não tinha terra mais, tinha que compra, num compensava (...) cada família tinha o seu: eu tinha o meu, eu vendia, ele tinha, ela vendia (...) pro pessoal aqui de Pouso Alegre ué, por exemplo, aquele Hospital Regional mesmo, aquele hospital foi tudo feito de tijolim, mas num era só uma olaria, várias olarias porque não vencia fazê. (...) Argila, terreno.

Está posto, com base no relato de Kadu, que o fabrico do artefato era passado de geração a geração, assumia um caráter familiar e informal. Aos olhos da urbanização da cidade e das transformações das relações capital *versus* trabalho, está implícito que as modificações no curso do rio Mandu, os aterramentos para a expansão das avenidas ligando Pouso Alegre à Fernão Dias e a sedução pelo crescimento econômico (e suas consequências) inviabilizaram a continuidade do fabrico.

Quando perguntado sobre o porquê de manter as ruínas da olaria, Kadu conta que “aquilo lá é uma história né? Aquilo lá faz mais de uns sessenta anos, ou mais. (...) Eu tô querendo desmanchar, mas não acho jeito. (...) Aí era pura mata, tá mudando tudo aí”. Na realidade, há uma relação sentimental com a “coisa” e com o que os vincula ao lugar. Não se trata de uma olaria em ruínas, mas da manutenção da terra, das lembranças e das identificações com o mundo estabelecido naquele local. Essa caracterização, um certo saudosismo, perpassa toda a conversa estabelecida com o pesquisado:

Esse terreno aqui faz mais de cem anos, isso aqui era um poço de areia, a turma fala. O barco descarregava ali, o barco de areia, o rio que vinha aqui. Não era aquele rio lá do lado de lá, o rio vinha aí, hoje não tem mais.

No trecho da entrevista privilegiado acima, além de Kadu, a conversa contou com a interlocução de Yara (34 anos) e de seu filho Guaraci (7 anos). Mãe e filho também moram no Aterrado/São Geraldo. Antes da realização da entrevista com Kadu, estava conversando informalmente com Yara sobre as famílias que moram no bairro e ela se ofereceu para me acompanhar até aquela olaria que fica no final de sua rua, em uma das



bordas do bairro. Por iniciativa própria, ela acabou intermediando o contato com Kadu, cuja conversa aconteceu na pastagem ao lado da olaria de Kadu.

As olarias, lugares de manutenção do artefato nos modos de saber e fazer, é que foram se readaptando enquanto puderam perante as demandas mercadológicas, culturais e ambientais. Como afirma Sen (2004), é necessário atenção a dinâmicas como essa, para que não haja uma postura de “pacientes”, mas de “agentes” que exerçam conscientes a liberdade de atribuir valores a determinadas questões, perguntando, por exemplo, como as prioridades ambientais deveriam ser encaradas. Fala-se, então, em preservar e possivelmente expandir as liberdades substantivas, pensando-se no acesso compatível das futuras gerações (SEN, 2004).

Sen (2010) trata das diferentes formas de liberdades existentes e complementares. No caso da substantiva, grosso modo, diz respeito a uma liberdade real, em que o sujeito tem autonomia nas tomadas de decisões/ações e condições dignas de vida (SEN, 2010). Ou, como diria Furtado (1984), os fins substantivos proporcionam um reencontro com o gene criativo e com as potências humanas.

Nas olarias, via-se a apropriação das condições do lugar, e a terra e a água eram as matérias-primas que ganhavam e davam forma e contribuía para a ocupação do bairro. Curiosamente, apesar da produção de tijolos ser a fonte da renda familiar, a casa própria da família de Dona Jurema manteve-se por muito tempo em taipa. Os tijolos, relacionados diretamente ao crescimento das cidades, como material para a construção de casas e prédios, tornaram-se inacessíveis àqueles que os fabricavam.

Também não existem registros de como eram de fato as condições de trabalho nas olarias. O que se percebe, nos poucos relatos, é o caráter artesanal da atividade, realizada com ferramentas rudimentares somadas aos saberes transmitidos por gerações. Como afirma Fonseca (2016), dos processos de construção comunitária, baseados em transmissões orais de costumes e práticas e no convívio cotidiano, são poucos os registros oficiais, o que impossibilita a clareza de suas realidades e desses territórios em relação às cidades em que estão inseridas (FONSECA, 2016).

Contudo, a olaria pode ser colocada aqui como um símbolo de interação entre habitantes do Aterrado/São Geraldo e o rio Mandu, sendo, portanto, um elemento identitário.

FIGURA 7 - OLARIA DESATIVADA, 2019.



Fonte: NEID (registro da autora).

Como se percebe na Figura 7, hoje essas estruturas, que um dia foram carregadas de envolvimento local, quando resistem no bairro, são mais ruínas do que algo em funcionamento. Deveria ser possível estabelecer estratégias – conjuntas, entre trabalhadoras e trabalhadores, poder público e mercado – de uso equilibrado da natureza a favor da comunidade local (SACHS, 2009), a fim de garantir a adequação desse arranjo que abrangem o âmbito ambiental, econômico, cultural e social.

A partir da valorização das experiências do saber-fazer, percebe-se o conjunto de mecanismos de negociação que a cultura, dentro do processo de geração de renda pode estabelecer: para além da resistência, a valorização da diversidade cultural e principalmente a reivindicação de políticas públicas culturais a fim de garantir a manutenção do que tem sido feito localmente (PIMENTA; MELLO, 2014).

Ao articular cultura e desenvolvimento, saltam as subjetividades e imaterialidades, fomentam-se movimentos de conhecimento, reconhecimento e autoconhecimento. Em outras palavras, compõe-se a identidade. O território é um aspecto

identitário relevante por remeter a características físicas e simbólicas (BROD; MAZZARINO, 2005).

Como algo em construção, a identidade está atrelada aos outros e às situações presentes no mundo, não é rígida, mas sim, ativamente negociada (PIMENTEL, 2016). Acrescenta-se ainda a necessidade de valorização da diversidade cultural sem o desperdício dessas identidades (BARROS, 2008; BARROS; JÚNIOR, 2011).

## **ATerraDoSonhos: memórias e caracterizações**

A reflexão sobre o bairro do Aterrado/São Geraldo, mesmo pelo olhar das bordadeiras do projeto da Policlínica, avivou minha lembrança de bairro, o que chamo de “lugar autobiográfico”, no sentido apresentado por Rosane Preciosa (2012, pp.59-60):

Escrevemos para dar visibilidade ao invisível, para responder ao chamamento das nossas marcas, que o corpo carrega consigo. (...) E o sujeito que somos, e que vai escrever, não preexiste ao que escreve, ao contrário, vai se produzindo nesse fluxo de encontros, que vai registrando. Sente o tempo todo que está apenas provisoriamente pronto. Saber disso é contar com um amparo mínimo e necessário para prosseguir.

Tenho me atentado às raízes, ouço o toque do tambor, escolho tomar chá de alfavaca, detenho-me com as histórias contadas por minha avó materna - a anciã mais próxima em minha existência. E se eu tiver de eleger o lugar que habita minhas referências mais lúdicas para me apropriar instintiva e coletivamente dos espaços, escolho o bairro Aterrado, o São Geraldo.

Nesse território, minha família, até então retirante, constituiu-se desde a década de 80 do século XX. Por lá, minha avó Maria Das Dores construiu casa própria, participou ativamente da vida comunitária e religiosa em sua vizinhança, e ainda colaborou para a emancipação das pessoas que dela se aproximaram. Porém, quando o salto de uma classe trabalhadora possibilita o acesso ao consumo, há um impulso, um quase deslumbramento para uma vida que possibilite o tão desejável bem-estar, mesmo que individual.

Desse ponto de vista, os filhos de Dona Maria da Dores trataram de construir suas casas em bairros considerados organizados, onde não tivessem que lidar com a pobreza, com os ruídos da violência. Eu, ainda criança, assisti a esse processo de forma ingênua, acompanhada de um incômodo não verbalizado.

Em 2015, minha avó e outros núcleos familiares próximos ainda residiam no Aterrado/São Geraldo, mas a geração seguinte o frequentava apenas nos almoços de domingos. O distanciamento facilitava a reprodução do discurso pautado na escassez, comum a quem vê o bairro a distância ou a quem quer estar distante. Até que, em setembro desse mesmo ano, um primo foi assassinado em uma rua paralela à que morava. Era mais um jovem envolvido no tráfico de drogas naquele território – luto.

Restaram da família apenas os que de fato não alçaram o acesso ao mundo ordenado, seguro. Não por acaso, esse é o núcleo da tia Maria Lúcia, a mulher que, com a minha avó, tem uma relação quase de mãe e filha, não fosse pela inferiorização, ainda que velada, da raça negra, a qual ela e seus filhos pertencem.

Essa questão da raça (e do território), por si só, renderia muitos parágrafos, mas ficará aqui como um recorte-agravante, assim como é intrínseca a relação de classe e o gênero a essa e a tantas outras narrativas.

Pessoalmente me afetam as pessoas e o meio ambiente em que elas vivem. Ao buscar os sentidos de minha história e do lugar que compreende muito de nossa identidade, em um processo de tomada de consciência, é muito caro para mim, construir um paralelo que explique como as circunstâncias ganham dimensões tão complexas como a relatada há pouco.

Em outra perspectiva, se o território que me traz tantas memórias positivas e de pertencimento pode também ser agressivo a ponto de expulsar seus habitantes para outros lugares, inclusive não terrenos (morte), o que explica tal contradição?

Essa inquietação me levou ao exercício de ressignificar vivências. Na graduação percebi a importância de se fomentar a geração de renda para a emancipação social. E junto a ações coletivas carregadas de poesia pela cidade afora, o potencial transformador da cultura ficou evidente.

Em 2017, o anseio por bases teóricas/conceituais, metodológicas e analíticas que possibilitassem uma leitura mais crítica do território do Aterrado/São Geraldo me levou a apresentar o então projeto “ATerraDoSonhos - belezas de um território marginal” ao PPG DTecS. O título foi alterado ao longo do exercício dissertativo para melhor adequá-lo aos novos contornos do trabalho e à proposta do Programa.

No esforço de síntese, para explicar o título inicial, apresentei os seguintes argumentos:

1) ATerraDo. O território passou por muitos aterros, originalmente se chamava Aterrado (e ainda o é informalmente). A terra materializa, possibilita a fixação de raízes que se adaptam conforme as condições do solo; traz à tona o lugar, com todas as suas tensões, vistas nos próprios aterros, enquanto intervenção direta do homem nas condições naturais do lugar;

2) (Do) Sonhos. Assume as incertezas, os devaneios transcendentais no tempo e o espaço, nas memórias e tradições sobre o bairro ou no que ele pode vir a ser quando atingir as promessas da modernidade; ou ainda, na hipótese da reintegração do território ao rio Mandu. Há ainda o paradoxo entre a(s) beleza(s) e o marginal. Esta indica a borda das coisas quando a atenção está voltada para o centro, numa hierarquia definida, em que ser ou estar marginal é por conseguinte inferior ou ruim e demanda um esforço de valorização de dentro para fora e uma autoafirmação, para que seja percebido como algo tão importante quanto o que é belo. Sobre as belezas, confesso que intimamente são a elas que me dedico.

A partir desses argumentos, seria o título, então: “A terra (Aterrado) dos sonhos: belezas de um território marginal”, uma apropriação de suas referências simbólicas. Contudo, no transcurso da investigação, as transformações foram elaborando os contornos da proposta. E, nesse processo formativo, reconheço, no papel de pesquisadora, minha não neutralidade.

Nesse sentido, o esforço passa a ser maior, tendo em vista acreditar que trago um tema visceral, o qual exige certa vigilância para que haja sempre o equilíbrio entre a razão e emoção. Ou seja, há um cuidado de minha parte para a garantia de uma pesquisa que possa inspirar novos olhares, novas experiências por entre as ruas do Aterrado/São Geraldo (ou em lugares semelhantes). E que também contribua para o entendimento mais holístico a respeito do contexto de cidades médias em que o bairro se encontra, considerando a cultura como um dos vetores de desenvolvimento.

Assim, alterou-se o título para “Bordando um Mapa Afetivo do Lugar: um estudo sobre Cultura e Desenvolvimento no bairro Aterrado/São Geraldo em Pouso Alegre/MG”, e, além disso, dispus-me a trabalhar os dados com mais cuidado e vigilância, sem perder de vista os afetos e as afetações<sup>14</sup> que as mulheres bordadeiras explicitaram.

---

<sup>14</sup> Os termos “afetivo”, “afeto” ou “afetação” referem-se a uma relação com o território que não passa despercebida. Pelo contrário, é capaz de se desdobrar em sentimentos e emoções como estranhamento, incômodo, identificação, bem-estar, etc, de modo que a relação sujeito-ambiente é de constante troca.

Como já mencionado, diante das inundações do rio Mandu, ainda no período coincidente à emancipação da cidade, foram realizados aterros próximos às margens do rio, que possibilitaram a constituição do bairro Aterrado/São Geraldo (FARIA, 2008).

Faria (2008), ao caracterizar o Aterrado/São Geraldo, atém-se à área da saúde, relacionando a qualidade desta à produção do espaço urbano. Analisa assim a relação entre o território e seu processo saúde-doença. O autor utiliza-se de referências cartográficas e imagéticas, históricas e atuais que possibilitam um comparativo na constituição do bairro, demonstrando elementos como ruas e casas, presença de vegetação e áreas mais sujeitas a alagamento, assumindo a relação direta dos alagamentos no bairro, com suas defasagens, sobretudo na saúde, já que por muitos anos a enchente fez parte da vida das pessoas, mesmo que em diferentes proporções (FARIA, 2008, p.82).

O autor acrescenta que a presença de áreas de proteção ambiental (APA) indica os vazios populacionais no bairro, por serem mais rebaixadas e sujeitas a alagamentos. Entretanto, a “invasão irregular” sob os aterros é uma realidade entre muitas casas e ruas clandestinas (FARIA, 2008).

A invasão, segundo Michel Agier (2015), é a maneira encontrada pelos mais pobres de exercerem seus direitos de permanência e de obterem algum tipo de acesso à vida urbana (AGIER, 2015). Nesse sentido, o termo “invasão” deve ser substituído por “ocupação”, entendendo que o direito a habitação deve ser garantido, ainda que de forma irregular, diante da ausência do Estado.

Com a relevância populacional sob os aterros, o nome original do bairro é Aterrado. No entanto, em 1927, a população reivindicou a mudança de seu nome por meio de um decreto da Câmara Municipal, e, desde então, o bairro do Aterrado passou a se chamar São Geraldo (FARIA, 2008, p.76). Observa André Barbosa (2015):

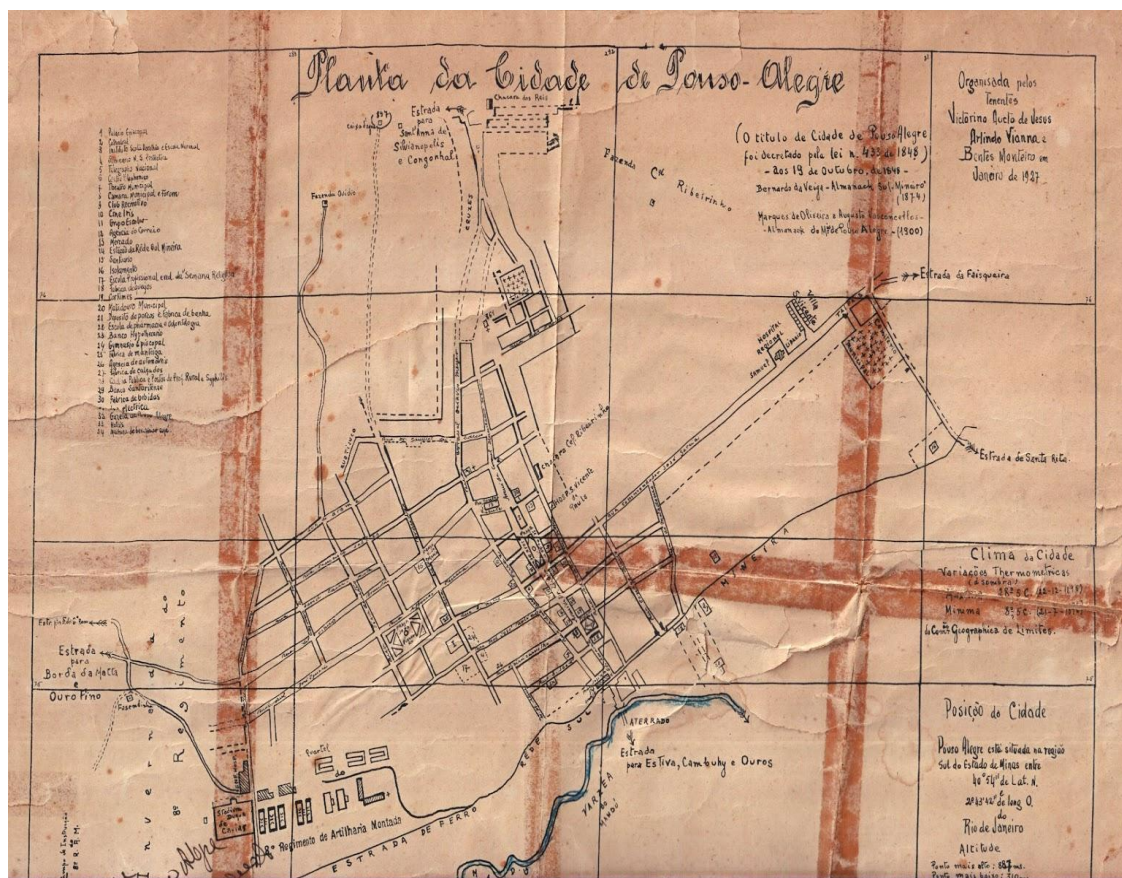
Com o objetivo de apagar os sentidos terrenos de Aterrado, isto é, os que ligavam o bairro à terra, os moradores escolheram um nome celestial. De Aterrado a São Geraldo: da terra ao Céu. Nesta ocasião, podemos mesmo dizer que se passa do profano ao sagrado, pois, com o novo nome, no fim, o que se buscava era restituir o status de sagrado a algo fundamental do bairro: a sua vida. O objetivo foi acabar com a hostilidade para com os seus moradores, profanação que para eles era oriunda do A(terra)do. E a denominação é escolhida em homenagem a um santo: Gerardo Magela (BARBOSA, 2015, p.86).

A hostilidade sofrida pelos moradores é pautada no estigma da pobreza que os envolve. A alteração em seu nome é parte da tentativa de inclusão na cidade por parte dessa população marginalizada. O problema do bairro Aterrado/São Geraldo é antes de

tudo um problema de Pouso Alegre, pois a cidade é capaz de excluir e ainda deixar a responsabilidade sobre essa exclusão nas mãos dos sujeitos excluídos.

Disponível nos arquivos imagéticos do MHM, a “Planta da Cidade de Pouso Alegre”, elaborada em 1927, reforça os sinais de diferenciação do Aterrado em relação às demais localidades do município. Ao observá-la, percebe-se a delimitação no eixo sul até as margens do rio Mandu, não deixando de nomear o território que havia do outro lado da margem de “Várzea do Mandu” e “Aterrado”, indicando também que por aquela direção encontravam-se os municípios vizinhos de Estiva, *Cambuhy* e Ouros.

FIGURA 8 - A REDUÇÃO DO BAIRRO ATERRADO NO MAPA.



Fonte: Acervo MHM – “Planta da cidade de Pouso Alegre”, 1927.

Nesse mapa, conforme a Figura 8, não há representação gráfica de ruas ou qualquer outro elemento que indique a presença de habitantes no Aterrado, atual bairro São Geraldo, porém, se nesse mesmo ano a população reivindicou a mudança de nome de Aterrado para São Geraldo (FARIA, 2008), sua existência foi negligenciada, tanto que é imprecisa a data de criação do bairro.

Apesar de ser um dos bairros mais antigos da cidade, o Aterrado significa-se como um não-lugar (BARBOSA, 2017, p. 98) em um movimento que ignora as dimensões culturais a favor do desenvolvimento econômico: “o tecido urbano mostra-se de forma despreziosa e unificada para a população, mas contém uma lógica espacial intencional, de controle e poder” (NEVES, 2013, p. 28).

A tensão encontra-se nas sobreposições de ausências. Esta pesquisa passa a questionar a inclusão, ou melhor, o quão integrado está o bairro na cidade e o rio no bairro. O território em si não basta (aqui representado pelo Aterrado/São Geraldo e o Mandu), mas sim o território usado - em mudança, em processo - que consiste no trabalho e no valor que é dado àquele pedaço da natureza. Fala-se nas dinâmicas da existência, para além das divisões físicas, a forma e o conteúdo social (SANTOS, 1999).

Nessa busca pela reconstrução da memória sobre o bairro, “enchente” é uma das palavras ressaltadas. Enchentes ocasionadas não só por períodos chuvosos, mas, dentre outros fatores, pelo uso irregular do solo. Como afirma Sousa (2014), a injustiça ambiental expõe parte da população a riscos ambientais, até mesmo no local de suas moradias. Com o modelo de desenvolvimento dominante, essa é uma característica presente tanto em regiões rurais, quanto urbanas no Brasil.

Dessa forma, identificar símbolos que se somam – as enchentes, a ocupação, a mudança de nome, a desconsideração de suas casas no mapa – é identificar que a existência do São Geraldo é demarcada por “trincheiras espaciais simbólicas”<sup>15</sup> (NEVES, 2013) existentes desde o início do século XX.

Segundo Dona Zarina<sup>16</sup>, após a enchente de 1967, houve três anos de seca e as ocupações se intensificaram no bairro. Dona Zarina relata ainda que as pessoas se adaptavam às enchentes, lembrando que sua casa, por exemplo, teve o pé direito medido a partir do alcance das águas durante as cheias, detalhe que lhe garantia alguma segurança caso a enchente viesse. A inundação exige uma reorganização que passa pela esfera pública e privada e, por vezes, acentua interações entre a comunidade e o rio.

---

<sup>15</sup> Diante da incidência de enchentes em cidades brasileiras e da similaridade de suas consequências, cabe aqui lembrar a pesquisa de Neves (2013). Ao estudar os vínculos afetivos do homem com seu espaço habitado o autor coloca às transformações ocorridas em São Luiz do Paraitinga, interior de São Paulo, após a cidade ter sido atingida por uma enchente entre 2009 e 2010. A inundação deixa marcas físicas e simbólicas, analisadas como trincheiras espaciais simbólicas, definidas como o limite topológico, a concretude entre lugares, com suas estratificações que demarcam hierarquias de acesso aos bens, sejam eles materiais ou imateriais, a relação entre as pessoas envolvidas, de caráter psicossocial, em meio à oposição entre urbanidade e ruralidade (NEVES, 2013).

<sup>16</sup> Dona Zarina, 67 anos, moradora do bairro Aterrado/São Geraldo.



Os anos 1979 a 1984 destacam-se pela transposição do rio Mandu. Essa obra foi realizada por duas razões oficiais: a construção da Avenida Perimetral, a fim de ligar Pouso Alegre às principais vias de circulação de mercadoria do estado de Minas Gerais; e a redução do impacto das enchentes, por meio do aumento da velocidade de escoamento do rio que conteria as águas no período de cheias.

Porém, como o rio Mandu foi aproximado do bairro Aterrado/São Geraldo, as enchentes apenas se deslocaram do centro comercial da cidade para o interior do bairro. Para além de ser fonte de abastecimento municipal, considerar a presença geográfica, histórica e simbólica das águas é reconhecer a sua presença no território. Território esse que, de acordo com a mancha habitacional, corresponde ao Aterrado.

Sabe-se também que, junto aos aterros realizados na década de 80 houve o aumento da população do bairro de forma irregular. Em outras palavras, mais ocupações, justificadas ainda por motivos de acesso (FARIA, 2008). Para a população de baixa renda, que precisa se deslocar rotineiramente ao trabalho, a localização estratégica do Aterrado/São Geraldo ainda é atraente, sobretudo durante as décadas de 1980 e 1990, em que Pouso Alegre passa por transições socioeconômicas, com a instalação de indústrias possibilitando a absorção de parte da população nos postos de trabalho.

Dessa forma, há impactos sociais controversos decorrentes da política de modernização adotada, na qual um certo nível de empregabilidade não extingue a vulnerabilidade social. Tanto é assim, que a questão fundiária no bairro permanece como um inconveniente para a cidade.

Durante uma das audiências públicas do Plano Diretor Municipal<sup>17</sup>, foram evidenciadas falas a respeito da necessidade de conter as irregularidades no uso do solo no Aterrado/São Geraldo. Pois, é contundente o fato de que a cada dia aumenta o número de ocupações irregulares em seu território. Com isso, a regulamentação no bairro foi colocada como um desafio a ser resolvido nos próximos vinte anos de vigência do Plano Diretor, previsto para vigorar a partir do ano de 2020.

A segunda via construída com intuito muito semelhante à Avenida Perimetral foi a Avenida Ayrton Senna, conhecida como Dique I. Sua localização fica a leste do bairro

---

<sup>17</sup> Na 3ª rodada de audiências públicas do Plano Diretor Municipal, no dia 21 de outubro de 2019, especificamente realizada no bairro Aterrado/São Geraldo (UAITEC – Av. Vereador Antônio da Costa Rios, 1154 – São Geraldo). Maiores informações a respeito da construção do Plano se encontram em um site próprio, sob responsabilidade da Prefeitura e do NEIRU (Núcleo Estratégico Interdisciplinar em Resiliência Urbana). Disponível em: <<https://planodiretor.pousoalegre.neiru.org/index.php>> Acesso em: 15/08/2019.

São Geraldo e possibilita a expansão urbana ao sul, em ligação com o Distrito Industrial do município e com a rodovia Fernão Dias (BR-381). Outro meio viário posto como medida de contenção de enchentes no bairro. Faria (2008) diz: “A solução foi dada não para o problema das enchentes, mas para quem deve estar dentro e fora da área de alagamento” (FARIA, 2008, p.82).

A afirmação do autor fica evidente, visto que, em meio a essas ações de infraestrutura, a questão das enchentes permaneceu naquele território. Mesmo porque, além de ser banhado pelo rio Mandu, o bairro estende-se até a proximidade do rio Sapucaí Mirim e abriga a lagoa da Banana.

A exemplo disso, a enchente dos anos 2000, quando os rios transbordaram e as águas atingiram o bairro bruscamente, implicando em problemas socioeconômicos diversos, como na área da saúde (FARIA, 2008). Aumenta-se o entendimento dos mecanismos responsáveis pela exclusão social e pela produção da pobreza em formas cada vez mais diferenciadas (FARIA, 2008).

Um acontecimento que ameaça os níveis de experiência no lugar pela “perda do lar” e aciona uma crise de identidade, sejam em suas inter-relações ou nas concepções intelectuais, imaginárias e simbólicas leva a protestos de significação, que não necessariamente atingem valores conscientes, mas que se manifestam na rotina, na vida cotidiana (BUTTNER, 2015). Pode-se dizer que as enchentes exemplificam tal afirmação de Buttner (2015).

No Aterrado/São Geraldo, como aponta Barbosa (2015), mesmo com o crescimento do município, não houve melhorias infraestruturais significativas, exceto por sua via principal, a Avenida Vereador Antônio da Costa Rios, que contrasta com o interior do bairro pela oferta comercial e por servir de acesso à Rodovia Fernão Dias.

Nesse contexto, dois adjetivos costumam aparecer na descrição do que vem a ser o bairro: marginal e periférico. O primeiro se deve ao fato de o Aterrado/São Geraldo apresentar áreas de precariedade, com baixo índice socioeconômico, de instrução populacional e de infraestrutura urbana (MIRANDA; MORATO; KAWAKUBO, 2012). O segundo o coloca como um bairro periférico, considerando essa precariedade descrita e sua localização, que, no período inicial da cidade, era considerada distante do centro (BARBOSA, 2015).

Os estudos de Miranda; Morato; Kawakubo (2012) trataram partes dessa caracterização do Aterrado/São Geraldo, apresentando três dimensões analisadas:

qualidade ambiental, nível socioeconômico e educação, a fim de medirem a qualidade de vida no município de Pouso Alegre. Fatores como a arborização urbana e a presença de focos de inundações demonstram grande variação, de acordo com a situação socioeconômica dos bairros, evidenciando que as deficiências são coincidentes no Aterrado/São Geraldo, mantendo-o com baixa pontuação, longe de bairros privilegiados, ou seja, com um baixo índice de qualidade de vida, sob essa ótica (MIRANDA; MORATO; KAWAKUBO, 2012).

A marginalização se dá também em nível simbólico, como afirma Barbosa (2015), baseando-se na análise de discurso. Barbosa (2015) afirma que o bairro está no imaginário dos cidadãos como um lugar onde acontece o tráfico de drogas, a prostituição e a violência, significado esse que permanece de alguma forma no imaginário de seus próprios habitantes (BARBOSA, 2015, p. 56).

Talvez haja similaridade na intenção de uso desses termos. De qualquer forma, não se pretende aqui ignorar a importância do cuidado conceitual ao empregá-los. Em termos geográficos e de acordo com os parâmetros atuais, o bairro São Geraldo está incluso na região central da cidade, ao menos, com facilidade de acesso. Para se ter uma ideia, a distância entre a Policlínica Municipal, situada no bairro, e a Catedral Metropolitana é de 1,6 km, em torno de 20 minutos de caminhada ou 09 minutos de carro<sup>18</sup> em uma cidade média.

Porém, assim como estabelece Agier (2015), ao discorrer sobre o direito à cidade e seu movimento de fazer-cidade, não há pretensão de reproduzir ou reforçar a dicotomia marginal e central. Ao contrário, o que se quer é descrever uma dinâmica necessária, percebendo as continuidades entre essas fronteiras (AGIER, 2015).

O significado do direito à cidade é justamente preenchido pela incessante (des)construção do fazer-cidade, que pode ser percebida nas experiências concretas do espaço. Esse movimento repete-se também no fazer epistemológico da perspectiva do antropólogo sobre a cidade (AGIER, 2015).

E o compreender das cidades baliza-se pelo que se perde nos espaços da “não cidade” e pelo que se constrói nessas brechas (AGIER, 2015). Há um hibridismo na paisagem: parte dela se configura ordenadamente e outra de maneira informal (AGIER,

---

<sup>18</sup> Fonte: Google Maps, 21/02/2019.

2015). Tal heterogeneidade também é encontrada em menores escalas, como no próprio Aterrado.

As transformações acompanham o desenvolvimento, as transformações sociais e mentais. Nesse sentido, seria irresponsável manter o entendimento do desenvolvimento como sinônimo de crescimento, pois este preocupa-se com a quantidade e não deve ser uma condição prévia. Quando um país (ou uma cidade) passa pelo crescimento sem se desenvolver, a pobreza emerge nesse território (SANTOS, 2013, p. 30). Fala-se então de uma pobreza principalmente como categoria política, ou seja, um problema social (SANTOS, 2013, p.18).

Neste contexto há bairros nitidamente precários ou que sofrem precarizações, como o Aterrado/São Geraldo, que, mesmo vizinho ao centro, apresenta as piores condições de rendimentos da cidade e consideráveis problemas socioambientais, aspectos que colaboram para que essa área seja definida como uma “Zona Especial de Interesse Social”<sup>19</sup>, no Plano Diretor Municipal (ANDRADE, 2014, p.149).

A chamada “Zona Especial de Interesse Social” abrange duas subclassificações: 1) ZEIS 1 - “áreas ocupadas por loteamentos irregulares já consolidados ou por conjuntos habitacionais de interesse social, nos quais podem ser feitas intervenções de recuperação urbanística, regularização fundiária, produção e manutenção de habitações de interesse social.”; 2) ZEIS 2 - “áreas destinadas ao reassentamento de populações em áreas de risco ou em áreas de proteção ambiental.”.

O São Geraldo está contido tanto na ZEIS 1, quanto na ZEIS 2, demonstrando que há alguma noção por parte do poder público a respeito de suas condições. Essa complexidade é visível ao observar o desenho da planta de seu território em comparativo com as demais localidades. Ao consultar o Mapa Urbano – Município de Pouso Alegre/MG (2016), via Departamento de Informações Georreferenciadas, nota-se que no bairro Aterrado/São Geraldo as ruas não seguem uma linearidade, são assimétricas, truncadas. Pontua-se aqui a diferença organizacional e simbólica no contexto da cidade.

As diferenças no uso do solo, de acordo com as regras capitalistas impostas pela propriedade privada, provoca disputas em seu uso. Habitar a cidade pressupõe ter acesso

---

<sup>19</sup> Atualmente, o mapa referido do Plano Diretor se encontra disponível no site oficial da Prefeitura Municipal de Pouso Alegre. Disponível em: <[http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo\\_site/default.asp](http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo_site/default.asp)>. Acesso em: 19/07/18.

aos serviços urbanos, como água encanada e transporte público. Esse acesso depende da distribuição do uso do solo (e de sua propriedade), porém essa distribuição é perversa e, ao contrário do que se tende a imaginar, é de responsabilidade do mercado imobiliário e não do Estado (SINGER, 2017, p. 42; ROLNIK, 1995).

Outro detalhe a ser observado: “Área de Interesse Cultural” (AIC) - “correspondem às áreas comprometidas com a preservação da cultura e história do Município e de seus habitantes, exigindo a adoção de medidas e parâmetros destinados à sua preservação, destacando-se a AIC Centro, correspondente ao núcleo do centro tradicional da cidade.”. A AIC se restringe ao centro no mapa, certamente baseando-se nos patrimônios culturais materiais aglutinados naquela área. Contudo, de acordo com a definição, o cuidado com a manutenção de expressões culturais em qualquer outra localidade externa ao centro parece ficar em desvantagem perante a gestão pública, que ainda tem uma visão limitada sobre o conceito e as práticas de cultura. Nesse ponto, o rio Mandu é ignorado em sua importância cultural.

Essa configuração tenciona o modelo de desenvolvimento adotado, pois o Aterrado/São Geraldo tem de lidar com problemas relacionados às condições estruturais como o uso do solo, o saneamento básico e a segurança de maneira desproporcional ao restante da cidade, deparando-se com questões complexas que envolvem desde os impactos ambientais, culturais, econômicos até os sociais.

Ao avançarmos no entendimento do que vem a ser a cidade, para além da dimensão quantitativa da vida social, e levarmos em consideração a participação dos atores em suas diversas formas de se relacionar cotidianamente, percebemos que os modos de vivenciar a cidade são diferentes e, muitas vezes, são modos desiguais (VILLAGRÁN, 2007). Paula Villagrán (2007) acrescenta que a cidade dividida por zonas apresenta consequências simbólicas, especialmente para as mulheres, ao reforçar segregações quanto ao trabalho, ao ócio e à vida familiar (VILLAGRÁN, 2007).

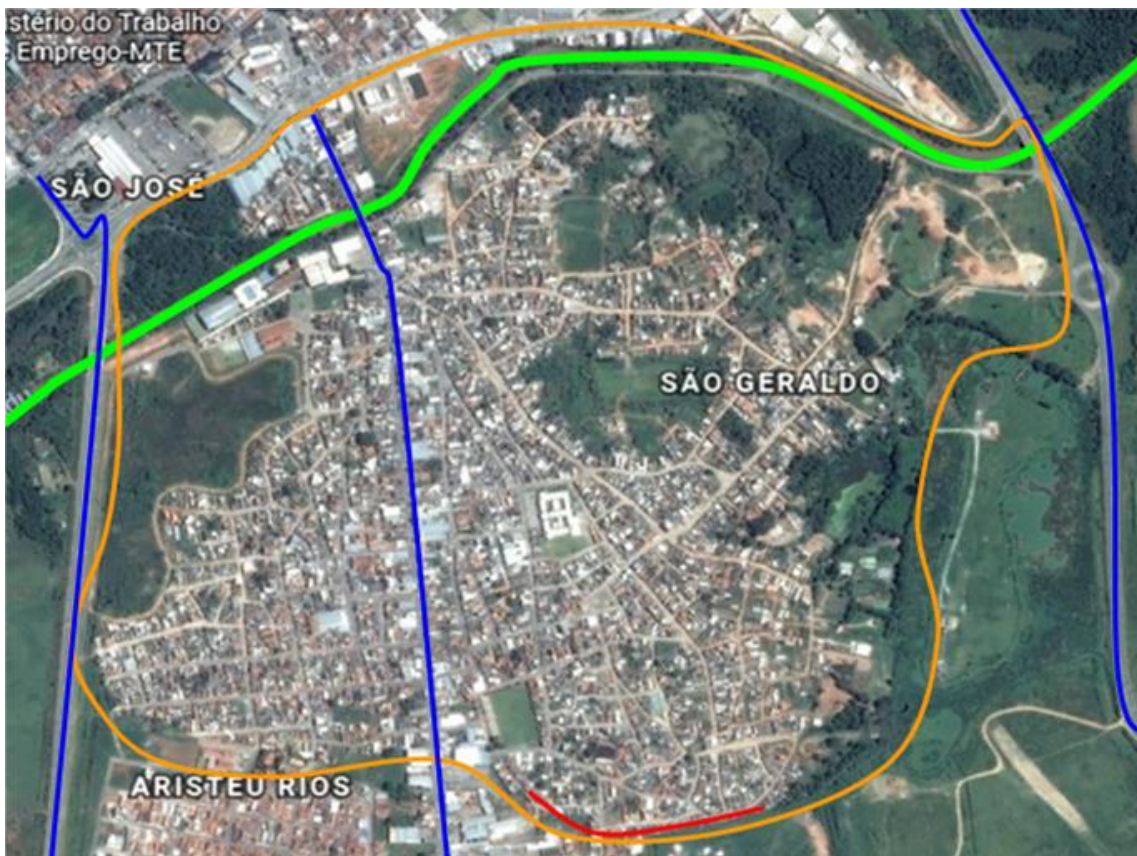
Percebe-se que o território do São Geraldo, situado entre o “centro antigo” e a nova centralidade, está no meio das vias importantes para o município: Avenida Perimetral (Pinto Cobra), as Diques I e II e a Avenida Vereador Antônio da Costa Rios, que liga o eixo norte e sul. Ou seja, abarca os dois centros. A Avenida Dique II, nomeada Avenida Vereador Hebert de Campos foi inaugurada no ano de 2014.

A reflexão que se espera suscitar é sobre o desequilíbrio nos indicadores de desenvolvimentos percebidos. Enquanto mantém-se no “centro antigo” e configura-se

cada vez mais no “novo centro” uma funcionalidade razoável de estruturas e serviços, públicos e privados, o bairro São Geraldo sofre transformações de forma descompassada, com medidas questionáveis.

Em meio ao processo de urbanização e desenvolvimento econômico da cidade, somado ao fato de que, no período inicial, esse território era considerado distante do centro, a marginalização passou a circunscrevê-lo (BARBOSA, 2015). No caso, rascunhei linhas sobre a vista aérea do bairro (Figura 9), em que seu formato é representado pelo contorno em cor amarela; a disposição do rio em verde; as principais avenidas, que margeiam ou cortam o bairro, em azul; e a linha vermelha pontua uma área que prevaleceu como de despejo de entulho.

FIGURA 9 - VISTA AÉREA DO BAIRRO, 2019.



Fonte: Elaborado pela autora a partir do *print screen* do Google Earth.

A figura acima pretende ilustrar a trama que constitui o lugar, ora de proximidades, ora de separações. Seu espaço pode ser dividido pelas áreas de **bordas**, mais carente da ordem urbana como ruas sem calçamento, esgoto a céu aberto, ocupação irregular do solo, pessoas em situação de vulnerabilidade; **intermediárias**, com certo

nível estrutural, ruas estreitas, não lineares e tomadas por gente, moradias e pontos comerciais, algum equipamento público; e pelas **vias de acesso**, onde se estabelece um contato com a lógica da cidade, onde prevalece o comércio, privilegia-se o trânsito de veículos e existe acesso ao transporte público.

Multifacetado, o São Geraldo apresenta elementos para se pensar o desenvolvimento em níveis ambientais, culturais, econômicos, políticos e sociais em meio à cidade que cresce, mas não supera desigualdades na mesma medida. Nesse sentido, coexistem arranjos criativos e solidários relativos tanto à escassez, primeiramente estrutural, portanto, decorrente da necessidade de constante reinvenção em seu uso, quanto à abundância, que pode ser vista, por exemplo, nos saberes e fazeres populares resistentes. O (re)conhecimento da pluralidade existente no bairro passa por seus sujeitos, seus espaços, pelas relações cotidianas.

Atualmente, no bairro, residem 11.016 pessoas, de acordo com o Censo 2010 (IBGE, 2019). Ao contrário do número de habitantes por município, encontrado com facilidade, o número de habitantes residentes por bairros não é um dado anunciado abertamente. Pouso Alegre, segundo o IBGE, tem a população estimada em 150.737 pessoas (2019). O último censo (2010) contabilizou 130.615 pessoas.

Quanto ao bairro, há imprecisão numérica. Em conversa informal com uma moradora, ela disse ter ouvido de um policial militar que atualmente o bairro conta com 25.000 habitantes, porém não tive acesso a esse dado. Para a definição dos 11.016 habitantes do Aterrado/São Geraldo, somei os dados dos setores que correspondem à área do bairro, de acordo com as ferramentas do IBGE.

Para isso, foi necessário entrar em contato com a unidade do órgão na cidade, onde uma funcionária compartilhou um “tutorial” de acesso aos dados populacionais estratificados, possibilitando “agregações aproximadas”, conforme afirmou-me ela. Isso porque, em “Pouso Alegre, não há legislação que delimite os bairros e, portanto, não dispomos de dados para cada um deles separadamente”<sup>20</sup>.

Para o tamanho da cidade, trata-se de um adensamento considerável, que acaba por favorecer residentes que precisam morar perto do trabalho e dos serviços que utilizam a um preço razoável (SINGER, 2017, p.120).

---

<sup>20</sup> Os dados por setores se encontram no link: <<https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/painel/>>. Essa busca contou com a colaboração de Pamela Fernanda Vindilino, colega do PPG DTecS que também pesquisa sobre o município.

Há novas configurações no Aterrado/São Geraldo, e uma delas surge com a utilização da terceira via, a Dique II, relevante para a cidade, pois proporciona uma nova perspectiva do bairro para quem está de passagem, evidenciando suas bordas do lado direito (em relação ao centro). Essa exposição permite, em um primeiro momento, a comparação visual entre bairros mais e menos estruturados. Apesar da existência anterior da Dique I, o que resta de mata e pastagem entre a avenida e as casas do bairro o mantém invisível em suas bordas esquerdas. O destaque da visão da lateralidade do bairro a partir das Diques é feito por serem vias de uso cotidiano por parte da população pouso-alegrense.

A partir desse aspecto, seu território passa a ser visado e o poder público municipal realiza obras infraestruturais no ano presente, de 2019, fato que beneficia moradoras e moradores do Aterrado e reflete com determinada coerência no discurso de progresso que governo após governo é reforçado na cidade.<sup>21</sup>

Há então um esforço em demonstrar que o poder público se dispõe a diminuir as lacunas da urbanização desproporcional que existe na cidade. Entretanto, as ações são questionáveis e insuficientes, seguindo o velho modo de fazer, com decisões distantes de moradoras e moradores, não considerando a participação social e o planejamento descentralizado como uma saída de fortalecimento local (DOWBOR, 2016).

A cidade não se restringe a sua espacialização e número de pessoas. O contexto cultural de seu surgimento, a forma de organização social em torno dos recursos, as instituições e ofertas disponíveis compõem o urbanismo e seus modos de vida. Além disso, a cidade absorve pessoas de diversas origens, migrantes (e emigrantes), sendo um campo fértil para a criação de “híbridos biológicos e culturais” (WIRTH, 1976, p.106).

Como apontado neste capítulo, o bairro sofre um “certo” isolamento da cidade, do ponto de vista de urbanização, mas se apresenta como uma porta de entrada para migrações rurais, nordestinas e estrangeiras em busca de uma vida melhor, diante do *marketing* de crescimento econômico explorado, o que representa um aumento

---

<sup>21</sup> Em 16 de maio de 2019 a Prefeitura Municipal de Pouso Alegre divulga no site oficial uma matéria sobre as ações que vem realizando no Aterrado/São Geraldo. Parte do texto afirma ser o bairro considerado um dos maiores, mais populosos e tradicionais, mas que até então conviveu com a “a falta de infraestrutura urbana”. Percebe-se que há uma referência direta à atual gestão municipal (atuante desde 2017) no trecho: “Nos últimos dois anos vários setores receberam água, esgoto e iluminação pública, além de nova pavimentação da Avenida Vereador Antônio da Costa Rios (...)”. Para acesso do texto na íntegra: **Prefeito acompanha obras de pavimentação no bairro São Geraldo**. Disponível em: <[http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo\\_site/noticia\\_detalhe.asp?id\\_not=1044](http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo_site/noticia_detalhe.asp?id_not=1044)> Acesso em: 23/05/19.



populacional. Na ocorrência da incrementação de empresas, negócios e serviços à cidade, consequentemente, também, ocorre maior fluxo de deslocamento de pessoas.

Essa movimentação apareceu nas conversas das mulheres bordadeiras, a partir da participação do projeto realizado na sede da Policlínica do bairro, local de frequência de toda gente que se fixou no bairro. No relato de Nina<sup>22</sup>, ela diz que conhece haitianos que moram no Aterrado:

(...) eu fiz amizade com os primeiros que chegaram. Há cerca de seis anos eles começaram a chegar. Na verdade, eu comecei a me aproximar deles pelo meu filho, meu filho hoje tem treze anos, na época ele tinha seis, sete anos e ele teve curiosidade de conversar, queria falar o idioma lá, baixou o Google Tradutor no celular dele pra ficar conversando com os haitianos na igreja.

Normalmente, a chegada de imigrantes em lugares estranhos e em condições precárias é de sofrimento, seja pela adaptação ao novo, seja pelo estabelecimento. Dessa perspectiva, as religiões, por intermédio de suas igrejas, centros espíritas e terreiros, têm um papel importante no acolhimento das pessoas que chegam em determinados lugares em situação de vulnerabilidade. Na fala de Nina essa tensão está presente:

(...) Muitos já vieram de lá pertencendo à mesma igreja. Aí eles vieram pra São Paulo, de São Paulo pra Borda da Mata, fazendo trabalho escravo lá. Trabalhavam num matadouro de um frigorífero, pelo visto clandestino e tavam sempre devendo pro patrão, porque trabalhavam em troca de comida. Se precisava de um produto de higiene pessoal, tinha que pagar por fora, então assim, sempre ficavam devendo. Virando aquela bola de neve, ficam sempre devendo, não tinham dinheiro, não recebiam e o patrão fazendo eles acreditá que já tava suficiente né, que eles tavam devendo favor. Aí de lá eles vieram pra Pouso Alegre, chegaram aqui só homens, só homens alugaram uma casa e começaram a viver numa condição, sabe? Extrema. Era uma judiação.

Como demonstra o recente movimento de imigração haitiana para a cidade, esses imigrantes têm se aglomerado no Aterrado/São Geraldo com o intuito de se estabelecerem. O CRAS São Geraldo passou a atendê-los, principalmente auxiliando na busca por trabalho, com a escrita de currículos e indicação de vagas de emprego.<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> Falas de Nina, 52 anos, moradora do bairro Aterrado/São Geraldo. A conversa foi realizada em 28 de agosto de 2019, durante um intervalo de trabalho de Nina, no salão de espera da Policlínica para facilitar o encontro, essa foi uma das poucas conversas agendadas.

<sup>23</sup> No site da Prefeitura Municipal há uma matéria que evidencia o papel social prestado para haitianas e haitianos na cidade, segundo a matéria de março de 2019: “Pouso Alegre abriga hoje cerca de 100 haitianos que se concentram no bairro São Geraldo. Eles chegam atraídos pelo processo de interiorização de imigrantes e muitos vivem de pequenos bicos, sem emprego ou moradia fixa.” Para acesso do texto na íntegra: **Prefeitura promove ação social com haitianos que vivem no município**. Disponível em: <[http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo\\_site/noticia\\_detalhe.asp?id\\_not=935](http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo_site/noticia_detalhe.asp?id_not=935)> Acesso em: 03/05/19.

As conversas com a Nina colocaram em questão as dimensões do convívio e da solidariedade existente em bairros tidos como mais pobres ou populares. A relação, não tranquila, é repleta de entraves, desconfianças e preocupações, mas com maior espaço para intervenções do sobreviver. Conta que:

(...) Eu falei pro meu esposo: “quero conhecer onde eles moram”. Aí eu fui na casa deles, vi que as condições deles eram precárias, não tinham panela, não tinha cama, era colchão velho, sem forro, só espuma jogada no chão. Era uma situação que não tinha condições de sobreviver, mas! eles estavam trabalhando já, tavam trabalhando na construção civil, a maioria deles é pedreiro, quando não é pedreiro é encanador, é... eletricitas, tem sabe a profissões deles. Eles trabalhavam na construção civil, só que todo dinheiro que eles juntavam era pra trazer as esposas deles pra cá.

Na medida em que as relações ficam mais seguras, do ponto de vista do estabelecimento de confiança, as “trocas” começam a se efetivar. De certa forma, gera também uma rede de proteção pelas pessoas que exercem determinada influência e liderança no lugar. No relato de Nina, consta esse processo:

(...) Aí a gente foi fazendo amizade, eu fui nesse grupo de irmãs do qual eu era líder e conversei com elas, porque a gente sempre tem alguma coisa (...) que você não usa, é uma roupa, uma coberta (...) às vezes pra você não serve, mas sempre tem alguém que precisa. A gente é consumista, a gente sempre quer ter mais, eles não tinham nada. (...) Desde então, a maioria dos haitianos que chegam passam pela minha casa. (...) Aí a primeira das mulheres que veio pra cá, ela sentia dores terríveis, tinha febre a noite toda. O marido dela já tava há um ano, um ano e pouco, ele já tava começando a se enturmar com o nosso idioma, entendeu? ele já entendia alguma coisa e já conseguia se fazer entender. Ele me procurou e pediu ajuda, ele falou assim que não sabia como fazer. A mulher dele tava chorando a noite toda e ele não sabia como ajudar ela, porque, no posto não queriam atender porque não entendiam o que ela falava, ela explicava, e eles não entendiam. Aí tinha que ter alguém responsável, eu falei: “eu vou me responsabilizar”. Aí conversando com ele, ele me descreveu os sintomas dela, cê entendeu? E ele foi falando que ela tava com mau cheiro, que ela tinha dor, que ela tinha febre, que ela tinha perdido um bebê lá. E falou pra mim que... já me perguntou de menstruação, coisa que pra mim, até então, era um tabu conversar até na frente dos meus filhos. (...) Aí eu trouxe ela até aqui, no pronto atendimento, eles falaram: “não! é o caso do regional, leva pra lá”. Foi feito todo um tratamento e ela ficou bem.

A implicância da chegada de novos habitantes no bairro remete à interação direta com habitantes mais antigos, ampliando a diversidade cultural local. Entretanto, abre-se um ambiente tanto harmônico como de disputa, pois a cidade tem de comportar “trocas” geradas nesse processo e disputas naturais por espaços, quando como, por exemplo, há um aumento do desemprego e da consequente vulnerabilidade de pessoas no Aterrado/São Geraldo.

Dentro dessa perspectiva, na esteira de Pimentel (2016), a cidade proporciona o encontro tanto quanto o isolamento. Coexistem singularidade e diversidade, ao mesmo tempo em que há disputa pela individualidade e onde ocorrem trocas e os enfrentamentos.

Segundo Santos (1999), a cidade contém uma complexidade de funções e interesses e, por isso, utiliza-se do empírico, da técnica, na interpretação do lugar, de maneira que o saber local, nutrido pela vivência do cotidiano seja valorizado. Essa oportunidade que se abre da produção do saber e até de um desenvolvimento mais social nos conduz a dinâmicas horizontais. Quanto maior for a subordinação à ordem do sistema, menor será o espaço para a solidariedade (SANTOS, 1999).

O acesso de indivíduos ao mercado de trabalho e a geração de renda fazem com que de algum modo as famílias possam usufruir de bens de consumo de forma mais alinhada com os índices da cidade. É como se houvesse muitos bairros dentro de um só território. A desigualdade do Aterrado/São Geraldo ocorre em relação à cidade e em relação a ele mesmo.

Por mais que ocorram transformações físicas em sua área, que amenizam sua invisibilidade, outras “trincheiras espaciais simbólicas” (NEVES, 2013) são mantidas e acrescentadas à dinâmica do território usado (SANTOS, 1999).

FIGURA 10 – DIVISA ENTRE BAIRROS, 2018.



Fonte: NEID (registro da autora).

Existem demarcadores reais e simbólicos que dividem a população do Aterrado/São Geraldo. Na Figura 10, a vista a partir de seu lado contrário, já no bairro vizinho chamado Fosh, demonstra claramente seu limite em termos de falta de infraestrutura urbana, seja pela rua sem asfalto ou pelo despejo de entulhos, que impõe

limite ao seu território em uma das bordas<sup>24</sup>. No bairro Aterrado/São Geraldo as barreiras simbólicas são também concretizadas.

Essa demarcação representa fatores sociais e econômicos, estando as trincheiras no espaço físico, mas também na forma como é representado seu espaço ocupado, no comportamento e no modo de vida das pessoas. Quanto maior a proximidade com o bairro, mais as pessoas carregam consigo suas características ou julgamentos que têm a respeito dele. Por isso, as trincheiras acompanham os sujeitos aonde quer que vá.

Essa condição mencionada acima é percebida no trecho da conversa com Dona Aina<sup>25</sup>, ela diz: “(...) se eu falasse “vou pro Aterrado” o povo já ficava tudo com medo. Era! Dentro do ônibus (...)”. Nesse caso, mesmo se distanciando do território, o fato de este ser mencionado provoca receio em quem não o conhece e constrangimento em quem precisa lidar com os estigmas de onde mora.

Ainda diante dessas discrepâncias, a imagem de uma carroça, enquanto elemento rural transitando em um ambiente denominado urbano, é recorrente no bairro. Ao adentrá-lo, nota-se que esse meio arcaico de transporte ainda é utilizado por trabalhadoras e trabalhadores, em sua maioria na catação de materiais recicláveis. Quando não há tração animal, são os próprios corpos humanos que o carregam.

Em paralelo às carroças, há inúmeras bicicletas e também veículos motorizados. Essa diversificação não necessariamente é positiva, pois reforça como a modernidade não contempla todos. O projeto de mobilidade urbana privilegia os veículos considerados modernos, sem garantir o trânsito seguro para a ligação entre os distintos pontos que compõem e materializam a noção de cidade.

Entretanto, esses mesmos resquícios da vida rural colaboram para a sobrevivência de famílias locais, pois, com o domínio de tecnologias ultrapassadas, ou seja, que não são visadas pelo mercado, as pessoas têm livre acesso ao seu uso, conforme ilustra a Figura 11:

---

<sup>24</sup> Essa área de borda corresponde à linha vermelha demarcada na vista aérea do bairro (Figura 9).

<sup>25</sup> Dona Aina, 65 anos, moradora há anos das margens do Mandu.

FIGURA 11 - O VEÍCULO DE TRAÇÃO ANIMAL COMO MEIO DE TRANSPORTE NO BAIRRO, 2018.



Fonte: NEID (registro da autora).

É uma dinâmica multicultural, baseada tanto na precariedade quanto na abundância, que se afasta dos modelos homogeneizadores, como consequência única da globalização (CANCLINI, 2008). Assim, “o aumento dos intercâmbios e disputas pelo uso dos serviços urbanos exige, mais que a simples coexistência, a construção de formas de convivência baseadas no reconhecimento” (CANCLINI, 2008, p.25).

Isso também ocorre com as fachadas das casas. Muitas, no Aterrado/São Geraldo, procuram seguir a concepção urbana quanto a estrutura, estética e segurança. Entretanto, há aquelas que param no tempo, não sofrem grandes alterações e dialogam mais com o período rural do bairro do que com seu processo de urbanização.

No entendimento de Pimentel (2016, p. 41), “mesmo vivendo as imposições de valores, de mercadorias, de espaços e objetos vistos como universalizados, sofrem também uma forte pressão dos lugares”. Arremata afirmando que “(...) do ‘território habitado’, de histórias e vidas que resistem se empenham num movimento também contrário”.

Essa caracterização é tênue, percebida em detalhes, como no cultivo de hortas e criação de galinhas nos quintais de quem preza por costumes, pelos saberes e fazeres e que muitas vezes não têm opção e fazem-no como ato de resistência.

FIGURA 12 - QUINTAL DE TERRA, 2019.



Fonte: NEID (registro da autora).

A Figura 12 demonstra um dos muitos quintais de “chão batido”, onde convivem de alguma maneira plantas, animais e moradores. Em seguida, a Figura 13 traz um córrego em meio as casas já habitadas, margeando uma rua sem calçamento. As figuras ilustram a fragilidade na concepção de desenvolvimento imbricada no título de cidade média.

FIGURA 13 - A RUA EM MEIO AO CÓRREGO, 2019.



Fonte: NEID (registro da autora).

Pensar a relação da ideia de urbanização em contrastes com os modos de vida do bairro, ainda com traços de ruralidade, é intrigante. Diante dessa resistência, vale trazer um trecho do livro “Memória do povo”, de Beraldo e Reis (2012), em que as pessoas protagonistas de suas histórias trazem elementos simbólicos importantes na apresentação de saberes e fazeres manifestos na região do Sul de Minas Gerais. Dentre os relatos, extraí do livro citado (BERALDO; REIS, 2012, p. 47) o de Maria das Dores Costa, moradora que vivenciou a formação do bairro:

“Em 1943, as ruas do bairro (São Geraldo) eram de terra, as casas eram dentro da rua. E essas ruas eram bem estreitinhas. Naquela época podia contar as casas. Para ir para escola, tinha que passar debaixo da ponte, mas o rio não era ali ainda. A gente encontrava vaca brava. Aí a gente tinha que correr e esconder dentro das manilhas. E quantas vezes a vaca bufou na manilha tentando pegar a gente. Passamos muita dificuldade para estudar. Quando chovia fazia aquele barro.” Depoimento de Maria das Dores Costa, conhecida como Santa.

Maria das Dores narra um cenário diferente do Aterrado/ São Geraldo de hoje, mas ainda há bichos soltos nas ruas e as pessoas andam no meio delas sem se preocuparem com qualquer ordenamento urbano.





Com isso, a apropriação do lugar se dá em condições que, em certa medida, garantem a manutenção de espaços de sociabilidade e solidariedade mais comuns em contextos rurais. Essa abrangência de diferentes características no bairro leva ao interesse de uma condução cartográfica que indique as apreensões sobre o bairro em um mapa afetivo.

## CAPÍTULO 2 - PASSOS CARTOGRÁFICOS

Este segundo capítulo discorre sobre uma cartografia que contempla conceitualmente o modo de traduzir o campo, chamada de mapa afetivo. Para isso, perpassa diferentes aplicações teóricas e metodológicas a respeito dos processos de afetação, servindo como um referencial na adequação de elementos coincidentes, na medida em que dialoga com o caráter interdisciplinar e aberto da pesquisa.

Antes de descrever os recortes e a montagem da cartografia, vale trazer textualmente o meu processo de inserção no campo, como moradora durante a execução do trabalho de campo, visto que não mais pertencia ao bairro e estava distanciada daquela realidade. Chamei essa (inter)recorrência de “Outro lado do muro”, um apanhado de vivências.

Com esse apanhado de vivências, características e informações a respeito do Aterrado/São Geraldo e de acordo com a resposta teórico-metodológica necessária à produção científica, optei pela construção de um trabalho etnográfico. Para isso, em julho de 2018, houve um período de residência no Aterrado, dessa vez enquanto pesquisadora.

Isso foi possível pela acolhida de moradores com quem mantive a proximidade desde a adolescência. Esses sujeitos compreenderam a proposta da pesquisa e facilitaram minha estada na casa em que moraram por cerca de 20 anos. Entre idas e vindas, houve o envolvimento composto por um conjunto de momentos pontuais, mas carregado de significâncias que justificam o relato a seguir.

A casa é de esquina e localiza-se em uma das ruas mais conhecidas, a Oscar Dantas, que além de ser uma das mais antigas localidades no bairro é também a mais noticiada por conta do tráfico de drogas que ali se concentra, o que indica que seus moradores precisam lidar com os ruídos dessa prática.

Em minha primeira noite na casa, com o espírito de pesquisadora, pude notar o contraste entre o silêncio do lar e o som das conversas que vinha da rua. Era-me perceptível a intensidade daquele universo paralelo.

Aliás, as ruas são ocupadas de diversas maneiras pelos sujeitos daquele território em uso. No caso das drogas, as pessoas incumbidas de negociarem sua venda circulam pela vizinhança e recebem os compradores na rua, vista apenas como corredor de passagem por quem, muitas vezes, mantém-se em seu carro com o objetivo único de consumo.

Porém, o pulsar da Oscar Dantas também acontece durante a luz do dia, quando o fluxo de pessoas é mais intenso, certamente com dinâmicas mais amplas, que vão desde de uso da rua como via de acesso ao trabalho, aos estudos, à igreja, ou qualquer outra atividade, inclusive território de sociabilidade, a partir de um bar, de um vendedor ambulante, das interações entre vizinhas e vizinhos, das crianças, dos animais.

Quanto ao último ponto, dos animais, a anfitriã tem vivências diretas, pois adotou dois cães e passeia com eles diariamente; segundo seus relatos, esse hábito fez com que ela se percebesse como parte constituinte daquele lugar, explorasse os arredores de sua casa, fosse sempre até parte das bordas do bairro, do limite entre ele e o rio.

Nessa interação, precisou negociar seu espaço e o dos animais conforme utilizava a rua. Por exemplo, se um dos cães resolvia enfrentar um ciclista que estava de passagem ou brincar com uma pessoa que conversava na calçada, isso poderia gerar conflito, manifestado ofensivamente com um “palavrão” ou uma ironia dita em alto e bom tom.

Por isso, a moradora percebeu que não podia se intimidar se quisesse reconhecimento como alguém que mora ali e é tão pertencente quanto os demais e, então, optou por reproduzir o comportamento de seus vizinhos, esbravejando sempre que fosse conveniente.

Uma outra fala que surgiu na breve convivência cotidiana com a anfitriã e o anfitrião aborda a venda de camisetas com o dizer “*I love Oscar Dantas*”, feita por uma marca atrelada ao movimento Hip Hop, na cidade, que ,durante um período, foi aceita com naturalidade por seus clientes, não necessariamente residentes do bairro, até porque a loja se localizava no centro da cidade e os preços de seus produtos não era dos mais acessíveis.

A moradora questionou a postura da loja ao fazer da imagem de um território que sofre com a ausência do Estado um objeto de desejo. Argumentou que o uso da camiseta é fácil, e a dificuldade está em conviver com a precariedade existente no lugar.

Esses episódios externos (a casa) são influenciadores em seu ambiente interno e amplia a complexidade da experiência de quem habita o território. Percebe-se uma multiplicidade de ajustes necessários que levam em conta relações humanas, mas também descortina condições socioeconômicas que ora limitam e ora expandem os modos de vida no local.

Nesse sentido, a comunicação a respeito do acordo que firmamos, em que eu poderia residir na casa com eles, tendo assim direitos e deveres na mesma medida, falhou.

Nos mais simples gestos, enquanto pesquisadora e amiga de ambos, tive dificuldades de manter a distância necessária para o andamento do trabalho, isso porque percebia o quão doloroso era o processo de identificação e até aceitação para com aquele ambiente. Suas histórias de vida estavam intimamente ligadas à história do Aterrado. Havia uma porção de paradigmas a serem quebrados ou ressignificados e minha presença naquele momento só os complicava.

Pouco tempo depois, não restava nenhum de nós do outro lado do muro e, ao menos nesse momento, outras mudanças foram necessárias. A pesquisa seguiu outros rumos (e outros métodos).

Desse esclarecimento, o qual entendo necessário, retomo a pretensão do capítulo A construção de mapas tem o propósito de reconhecer o lugar inscrito na cidade, articular imagem e imaginário (BROD; MAZZARINO, 2005). Uma oportunidade comum à cena urbana de ligação entre política e arte, reforçada na disputa do capital simbólico (RIBEIRO, 2009). Isso porque “não atuamos na cidade só pela orientação que nos dão os mapas ou o GPS, mas também pelas cartografias mentais e emocionais que variam segundo os modos pessoais de experimentar as interações sociais” (CANCLINI, 2008, p.15).

Como defende Ribeiro (2009; 2011; 2012) e Acselrad (2008), o repertório teórico-metodológico-cartográfico evidencia a potência política dessa tecnologia, colocando-a enquanto social e participativa:

A cartografia aqui sugerida é a da denúncia e também aquela que orienta a ação social, desvendando contextos e antecipando atos. Significa, portanto, tanto a contextualização veloz da ação hegemônica, cada vez mais estrategicamente localista, quanto a valorização imaginativa dos lugares vividos, onde a vida escorre ou ganha força reflexiva e transformadora. Como carta, o mapa não aparece como instrumento isolado ou como bela ilustração de textos, exacerbando critérios estéticos, mas sim como ferramenta analítica e como sustento da memória dos outros. Neste sentido, propõe-se uma cartografia incompleta que se faz, fazendo (RIBEIRO et al., 2001-2002, p.4).

A cartografia que “se faz, fazendo” é de responsabilidade do sujeito junto ao lugar (TUAN, 2013). O território usado (SANTOS, 1999), banal, reconhece o sujeito da ação em todas suas práticas, inclusive as solidárias (RIBEIRO, 2011), e estas se vinculam ao contexto, articulando-se com o lugar. Caso os sujeitos tenham autonomia ou possam lutar para conquistá-la, de forma a dominarem os sentidos da ação e novas saídas frente ao que já existe, trata-se, então, da ação social (RIBEIRO, 2009).

São esses mesmos sujeitos da ação social capazes de criar cartografias outras, pela vivência da cidade, do cotidiano e da sociabilidade, por habitarem e produzirem (RIBEIRO, 2009; 2011) o lugar (TUAN, 2013).

Como afirma Oliveira (2016), o processo de construção dos mapas parte de uma abertura de quem se disponibiliza a experimentá-lo. Nas palavras de Bondía (2002):

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial (BONDÍA, 2002, p.24).

Os mapas podem abrir um campo de diálogos em que os sujeitos da experiência, ao serem afetados, submetam-se (BENJAMIN, 1997; BONDÍA, 2002) ao que o lugar revela. Daí, a carga de subjetividades dos mapas. Assim:

[...] quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los (FAVRET-SAADA, 2005, p.159).

Na execução do trabalho de campo junto às mulheres bordadeiras e às falas de moradores do bairro capturadas, foi sendo elaborado um mosaico cartográfico com muitas pontas e a necessidade de múltiplos olhares, inclusive de desconstrução das verdades que havia estabelecido antes da entrada no campo. Nessa linha, o trabalho de Favret-Saada (2005, p.160) trouxe-me um alento:

Como se vê, quando um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível.

Dessa perspectiva, o pensamento cartográfico deve partir de instâncias plausíveis e contextualizadas. Por se tratar de elaborações dissidentes, os mapas desdobrados são essencialmente criativos e feitos conforme o conjunto de questões postas – sujeitos, lugares, interesses, recursos etc, conforme demonstram as saídas propostas por Matos (2018), com os “Diários Criativos”; por Lima e Bomfim (2012), com o “mapeamento

psicossocial participativo”; e pelos “Iconoclastas”<sup>26</sup> (2013), com o "*mapeamento colectivo*", abordadas a seguir.

Matos (2018), ao estudar a juventude em Salvador/BA, propôs o mapeamento cultural a partir de um olhar investigativo dos jovens sobre suas comunidades de atuação. Isso se deu pela confecção dos chamados “Diários Criativos”. Nos termos do autor:

Os Diários Criativos são materiais expressivos que revelam um modo de escrita experimentado pelos jovens, em grupo, o qual apresenta a cidade e seus lugares a partir do uso de cada sujeito envolvido na confecção do material. São escritos que se articulam com base na intenção principal de falar de si e da sua comunidade de pertença de um modo próprio e autoral. Na nossa concepção, esses diários são cartografias, no sentido proposto por Silvia et al. (2008), que contrariam formas estabilizantes e buscam modos de apreensão das dinâmicas de uso do urbano (MATOS, 2018, p.74).

Influenciada por essa linha de condução, efetivei a aposta no entendimento de que a cartografia é uma forma de organizar e articular que apresenta a possibilidade de concepção, representação e interpretação do mundo ao tratar do conhecimento de determinado espaço, entre os saberes e poderes incidentes nele (SILVIA *et al.* 2008).

O exercício de escrita em meio aos textos dos Diários Criativos são formas culturais de reunir elementos diversos a respeito, principalmente, do cotidiano dos jovens. Há neles uma quantidade considerável de material coletado, como fotografias e manuscritos autorais, articulados pelo “sujeito-autor coletivo. O grupo” (MATOS, 2018, p. 85). Matos (2018) traz a ideia de que, se o Diário é considerado produto acabado, ao se deslocar de seus autores, torna-se autônomo e assume caráter cultural e político.

A compreensão do lugar, para Matos (2018), está intimamente relacionada com a sensibilidade dos sujeitos e o modo como os sentidos são acionados na associação de lugar com sujeito. Ou seja, o lugar provoca nossas afetividades (MATOS, 2018, p. 89). E ainda:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é criadora de comunhão, a política se territorializa, com confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, por meio da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.iconoclastas.net/>> Acesso em: 23/05/2018.

Quanto ao “mapeamento psicossocial participativo” (LIMA; BOMFIM, 2012), primeiramente: “É psicossocial por envolver aspectos subjetivos e sociais. Isso não acontece de maneira dicotômica, mas percebendo os aspectos na sua totalidade, como, por exemplo, a afetividade, as desigualdades sociais e a exclusão” (LIMA; BOMFIM, 2012, p.683). E participativo quando há interesse, manifestação e mobilização comunitária – comunidade enquanto espaço físico, social e ambiental onde moradores são ligados afetivamente e sentem-se pertencentes ao lugar. Ainda que diante de dificuldades, há predominância do senso de compartilhamento – compreende-se a integração entre pessoas e lugares a ponto de a participação ser apropriada (LIMA; BOMFIM, 2012).

Esse mapeamento é um recurso metodológico de facilitação comunitária, pois com ele é possível o levantamento de dados de forma contextualizada, cooperativa e dialógica. Ocorre a partir de caminhadas e interações com moradores e líderes da comunidade, ou seja, em meio à vivência comunitária, à percepção dos significados, sentidos e sentimentos dos moradores em relação ao lugar. O mapeamento não se limita a visitas à comunidade para elencar equipamentos, estruturas e outros dados, e sim a um jeito de apreender a realidade conforme a inserção dos próprios moradores no lugar (LIMA; BOMFIM, 2012).

Como afirma Góis (2008), há então uma postura que entrelaça o psicológico ao etnográfico ou etno-psicológico, sendo a caminhada uma possibilidade de vivência e práxis, como defendem Lima e Bomfim (2012).

A caminhada comunitária é um andar realizado em grupo, no qual se juntam para caminhar pelas ruas da comunidade profissionais da saúde e moradores, com o fim de conhecer os locais, as pessoas, as situações, ouvir histórias, saber da história do lugar, dar-se a conhecer e estabelecer laços de convivência, estar mais dentro e por dentro do cotidiano do lugar. A caminhada comunitária quer dizer um andar coletivo, visando a olhar junto, a compreender junto e a atuar junto (GÓIS, 2008, p.197).

Além da caminhada, outros materiais e conteúdos produzidos sobre o local são parte das apreensões de Lima e Bomfim (2012) na construção cartográfica, que só é edificada por contar com o olhar dos moradores, em específico, dos jovens moradores. Com isso, a metodologia participativa é estabelecida a partir do estabelecimento dos sujeitos comunitários como protagonistas no conhecimento em questão (LIMA; BOMFIM, 2012).

Entretanto, a construção de mapas é modelada de diferentes maneiras<sup>27</sup>. Recentemente, Silva, Bomfim e Costa afirmam sobre a importância de se considerar a dimensão afetiva nas pesquisas. Por isso, Bomfim (2010) se ateu a uma proposta metodológica de apreensão dos afetos a partir de conteúdos imagéticos (metáforas e desenhos), em que, as imagens são essenciais para se fazer e compreender os chamados mapas afetivos (SILVA; BOMFIM; COSTA, 2019).

Esses mapas afetivos são elaborados com o Instrumento Gerador de Mapas Afetivos (IGMA), tendo os significados como elementos fundamentais. Tais significações são conferidas pelas pessoas no meio em que estão inseridas.

Os desenhos e as metáforas são recursos imagéticos reveladores dos afetos que, justamente com a linguagem escrita dos indivíduos pesquisados, dão-nos um movimento de síntese do sentimento. O desenho é a criação de uma situação de aquecimento para a expressão de emoções e sentimentos, e a escrita traduz a dimensão afetiva do desenho. As metáforas são recursos de síntese, aglutinadores da relação entre significados, qualidades e sentimentos atribuídos ao desenho (BOMFIM, 2010).

Justamente na articulação entre desenhos e significados descritos pelas pessoas a respeito do ambiente é que há a revelação de imagens, e estas são uma maneira de apreensão de determinado lugar.

Nessa dimensão, criar uma cartografia afetiva é também abrir-se a uma espécie de deriva do pensamento, que requer a vivência de experiências não apenas como imaginada inicialmente. Assim, tornamo-nos autores e preceptores que trocam realidades e ficções, mas, principalmente, que buscam uma relação mediante mapeamentos impulsionados pelo afeto, ora seu, ora do outro. Desse modo, essa deriva cartográfica vai sendo constituída aos poucos, contornada por um aspecto colaborativo. (OLIVEIRA, 2016, p.51)

As experiências abertas, como propõem os *Iconoclastas* (RISLER; ARES, 2013), é chamada "*mapeamento colectivo*" a apropriação do mapeamento como técnica capaz de envolver estudantes, organizações de moradores, movimentos sociais, artistas, comunicadores e a todas e todos que queiram pensar seu território coletivamente. Seria semelhante a ideia de "*mapeamento participativo*", porém, para os *Iconoclastas*, o termo

---

<sup>27</sup> Como se percebe, por exemplo, nas abordagens das quais Zulmira Bomfim é coautora. Sua tese de doutorado é intitulada "Cidade e Afetividade: Estima e construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e São Paulo" (FURLANI; BOMFIM, 2010), onde referência os mapas cognitivos, na perspectiva histórico cultural de Vygotsky para apreensão dos afetos (SILVA; BOMFIM; COSTA, 2019).



"participativo" parte de algo preestabelecido, sendo os “*mapeamentos coletivos*” representações sempre originais (RISLER; ARES, 2013).

Assim, o mapeamento coletivo é um modo de elaboração e de criação que subverte o lugar de enunciação desafiando as narrativas dominantes sobre os territórios para transformar a invisibilidade de saberes, situações e comunidades em narrativas coletivas críticas. Quando falamos de território, estamos a aludir não só ao espaço que nos serve de suporte, mas também ao corpo social e às subjetividades rebeldes. Um dos desafios de trabalhar com mapas é a possibilidade de abrir um espaço de discussão e de criação que não se feche sobre si mesmo, mas que se posicione como um ponto de partida disponível para ser retomado por outros, um dispositivo apropriado que construa conhecimento, potenciando a organização e a elaboração de alternativas emancipatórias (ICONOCLASISTAS, 2013, p.186).

O mapeamento coletivo, segundo os *Iconoclastas* (2013), é ainda “uma ferramenta lúdico-política e não está isento de ambiguidades” (ICONOCLASISTAS, 2013, p.188). Isso sem deixar de reconhecer a relevância dos demais conceitos - e suas especificidades - associados ao processo cartográfico, como a cartografia social, cartografia crítica, contracartografia, descartografia, etc. (ICONOCLASISTAS, 2013).

Esses mapas processuais construídos pelos Iconoclastas (e outros coletivos) reúnem habilidades artísticas e multidisciplinares e não estão restritos à resposta objetiva comum das representações do espaço na agenda do sistema capitalista. Ao contrário, são um confronto aos mapas geopolíticos ao explicitarem o controle e a exploração capitalista, além dos movimentos de libertação presentes no território (MESQUITA, 2013).

Mesquita (2013) acrescenta: “Dentro de uma orientação política e anticapitalista, a resposta desses mapas está, precisamente, em enfraquecer os poderes obscuros, tornando-os visíveis, e destituir a influência dos saberes oficiais” (MESQUITA, 2013, p.175). E ainda:

Mapeamentos coletivos compartilham o uso livre, expandido e não-convencional da linguagem, das técnicas e ferramentas da cartografia restritas aos especialistas, socializadas e reinventadas posteriormente em novos espaços e situações, como um processo de trabalho contínuo MESQUITA, 2012, p.121).

Diante dessas possibilidades experienciadas por Matos (2018), Lima e Bomfim (2012) e pelos *Iconoclastas* (2013), percebe-se uma abertura cartográfica que assume pontos de intersecção como, por exemplo, a construção coletiva e a postura crítica nas temáticas trabalhadas.

A cartografia afetiva nessa pesquisa consiste na forma de captar, organizar e comunicar a dimensão cultural do Aterrado/São Geraldo, sobretudo respondendo a partir da experiência compreendida na constante leitura de elementos objetivos e subjetivos da vida cotidiana.

A tradução também se dá processualmente em ações representativas e efetivas que permitiram apontar as relações bairro-cidade, pessoas-espço, rio-vestígios de memória e urbanização-desenvolvimento local. Dessa forma, os relatos das experiências contidas são o próprio mapa afetivo a ser apresentado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 3 - EXPERIÊNCIAS AO MAPEAR

O capítulo presente narra o exercício cartográfico que ganha materialidade nas caminhadas pelo bairro Aterrado/São Geraldo e no bordar junto às mulheres que o habitam. Para o exercício pretendido, à medida que acontece a inserção nesse ambiente comum, uma série de afetações se somam no ao território vivido. São essas experiências coletivas, que desenhadas, fotografadas, contadas na oralidade ou, como nesse caso, textualizadas, projetam um mapa afetivo do lugar.

Na proposta, faço uma divisão em duas partes: o caminhar e o bordar. O caminhar é resultado das intervenções realizadas no bairro, parte da proposta das atividades do projeto e do NEID, junto com um conjunto de observadores que tinham olhares de arquitetos, cientistas sociais, historiadores, gestores públicos, agentes culturais. O bordar se traduziu na síntese das conversas e participações que tive junto ao projeto das bordadeiras do bairro na Policlínica.

Abro parênteses para apresentar o que chamei de “Foto(grafias)”. Trata-se de um “quase” ensaio fotográfico que tem a pretensão de “grafar” os diversos momentos, encontros e atividades que foram providos durante a execução do mestrado.

Nesses termos, “Foto(grafias)” se refere à fotografia como uma das maneiras de escrita, o que permite ilustrar o trabalho sem perder a fluidez textual, conforme as escolhas de quem escreve, pois “[...] o que me importa são instantâneos fotográficos das sensações — pensadas, e não a pose imóvel dos que esperam que eu diga: olhe o passarinho!” (LISPECTOR, 1999, p. 20).

As experiências em campo acabaram apontando certa relevância nos elementos visuais presentes no Aterrado/São Geraldo, diante de uma série de materiais audiovisuais produzidos a partir do lugar. Algumas fotografias podem ser visualizadas nas páginas a seguir.

Essas imagens, simultaneamente, impedem e permitem acessos ao real e ao conhecimento (BESNIER, 1995). Não são descoladas da materialidade de uma imagem as subjetividades contidas nela mesma e em quem a produz (ou seleciona). Inclusive, a disparidade deve estar presente nas comparações entre o real e o que é refletido pela imagem. Um mapa, por exemplo, não deve ser idêntico ao território, mas contrapor-se às leituras mais superficiais dele (SICARD, 2000).

Para a produção de imagens, dois recursos prevalecem: as fotografias capturadas com uma câmera de entrada “Nikon D3200”, disponível para integrantes do NEID, sem qualquer tratamento posterior, e os desenhos livres. A captura dessas imagens é uma atividade de curadoria, em que a errância (JACQUES, 2012) e o interesse pelo inusitado são os pré-requisitos para o registro.

Dessa maneira, os criadores das imagens tiveram certa liberdade para elaborá-las, privilegiando a dimensão cultural dos espaços citados. O desenho, especialmente, traz à tona invisibilidades e não é cercado apenas por convenções, pois “permite uma deflagração das emoções e sentimentos” (BOMFIM, 2003); sendo as imagens, como um todo, materializadoras de subjetividades conforme afirma Sicard (2000).

Sobre a controversa apropriação das imagens pela ciência, Sicard (2000, p. 35) diz: “Instrumentos de visualização, de registros, elas são também o recobrimento de um encantamento que funciona ao mesmo tempo como um fator de evasão e de adesão”. As imagens, segundo a autora, são “saberes que superam o conhecimento do objeto ao qual elas se destinam a princípio” (SICARD, 2000, p.36).

Por um lado, preocupei-me com fotos (Figuras 14) que representassem a minha busca por informações oficiais - croquis, mapas, plantas e imagens históricas do Aterrado/São Geraldo – na Prefeitura Municipal de Pouso Alegre e em outras fontes – livros e arquivos – de particulares que pudessem dar um panorama histórico e atual sobre o bairro. Por outro lado, a partir das imagens, percebi a possibilidade de despertar a sensibilidade dos envolvidos para elaborarem desenhos, bordados ou ilustrações que representassem o que viram, por meio de expressões criativas e artísticas.

Na oportunidade, pendurei num varal improvisado na sala do Centro de Esportes e Artes Unificados (CEU)<sup>28</sup> – situado na Avenida Perimetral, paralela às margens do rio Mandu e perto da ponte, entrada no bairro – um conjunto de cópias reprográficas que mostravam imagens em situações e tempos distintos, mas que traziam a realidade sobre o lugar.

---

<sup>28</sup> Os CEUs são equipamentos públicos voltados para promoção da cidadania em “territórios de alta vulnerabilidade social” das cidades brasileiras, para isso, seu projeto deve oferecer programas e ações culturais, práticas esportivas e de lazer, formação e qualificação para o mercado de trabalho, serviços socioassistenciais, políticas de prevenção à violência e de inclusão digital. Disponível em: <<http://ceus.cultura.gov.br/>> Acesso em: 13/12/2017.

Em um esforço de síntese, estas resultam das imagens de pessoas, espaços públicos, ironias e comunicações capturadas durante as inserções no bairro e no contato com as mulheres do bordado, bem como nas atividades de extensão efetivadas.

Porém, aqui, resumem-se a algumas ruas e (des)construções capturadas por meio de mãos que experimentam a pintura e o bordado.

FIGURA 14 - VARAL DE FOTOS DO BAIRRO ATERRADO/SÃO GERALDO, 2018.



Fonte: NEID.

Trata-se de dar formas, texturas e cores às coisas – rio, árvores, enchentes, casas, pessoas, ruas etc. –, em seus movimentos e dinâmicas relevantes, que suscitam uma estética própria do lugar e das experiências que se dão nele. São os elementos visuais considerados, nesta pesquisa, corriqueiros, invisíveis ou até mesmo distorcidos em percepções rasas.

As imagens a seguir referem-se ao resultado das atividades do projeto de extensão que serviu para coletar informações de campo. A caminhada pelo Aterrado/São Geraldo foi realizada no bairro em toda sua extensão – a partir de sua entrada até os limites das Diques I e II –, e as imagens, tiradas de situações inusitadas, pelos olhos da pesquisadora. A Figura 15 ilustra a condição de urbanização do local:

FIGURA 15 - PERSPECTIVAS DO BAIRRO ATERRADO/SÃO GERALDO, 2018/19.



Fonte: NEID.

Do caminhar ao bordar. Enquanto estratégia metodológica para a coleta de dados ou como ponto de partida para o ato de pesquisar, o bordar apareceu em vários momentos e atividades que perpassam o exercício de levantamento de dados, conforme a Figura 16 abaixo.

FIGURA 16 - MULHERES BORDANDO.



Fonte: NEID (registro da autora).

Em todas as atividades de campo desencadeadas por este trabalho – aproximações e projeto de extensão –, o bordado foi um recurso de levantamento de informações, relatos e dados. Inclusive, registros de imagens dessas atividades demonstram o ato de reunir, tecer, alinhar, costurar e bordar. Dessa perspectiva, de acordo com a Figura 16, tomando como referência as mulheres do projeto de bordado da policlínica do bairro e as atividades de extensão, registrei imagens que ilustram o “juntar”, um espaço “quase” feminino, de mulheres para conversar e trocar experiências da vida, do cotidiano e, fundamentalmente, sobre elas.

## **Caminhar-mapear**

Foi por vias da extensão acadêmica que se configuraram as experiências coletivas no “Fluir Mandu: expressões culturais no bairro São Geraldo”. Este projeto foi elaborado em janeiro de 2018, como uma forma de primeira inserção no campo de pesquisa, mas efetivado durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2018<sup>29</sup>. Nos dois momentos, tinha o objetivo de possibilitar o (re)conhecimento das expressões culturais existentes no bairro e dos espaços públicos que as ampliem.

A bifurcação das ruas, pessoas usando a praça, a calçada e transeuntes no fluxo comum do bairro ou de participantes do Fluir Mandu. A interação com os espaços e seus habitantes se deu a partir das percepções de indivíduos com diferentes graus de envolvimento em relação ao bairro, desde os que nunca haviam estado lá, até seus próprios moradores. Para isso, o CEU local foi cedido como lugar-base durante as idas a campo.

Durante todo o processo, muitas das percepções foram registradas por meio de gravações de áudios, registros fotográficos e desenhos. As experiências coletivas capturaram aspectos sinestésicos do lugar, como se o “objeto-paisagem” ganhasse equivalência a um ser que se funde em seus habitantes e demonstra essas diversas camadas, repletas de contradições (LATERZA, 2015).

A água-terra, o espaço-tempo, a sociedade-cultura, o rural-urbano, a informalidade-formalidade, a ordem-caos, a solidariedade-individualismo, o progresso-desigualdade e o que mais parecer dicotômico sobre o Aterrado/São Geraldo, indicativos

---

<sup>29</sup> Esse exercício de pesquisa e extensão ocorre a partir do edital PROEX/2018 UNIFEI, sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Desenvolvimento (NEID).



de complexidade (CARVALHO, 2013), a fim de estimular olhares amplificados ao longo da leitura, em vez de considerar fatos rígidos e isolados do território.

Adentrar o campo exige cuidados metodológicos. Se o campo é um território aparentemente controverso, que ora faz parte do todo da cidade, ora tem suas próprias dinâmicas, ainda pouco compreendidas, a necessidade de atenção se intensifica, por serem experiências coletivas, multidisciplinares e por, naquele momento, ter caráter de extensão (intervenção). Para fins de organização textual, dividimos as atividades em dois contextos, nomeados “Fluir I” e “Fluir II”, ao longo dos próximos parágrafos.

O Fluir I, de caráter mais independente, teve como base a casa de moradores do bairro há décadas.<sup>30</sup> Foram dois dias sequenciais de encontros, dia 12 e 13 de janeiro de 2018, aproximadamente 10h de imersão. O grupo contou com 15 participantes, para entradas e saídas ao longo dos dias. Havia pessoas de perfis diversos: crianças, mulheres, homens. Além dos moradores, o grupo era composto por quem frequenta o bairro e por duas pessoas que nunca estiveram lá. Uma delas já reside em Pouso Alegre há anos e outra, foi especialmente para a vivência.

A conversa durou cerca de três horas para alinharmos os interesses daquele momento. Foram compartilhados trechos de histórias de vida referentes ao Aterrado/São Geraldo estreitando a interação coletiva proposta ali. Os moradores se dispuseram a conduzir os trajetos, comentaram sobre a importância de não haver comportamentos invasivos ao longo da Caminhada, como por exemplo, o uso indiscriminado da câmera fotográfica e de percebermos as diferentes nuances que as ruas revelariam.

[...] Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, desenrola-se segundo as mesmas leis do terreno em torno. Somente quem anda pela estrada experimenta algo do seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair, a seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas, assim como o chamado do comandante faz sair soldados da fila (BENJAMIN, 2011).

O caminhar sem compromisso com um roteiro, a princípio, aproximava-se de uma deriva (DEBORD, 2006)<sup>31</sup>. “A ideia da deriva também deve ser relacionada com a atitude do cartógrafo que pratica uma “observação incorporada” (TUAN, 1983), com vistas a enriquecer e conferir novo significado ao entendimento do caminho ao qual se pretende

---

<sup>30</sup> Trata-se da mesma casa de esquina citada no segundo capítulo dessa dissertação, localizada em uma das ruas mais conhecidas do bairro, a Oscar Dantas.

<sup>31</sup> Pautada na “Teoria da Deriva”, publicada originalmente em 1956 na revista surrealista belga *Les lèvres nues* por Guy Debord e depois na *IS 2*, em 1958.

enveredar” (OLIVEIRA, 2016, p.50). Entretanto, o conceito de Debord (2006) se distanciava quando os próprios moradores organicamente direcionavam o caminho, priorizando as bordas do bairro, onde às águas estão mais presentes pela proximidade com o rio e por entender que é onde a população tende a ser mais invisibilizada diante da cidade.

A partir desse primeiro momento foi possível formalizar o projeto de extensão na Universidade. Para o Fluir II, o cronograma sugeria um período maior de imersão, de abril a dezembro de 2018, em que, a priori o desafio seria envolver um número relevante de moradoras e moradores do bairro. Sabia-se que essa articulação só seria possível se houvesse confiança e permanência do grupo de pesquisadores no bairro. Porém, o projeto aprovado pela PROEX só teve acesso aos recursos que viabilizariam sua execução no mês de setembro de 2018, e os prazos foram então adequados conforme essa limitação.

Institucionalizado, o Fluir II fez uso do CEU, um equipamento público localizado às margens do Mandu, próximo ao bairro e, portanto, atendente de parte de sua população. Houve dois encontros para reconhecimento e planejamento entre integrantes do grupo vinculados à Universidade. Foram o professor coordenador, a mestranda e três bolsistas de extensão.

Ainda na primeira visita para observações de campo e levantamento de dados, houve o reconhecimento do território do Aterrado/São Geraldo para que os participantes pudessem conhecer o bairro fisicamente. Foi possível observar padrões que se repetem por entre suas ruas, como por exemplo, mensagens dos próprios moradores escritas em muros ou placas destinadas à vizinha sobre o descarte indevido de lixo como ilustra a Figura 17.

FIGURA 17 - A RECUSA DA MENSAGEM NO MURO, 2018.



Fonte: NEID.

Discursos sobre o bairro também foram considerados, por meio de informações coletadas em conversas informais com a gestora do CEU, moradores, educadores ligados a instituições filantrópicas que atendem crianças locais ou a escola municipal do bairro e representantes do poder público.

No Fluir II, após a etapa de reconhecimento, as atividades concentraram-se em um mesmo encontro, no dia 25 de novembro de 2018. Foram oito horas de imersão em um grupo de 24 participantes. O dia foi dividido em dois momentos: o início, para a Caminhada, a tarde, dedicada à construção cartográfica, momento nomeado “Oficina Criativa”.

Novamente, não havia roteiro para a deriva, mas a participação ativa de uma antiga moradora que compunha o grupo acabou sugerindo que seguíssemos seus passos. Ao longo do trajeto, por meio de gestos, comentários e olhares, moradores que notaram as andanças do grupo demonstraram certa curiosidade por perceberem que se tratava de pessoas estranhas, seja pelo modo de se expressar ou simplesmente por não serem quem rotineiramente estão o local.

Às margens do rio Mandu, mesmo em trechos movimentados como o da ponte da Av. Vereador Antônio da Costa Rios, há descarte de resíduos e uma população em

situação de rua que acaba ocupando o lugar, naturalizado então como uma região de “cracolândia” da cidade.

Nesse contexto, a experiência coletiva não estava imune. Nas caminhadas alguns participantes conversaram diretamente com moradores locais e estes procuravam entender qual o motivo daquelas pessoas andarem por lá em grupo. Havia sempre dúvidas por parte dos moradores, que desconfiavam do cunho político da visita ou até mesmo demonstravam esperança na possibilidade de que haveria alguma reforma estrutural no bairro.

Dadas as confusões, a tensão foi posta em meio ao trajeto: era um grupo considerável adentrando o bairro, em tom descontraído na mesma medida que curioso, atento e por intervir na rotina do bairro. Ainda que fosse num sábado, despertou uma reação semelhante por parte dos moradores.

Um dos episódios em que o estranhamento ficou evidente aconteceu quando uma das integrantes do grupo, ao fotografar o rio Mandu, foi abordada por um morador com a afirmação de que não havia nada de bonito no rio que justificasse aquele registro. Questões complexas da comunidade local, como a pobreza, a vulnerabilidade social, a degradação ambiental e o apagamento das manifestações culturais foram indicados a partir de situações como essa. Certamente, o comentário mais extremo, dito a distância, mas para ser ouvido, foi: “aqui não é zoológico”.

Outra situação, já mencionada anteriormente, é a quantidade de trabalhadoras e trabalhadores que coletam material reciclável. Na informalidade, em suas carroças ou carregando “carrinhos”, percorrem a cidade. Essas estratégias de sobrevivência são observadas no bairro constantemente.

A Figura 18 traz um desses veículos, nesse caso, de tração humana, contendo os materiais recicláveis coletados e as frases que parecem dizer: “Deus é fiel e justo” e “Jesus te ama”.

FIGURA 18 - CARRINHO À ESPERA DO TRABALHADOR, 2019.



Fonte: NEID (registro da autora).

Notou-se a subdivisão do Aterrado em uma área comercial formalizada, basicamente restrita à Av. Vereador Antônio da Costa Rios (via de trânsito comum a toda cidade, por ligá-la ao eixo norte-sul), e em outra, em cujo interior havia resistência de pontos comerciais improvisados - porque extensão das casas -, com produtos e serviços variados sendo oferecidos, como lanchonetes, mercadinhos, bazares e bicicletarias.

Conforme nos aproximávamos das bordas, percebíamos a falta de calçamento e sinalização nas ruas. Em uma delas, essas estruturas eram feitas pelos próprios moradores com placas manuscritas. A cidade fora de ordem se revela nas minúcias. Essa divisão do território reforça as fronteiras ou trincheiras espaciais simbólicas, como pontua Neves (2013), que nele persistem.

O Aterrado/São Geraldo estava “separado” do centro da cidade por dois “obstáculos” físicos e simbólicos: a linha da estrada de ferro e o rio Mandu, sendo que o bairro se adensou em suas várzeas, onde, não raro, ocorriam enchentes que gradativamente foram se tornando mais recorrentes e, segundo Andrade (2016, p. 208), devido à maior impermeabilização do solo, à precariedade da rede de águas pluviais e às alterações no leito do rio.

Era sábado no Fluir II, dia da semana em que muitas trabalhadoras e trabalhadores têm tempo para o ócio. Havia movimentação nas ruas: transeuntes, pessoas sentadas nas calçadas conversando e sempre alguma música de estilo popular, seja sertanejo ou funk, tocando. Essa paisagem sonora faz vibrar os copos que vivenciam o bairro.

Avistamos uma rua no interior do bairro onde as casas têm os muros como algo em comum. Ainda assim, há um senhor que toma seu banho de sol na calçada. Assemelha-se ao homem lento: “O homem lento, o sujeito de suas próprias carências, é mais do que as suas necessidades, ou melhor, do que a escassez a que se encontra submetido. Ele é, em sua inteireza, cotidiano e espaço corporificado (lugar), necessidade e luta, carência e anseio de liberdade” (RIBEIRO, 2006).

Ao fim da caminhada, o grupo se reuniu no CEU para trocar as observações feitas e logo após começar a Oficina Criativa, como parte do processo do Fluir II. Os desenhos individuais foram costurados em uma única composição. Misturavam-se materiais, texturas, cores e narrativas de acordo com as experiências vividas.

Os aterros sobrepostos levaram a mistura de terra e água como base da tinta, que respeita a cartela de cores naturais. O uso da terra era uma escolha conceitual que constava no projeto, mas sua aplicação foi livre e possibilitou representações diversificadas. Algumas contavam sobre o território de modo geral, outras elegiam uma característica específica.

A utilização do bordado remete às tramas das redes de pesca, feitas corriqueiramente nas calçadas, nos tempos em que os mandis eram abundantes no rio. Remete também aos trabalhos manuais que ainda resistem timidamente em mãos artesãs pelo bairro. Sua inscrição nos desenhos acrescentou linhas paralelas, que podem ser entendidas como fronteiras, e levou às grafias, que junto aos desenhos, puderam contar sobre as diferenças que coexistem no Aterrado/São Geraldo.

Tanto durante como após a criação dos desenhos, mantiveram-se conversas sobre a experiência. Havia liberdade para retratar artisticamente emoções e percepções que surgiram ao longo da Caminhada e de acordo com a proximidade de cada um em relação ao bairro.

Os paradigmas a serem estruturados devem valer-se de novos combinados na relação sujeito-objeto. As técnicas participativas, as narrativas, e o respeito à fala do outro passam a ter credibilidade. Quando inseridas no contexto latino-americano, são bem-vindas as trocas intelectuais Sul-Sul e, por conseguinte, a percepção dos espaços urbanos

daqui como de aprendizados e conquistas ainda que limitados pela ordem dominante (RIBEIRO, 2009).

Oliveira (2016) diz: “Compreender a narrativa como dispositivo pautado por uma perspectiva dialética articula o físico e o simbólico, nas dimensões (i)materiais, entrecruzando elementos biográficos, simbólicos e materiais do cotidiano” (OLIVEIRA, 2016, p.53).

Notou-se que aspectos se repetiram na representação do bairro, como por exemplo, a valorização do rio Mandu e a denúncia de seu abandono. Esse posicionamento dos sujeitos participantes não é uma verdade absoluta, mas uma resposta aos acontecimentos do trajeto (BONDÍA, 2002, p.27). O exercício cartográfico criou um espaço reflexivo e ativo, na medida em que trouxe percepções amplificadas a respeito do território.

FIGURA 19 - DESENHO CARREGADO DE AFETAÇÕES, 2018.



Fonte: NEID (elaborado por Fernanda Biondi).

A Figura 19 mescla elementos figurativos e simbólicos, como a avenida que divide o bairro, ou o cifrão, certamente representando os interesses econômicos que incidem sobre o território. Há frases com aspecto de denúncia, como: “terra sem ponto”

e “ponto sem nó”. Esse é um dos desenhos individuais, onde o Mandu está em evidência e a avenida vai perdendo seu contorno, como se o discurso de progresso também se perdesse conforme as condições do bairro se revelam. Ela existe, mas existem também ruas sem o devido calçamento.

A configuração do território é então redesenhada conforme percepções individuais e com toda a subjetividade que a deriva permite incluir. Limitada, em sua maioria, a olhares externos aos nativos, essa deriva está ainda distante da realidade complexa do bairro, ainda que apresente uma narrativa coerente com seus fragmentos. Coerente no sentido de levantar criticamente questões ambientais, econômicas, sociais e culturais, visíveis no lugar e nas (re)ações de quem o usa.

Durante essas atividades de campo, identifiquei que um grupo de mulheres se reúnem na Policlínica para bordar coletivamente. Entendi que traziam uma contribuição ou um eixo condutor para a proposta de capturar as dinâmicas do bairro a partir da perspectiva de um mapa afetivo e, nesse espaço, dialogar com as estratégias de levantamento de dados coletados nas atividades de extensão, observações, documentos e imagens.

Se, por um lado o rio Mandu é um eixo condutor das dinâmicas de (des)urbanização do Aterrado/São Geraldo, promovendo um conjunto de questões socioculturais (falta de infraestrutura, ausência do poder local na solução dos problemas do bairro, alagamentos, fim das olarias etc.), por outro, o grupo de mulheres é o eixo condutor que permite dar um maior alcance aos desenhos cartográficos traduzidos nas observações e atividades efetivadas, visto que os argumentos que disponibilizaram se pautam no campo dos afetos e das afetações entre as pessoas e as dinâmicas do bairro.

## **Bordar-mapear**

A definição de “bordar” pautada na descrição elaborada por Durand (2006), que aponta a aparição do termo acontece na segunda metade do século XVIII. O autor faz uma discussão epistemológica importante – está contida na *Encyclopédie de Diderot et D’Alembert* – para dizer que o termo tem origem na palavra *brodeur*, de origem francesa que significa “bordadeiro”, no masculino. Dentro daquela estrutura de organização societária (o que pode ser incluído em sociedades patriarcais), o bordar profissional é masculino. As mulheres não exerceram esse ofício, mas fazem o “bordar no *linge*” (peças



de tecido para uso doméstico, como toalhas, lençóis e, também, roupas íntimas). Essa função se destinava às mulheres.

A discussão sobre o domínio do ofício do bordar não cabe nesta pesquisa. Contudo, alinhada as revelações de Durand (2006), cabe enfatizar que o bordado reconhecido e valorizado publicamente era aquele desenvolvido por homens, destinado unicamente à decoração de vestes e adereços de elites econômicas, religiosas e aristocráticas. Essa referência de partida aponta para o fato de que ser bordadeira, assim como costureira, é sinônimo de virtuosidade feminina, atuando como um instrumento de manifestação da boa aparência, dignidade e respeito pela ordem estabelecida. Daí, ter o bordado um caráter moral e social da aprendizagem feminina da costura, incentivada tanto pelo Estado quanto pela Igreja.

No entanto, face às falas, às inserções de campo e às reflexões teórico-conceituais, tomando como base o bordado e as bordadeiras, entendo que a rua assume o seu caráter de passagem, heterogeneidade, movimento e instabilidade. Ao mesmo tempo em que se faz essencial à aproximação dos sujeitos-atores. Com isso, frequentar um grupo de mulheres que bordam no bairro e, a partir dele, ou melhor, das relações nele estabelecidas, ter contato com os diversos olhares que ele possa abrigar a respeito das experiências no bairro Aterrado/São Geraldo trouxe maior espontaneidade e intimidade nas vozes e algum aprofundamento no campo. Os próximos parágrafos são dedicados a esse espaço de sociabilidade eleito.

Mulheres: idosas, adultas, crianças, jovens; mestiças, negras, brancas; mães; moradoras do bairro Aterrado/São Geraldo. Exceto Margô, que frequenta o grupo por indicação de sua terapeuta, e as mediadoras, a pediatra Laurinda e a assistente social Eugênia. Estas moram em outros bairros, mas são frequentadoras assíduas do Aterrado/São Geraldo por trabalharem lá.

Na Policlínica, mais especificamente no Materno Infantil, há cerca de quatro anos, as mulheres encontram e (re)criam um lugar de acolhida, às segundas-feiras, em uma palestra ou roda de conversa e, às terças-feiras, ao bordarem “vagonite”. Os encontros têm hora marcada, sempre das quatorze às dezesseis horas e trinta minutos, para que haja tempo de levar e buscar as crianças nas respectivas escolas ou creches.

O assunto das segundas-feiras inicialmente era em torno do puerpério (linguagem médica que representa um período pós-parto, entre 40 e 45 dias, pelo qual a mulher passa após o nascimento do bebê), pelo fato de a grande maioria das participantes estarem nessa

fase. Outras demandas surgiram depois, e o grupo foi nomeado de “Climatério” (popularmente conhecido como menopausa, fase de transição da mulher para um período não produtivo), embora nem todas as mulheres participantes do evento estivessem nessa fase. As próprias proponentes (médica e assistente social) dizem: - “é Climatério sem ser”.

A cozinha do setor serve de sala para o encontro. Por lá, as mulheres fazem uma roda ao redor de uma mesa central e, normalmente, a condutora do evento fica na extremidade, em pé. Laurinda e Eugênia se alternam nesse papel, e contam com a participação de convidadas externas ao grupo, como a psicóloga Anita, também do Materno, ou profissionais que se voluntariam<sup>32</sup>.

Conforme o assunto é exposto, as mulheres podem fazer comentários e, com frequência surgem relatos de vida, em relação a elas mesmas, familiares ou amigas. Nesse sentido, um campo de confiança se estabelece entre as mulheres, pois a escuta prevalece aos comentários ou qualquer julgamento que possa surgir em espaços comuns, não direcionados para o diálogo.

No encaminhamento dos encontros acontece sempre um sorteio de “lembrancinhas”: os nomes assinados na lista de presença são sorteados um a um para ordenar quem escolherá a lembrancinha primeiro – basicamente bombons, cosméticos e bijuterias -. Os bombons costumam ser os preferidos, principalmente das mães que têm filhos pequenos e querem agradá-los<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Nesse contexto, certa vez, pude acompanhar a presença de uma representante de uma indústria farmacêutica que esclareceu dúvidas sobre o período de climatério, o uso de métodos contraceptivos, e ainda de produtos que, segundo ela, podem proporcionar maior conforto a saúde da mulher. Como exemplo, a profissional apresentou um “gel hidratante intravaginal” e distribuiu amostras grátis, já que o produto não exige receita médica. Esse episódio, descontextualizado de processos de resignificação do que é ser mulher ou de interesse originado por demandas das mulheres, ilustra o quão vulnerável as intenções mercadológicas podem estar num equipamento público carente de estrutura adequada para cumprir seu papel.

<sup>33</sup> Conforme a interação com o grupo acontece, os comportamentos reafirmam que mulher é responsabilizada pelo bem-estar de sua família. Ela deve “zelar” principalmente por seu marido e pelos filhos, sobrepondo suas próprias necessidades e desejos. Hirata (2014) e Kergoat (2010) abordam sobre o cuidado - *care* – enquanto um trabalho relegado às mulheres e, portanto, pouco valorizado e até invisibilizado pela sociedade. Segundo Kergoat (2010): “O trabalho de *care* encontra-se no cruzamento das relações de classe, sexo e “raça”” (KERGOAT, 2010, p.102). A afirmação de Sen (2010) complementa: “(...) e a negação do direito de trabalhar fora de casa é uma violação monumental da liberdade feminina” (SEN, 2010, p. 155) e ainda: “A promoção da alfabetização feminina, das oportunidades de trabalho para as mulheres e da discussão pública livre, aberta e bem informada, pode ocasionar mudanças radicais na concepção de justiça e injustiça.” (SEN, 2010, p.291). Essa complexidade seria passível de estudo em meio ao grupo apresentado nessa pesquisa.

No grupo nomeado “Clube de Mães”, durante as tardes de terça-feira, as mulheres se dedicam ao bordado “vagonite”, detalhe que será explicado mais adiante. Em um primeiro momento elas se reúnem em uma das salas do Materno, que em princípio seria um consultório médico, mas, por estar vaga e, diante da demanda por um lugar onde o grupo pudesse se reunir, acabou sendo disponibilizada.

Na ocupação de um espaço no prédio, as mulheres que bordam já usaram diferentes lugares. Em 2017, no primeiro contato com o grupo, elas ficavam no saguão, convivendo com a circulação de pessoas e hoje ficam reservadas nessa pequena sala mencionada, ou ainda na cozinha (a mesma utilizada nos encontros de segunda-feira).

Atualmente há um enfrentamento latente entre quem tem o interesse de garantir a existência dos grupos e quem o percebe como desvio de função naquele equipamento público. As justificativas do desvio perpassam pela noção de que uma unidade de saúde deve cumprir um papel normativo, ofertando serviços como consultas médicas e campanhas de vacinações, de acordo com a meta de atendimentos prevista.

Essa tensão reflete-se no discurso que, segundo Laurinda, aparece com alguma frequência: “Doutora, você está sendo social!”. A noção de que são necessárias ações complementares na saúde pública, que incluam a prevenção e valorizem um atendimento humanizado, não é generalizada ali.

Desse modo, o sentido de lugar ocupado pelas mulheres se amplia. Passa do aspecto meramente físico para o simbólico. Modifica-se também o próprio conceito de saúde, institucionalmente demarcado, com a prevalência, agora, da perspectiva da saúde de ação preventiva, a favor da qualidade de vida, em vez de restrita à remediação (LIMA; BOMFIM, 2012).

Ao final de ambos os encontros, as mulheres partilham um lanche. O cardápio costuma ser um pão salgado recheado com frios, café e suco artificial ou, em dias especiais, refrigerante. A iniciativa de Laurinda e Eugênia, que compram com o dinheiro da venda dos panos de prato e preparam tudo para esse momento que, para além da alimentação, estimula o fortalecimento de vínculos entre as mulheres de maneira mais solta, descontraída.

Sobre o acesso a recursos para compra de insumos para os bordados, lembrancinhas e os lanches, ou seja, a favor da permanência dos grupos, Laurinda diz: “Aqui, da prefeitura nada. (...) Lanche... tudo nosso. (...) Nós e nós mesmo.” E Eugênia acrescenta: “A gente, nós fazemos bazar né... Só que agora não pode mais também,

entendeu? (...) Ganhar e vender assim, por um preço bem baratinho (...)”. Dessa forma, o sustento do grupo tem sido feito por meio da venda dos panos de prato e de doações esporádicas, feitas por simpatizantes.

Dentro desse quadro, o projeto é voluntário, espontâneo e depende do “saber” das mulheres sobre determinado assunto e da disponibilidade de ensinar o “fazer” para as outras mulheres e pessoas interessadas. O relato de Laurinha sobre a Dona Maria é elucidativo:

A gente tentou até tapete de... crochê... de ret... que a gente tinha uma mãe que ia ensinar a gente a fazer aquele tapete de barbante, só que ela faleceu de câncer de mama. A Maria sofreu muito, coitada, eu lembro, eu fui no velório dela. Aí a, não tinha quem ensinar elas fazer crochê.

Não há qualquer seguridade normativa da vida do grupo. Ele existe enquanto ação de resistência, o que dá margem para reflexões sobre os limites entre seu caráter de dependência e autonomia.

Outro aspecto que reforça a coexistência da dependência e da autonomia no grupo é a escolha do tipo de saber-fazer manual a ser praticado, como demonstra o trecho privilegiado no diálogo estabelecido entre Eugênia e Laurinha durante a entrevista de campo:

[Eugênia] Começo com a Dona Conceição, que a Valdirene nem tinha entrado de férias, ainda, esse grupo de bordado.

[Laurinda] A Dona Conceição quis bordar vagonite, e ela gosta de ensinar né?

[Eugênia] Ela era voluntária aqui, né? É, ela gostava, ela sempre foi voluntária dos grupos. Daí ela resolveu vir aqui ensinar o pessoal.

Com isso, percebe-se que a estrutura para a existência dos grupos não está dada. Sempre foi preciso contar com a contribuição voluntária das mulheres envolvidas. A segregação sociocultural na cidade é reforçada pela carência de equipamentos comunitários, pela dificuldade (das minorias) de inserção na trama urbana e até pela insegurança de certas zonas (VILLAGRÁN, 2007). Isso é garantido pela solidariedade de diferentes mulheres – no fazer dos panos de prato, nas compras e vendas, nas atitudes voluntárias que garantem os materiais, o lanche e a manutenção do grupo para constância do espaço de trocas.

Cabe também relacionar a denominação “Clube de Mães” aos grupos femininos crescentes em meados de 1970, no âmbito das ações culturais comunitárias da Igreja

Católica<sup>34</sup>. Surgem conforme se configuram os espaços de Educação Popular, pois essa relação ajuda na identificação da influência do aspecto religioso nos grupos: reza-se um Pai-nosso no início de cada encontro nas segundas-feiras e, conforme se estabelecem diálogos cotidianos em ambos os grupos, conselhos ligados à moral cristã saltam.

As práticas manuais podem ser associadas, há séculos, às mulheres. Historicamente, no Brasil, as brancas de classes favorecidas eram influenciadas nos colégios religiosos a fim de uma instrução para os bons modos. Às mulheres e meninas pobres, restava o artesanato, um dos poucos ofícios que possibilitavam o sustento de suas famílias (SILVA, 2013).

Isso, porque os ofícios feminizados, como o cuidar e o bordar, são trabalhos cuja falta de estrutura é aceita, já que os avanços tecnológicos são compatíveis com o progresso e, portanto, um privilégio masculino (TABET, 2005).

Nesse sentido, o caráter assistencial se faz presente no “Clube de Mães”, ainda que haja alguma brecha para a emancipação das mulheres participantes, seja em aspecto econômico, cultural, psicológico e/ou social. Por mais que existam hiatos, a assistência e a emancipação acabam por explicar a permanência desse espaço e permite a reflexão sobre as feminidades que vão sendo costuradas ao fazer têxtil, ainda que haja aparente despreensão de algumas mulheres em relação ao bordado ou às percepções do bairro.

E sobre a brecha, ou melhor, as possibilidades de assimilar e até ressignificar as experiências de bordar juntas e de levá-las para fora daquele espaço restrito, onde se reúnem para os modos de vida no Aterrado/São Geraldo – e o mundo, tudo isso encontra-se nas trocas, no desenvolver da habilidade manual e intelectual, nas experimentações estéticas que o tecido, o fio, a agulha, a cor e a textura estimulam.

Como relata Pérez-Bustos e Piraquive (2018), o trabalho etnográfico feito com o grupo de bordado implicou compartilhar momentos únicos de aprendizagem e ensinamentos, entre os processos de fazer e refazer os bordados, entre conversas dolorosas, felizes e esperançosas (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018). O saber-fazer leva as mulheres a se reconhecerem e a se construírem como mulheres.

---

<sup>34</sup> Foi durante a “XX Semana de História: A escrita da História e suas histórias”, na Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), que a Profa. Ma. Suzana Costa Coutinho expôs sobre “Movimentos sociais no Brasil: breve apontamento histórico a partir da práxis” no dia 30 de outubro de 2019. Nessa oportunidade Suzana retoma o processo histórico dos Movimentos Sociais no Brasil e menciona o “Clube de Mães” como uma das ações culturais comunitárias da Igreja Católica, com fortes influências epistemológicas do educador Paulo Freire. Suzana é uma das autoras de “Sociologia da Educação Sociocomunitária: ensaios sobre o campo das práticas socioeducativas e a educação não formal”, livro publicado pela Editora Setembro em 2013.

Pela delimitação do espaço e das formas na trama-base do tecido vagonite, onde se borda há sugestão da simetria como ideal estético. Considerado como uma tipologia fácil de bordado, o saber fazer do vagonite exige atenção numérica, pois o contorno dos padrões se dá de acordo com a passagem da linha no número certo de “casas”, assim como, em outros tipos, há pontos tradicionais que são replicados e têm o jeito certo de feitura. As mulheres fazem o vagonite em faixas que serão aplicadas posteriormente em tecidos para compor panos de prato, como se vê na Figura 20 abaixo.

FIGURA 20 - A FEITURA DO BORDADO VAGONITE.



Fonte: Arquivos de Sabrina Morais Ferreira.

O processo se dá da seguinte maneira: as faixas devem ser cortadas em um tamanho determinado. Essa tarefa de corte costuma ser realizada pela Laurinda, a responsável por guardar os tecidos, linhas e tesouras. Daí, cada mulher pega a sua faixa e escolhe um desenho, geralmente seguindo uma receita encontrada em revista especializada. As cores de linhas serão usadas conforme os novelos disponíveis e a agulha a ser usada é sempre do mesmo tipo (própria para bordado com tamanho em torno de 24mm), assim como as revistas. Estas ficam sob a responsabilidade de Dona Mayara, reconhecida como líder do grupo.

Ao bordarem, a realidade vai se configurando em tramas profundamente íntimas e afetivas que passam pela questão de gênero, classe e raça. A afetação se faz mútua entre as mulheres em seus fazeres, e eu, mesmo como pesquisadora, faço parte disso. O bordado coletivo afeta o fazer etnográfico, conforme bordamos.

A coletividade permite às mulheres que participam do bordar a criação de espaços de encontro, cura e criatividade, que reforçam experiências femininas e, por vezes, feministas (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018). Essa desenvoltura está diretamente relacionada ao contexto em que se encontram, pois no Aterrado/São Geraldo, as mulheres muitas vezes estão limitadas ao ambiente doméstico e pouco conseguem expandir para além dele.

É também “*raro encontrar mujeres jóvenes que borden artesanalmente*” (PÉREZ-BUSTOS; PIRAQUIVE, 2018, p. 7), principalmente de maneira coletiva e autônoma, alheias às demandas de mercado, ou seja, como forma de troca de saberes, criação de vínculos e rede. No “Clube de Mães”, são apenas duas mulheres jovens acompanhadas de suas respectivas filhas pequenas, além de mim, em meio a cerca de dez adultas ou idosas.

Na junção dos capítulos “Além da Margem”, “Passos Cartográficos” e “Experiências ao Mapear”, a pretensão de elaborar um roteiro cartográfico dos afetos trouxe as vozes das pessoas do bairro, as dificuldades socioculturais presentes no cotidiano das pessoas e os fragmentos de memórias daquele contexto de moradia, trabalho, sociabilidades e relações.

Por fim, deixo consignado que, essencialmente, a fala das mulheres do grupo “Clube de Mães” pode, ao longo desses três capítulos, emprestar afetos sobre o Aterrado/São Geraldo, o que permite ressignificações sobre o bairro e a cidade, bem como o contorno do desenho cartográfico nos termos aqui propostos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação foi resultado de um conjunto de investigações efetivadas a partir do projeto Observatório de Desenvolvimento e Cultura Sul de Minas Gerais, dentro da linha de pesquisa Desenvolvimento e Sociedade do PPG DTecS, da UNIFEI, impulsionado pelas demandas de pesquisa do NEID que, naquela oportunidade, vinha executando propostas sobre cultura e desenvolvimento e assumindo frentes de desconstrução de metodologias disciplinares e pouco flexíveis.

Ao aceitar o desafio, acompanhado de um conjunto de investigadores iniciantes no mestrado, com a contribuição de pesquisadores de outros grupos e instituições, distanciei-me do meu lugar de formação sem abandonar os aspectos centrais: dimensões estéticas, afetações e pautas interventivas.

As proposições do Observatório me instigaram a refletir, debater e investigar questões do Sul de Minas Gerais, as quais tinham como pauta os saberes e fazeres, sempre com ponderações de trazer subsídios (ou estabelecer possibilidades) para ações, atividades e intervenções, com a expectativa de geração de renda, quer seja no âmbito do poder local, quer seja no formato de associações, cooperativas, ONG's, entre outras entradas.

De pronto, revigoram-se em minhas lembranças fragmentos de minha história com o bairro do Aterrado/São Geraldo, o que, de alguma forma, atribui contundência ao fato de eu não só estudar as relações do bairro com a cidade, a urbanização, o rio Mandu e a história, mas também e fundamentalmente, propor intervenções e pontuações que ressignifiquem os olhares: do lugar para com o lugar; das pessoas para o lugar; da cidade para o lugar; das pessoas do lugar sobre a cidade.

Não foi uma tarefa tranquila e fácil estabelecer um diálogo com a minha formação, as inquietações e os limites da academia (rigor científico, prazos etc.). Desde o início das pesquisas, o bordado e as mulheres apareciam como recorrência em minhas inserções de campo.

Demorei um certo tempo para perceber o quanto de elementos, informações e riquezas elas, as mulheres bordadeiras, tinham para contar-me sobre o bairro, relações e realidade cotidiana e para me oferecer. Ao percebê-las e aceitá-las, a pergunta de pesquisa emergiu: quais são as particularidades na vivência do Aterrado/São Geraldo, pelo olhar dos moradores, na relação com a cidade de Pouso Alegre?



A pergunta dirigiu os anseios da pesquisadora e direcionou a investigação para o objetivo de “apreender” as experiências vivas do lugar, bem como pretensões secundárias de “identificar” e “revelar” as sociabilidades, os sentimentos e as afetações, partindo da leitura que a mulheres bordadeiras fazem sobre o bairro Aterrado/São Geraldo.

Nessa perspectiva, foi possível o estabelecimento de uma contribuição ao debate sobre as questões do desenvolvimento e cultura, tomando como referência o local, bairros pobres e cidades de pequeno–médio porte, sem deixar de abafar as tensões e as relações de disputas que permeiam o espaço.

Como um encaminhamento das respostas à pergunta e aos objetivos formulados, optei por apostar em três frentes distintas, contudo correlacionadas, as quais alcançam as pretensões desta dissertação (incluindo as do projeto Observatório), meus enfrentamentos e os encorajamentos que o PPG DTecS havia instigado no campo interdisciplinar: (a) elaborar um método flexível; (b) escrever um texto menos duro em que o objeto esteja presente desde o início e a sensibilidade da pesquisadora seja explorada; (c) dar voz e vida às pessoas e às coisas em espaços de “subalternidade”.

No que tange à metodologia. Sempre houve uma pretensão por parte de nós, integrantes do NEID, ao menos desde 2017, de exercitarmos e até elaborarmos metodologias mais abertas e adequadas às temáticas estudadas, que, naquele momento, eram especialmente dedicadas aos saberes e fazeres resistentes em ambientes pouco assistidos pelo Estado ou pelo mercado. Na prática, entretanto, as dinâmicas de nossos campos de atuação fizeram com que cada um de nós optasse por teorias e instrumentos distintos, ainda que mantivéssemos pontos de intersecção, sobretudo no entendimento de cultura e desenvolvimento.

Dentro desse quadro, a escolha do bairro Aterrado/São Geraldo fez sentido, sustentada por discussões prévias, num primeiro plano, sobre desenvolvimento e sociedade; num segundo plano, sobre as tecnologias, nessa hipótese, com um processo técnico. Portanto, assumidamente as trocas efetivas no ambiente acadêmico tiveram uma disposição para a interdisciplinaridade, com diálogos entre a antropologia, o urbanismo, a economia, a sociologia, a história e as técnicas contidas no saber-fazer do bordado.

Nesse ponto, tratei o Aterrado ou São Geraldo como um território definido por congregar elementos que favorecem os sentidos e significados que geram pertencimento, afeto e liga entre as pessoas e o lugar, mesmo diante de todos os problemas socioeconômicos que experimentam. O Aterrado/São Geraldo, mesmo com o descaso do

poder público municipal, não é apenas uma delimitação funcional–espacial–geográfica, visto que é dotado de sentimentos, valores e afetos, compreendido também, como um lugar de disputas por direitos, participação e pertença.

No que tange ao texto menos duro e à sensibilidade da pesquisadora. Valorizei o caminho de efetivar descrições sobre os aspectos socioculturais do bairro, de acordo com as vozes de seus habitantes. De uma perspectiva cartográfica, tentei formatar um mapeamento das inúmeras conversas e gestos que pude presenciar.

Longe de ser um processo linear, parti de conversações e comportamentos, e as minúcias de imagens, sons e texturas revelaram conteúdos subjetivos, por vezes, de difícil medida. Para esse movimento, tive que redobrar a atenção diante da exigência de um tratamento transgressor, o que me fez optar por indicadores outros e não tabelas, gráficos ou dados quantitativos. Para isso, os critérios devem ser pautados em leituras profundas, tanto de conceitos, quanto do próprio lugar.

O ponto em questão é a admissão sobre os limites da pesquisa, que podem ser resolvidos em recortes, objetos, objetivos, problemas, métodos e critérios de análise bem definidos, esforço que garante certa credibilidade epistemológica e, portanto, científica. Contudo, notar padrões cotidianos submetidos às imprevisibilidades do mundo vivido fez com que eu adotasse uma postura, não menos consciente, de inconsistência, que acaba refletida nesse mapa afetivo.

O mapa afetivo aqui consiste no texto em si, na organicidade de ir pontuando ao longo do processo os elementos relevantes. Quando, ao falar de desenvolvimento, ressalto a desigualdade social, utilizo-me de uma brecha para se pensar sobre a justiça social. Se, na caracterização da cidade, pontuarmos que seu posicionamento econômico não favorece a todos automaticamente, a exploração das minorias pode facilmente ser oculta e amortecida com medidas paliativas. O rio Mandu é descrito muito em torno de seu passado, mas não por acaso e sim porque ele é tão negligenciado que nem mesmo as enchentes estão em pauta; é preciso, pois, trazer memórias para que voltemos a reconhecê-lo como fonte de vida. Sobre o Aterrado/São Geraldo, ainda que a condição de escassez se sobressaia, sublinhar sua diversidade, a riqueza de seus espaços de sociabilidade e a potência de mulheres que lá produzem artesanalmente é anunciar que é preciso reconhecer e fazer a manutenção dessas expressões culturais para que se vislumbre verdadeiramente o desenvolvimento local.

No que tange a dar voz e vida às pessoas e às coisas. As trocas se intensificaram significativamente em campo: pela vida-vivida, no lugar que é o bairro, seja por existir junto ao rio Mandu em seu histórico fértil e ambientalmente “catastrófico”, ou por ser considerado “marginal”, “atrasado” e “violento”, sempre a partir do olhar do outro ou do estrangeiro (imaginário construído pela cidade), ou por guardar gestos “ativos”, “solidários” e “criativos”. Todas, ações que se constataram entre os moradores durante o convívio.

O Aterrado/São Geraldo se apresentou como um terreno de inúmeras camadas. A primeira delas, de superfície estereotipada, é a mais compacta, e rompê-la significaria semear novos paradigmas, com o cuidado de não ignorar os antigos ou deixar de vislumbrar os futuros. Esse rompimento, ao menos no âmbito das expressões culturais, foi o grande desafio desta pesquisa.

As pessoas do bairro, de uma forma ou de outra, têm consciência da realidade e dos problemas sociais, econômicos e políticos que enfrentam, e fazem-no com muito humor e certo cinismo. Isso fica evidente nos contrastes entre as frases registradas pelas imagens selecionadas ao longo da dissertação: “Brasil 2018” e uma carroça com transporte; “favor não jogar lixo” e uma pilha de lixo abaixo da escrita; “beco sem saída”, o que poderia indicar uma rua sem saída ou um lugar sem futuro; “é velho mas tá pago”, alusão à carcaça de um carro velho estacionado.

Nesses espaços, a igreja, na ausência mais efetiva do poder local e de propostas políticas de desenvolvimento simétrico, assume o papel do provedor pela via da caridade, seja espiritual (de pregação e convencimento, como o escrito no carrinho de mão do trabalhador de reciclável “Deus é Fiel e Jesus te ama”), seja material (contribuições da congregação para situações extremas, como no caso dos haitianos).

Por outro lado, há uma desconfiança nas pessoas do bairro quanto aos olhares do estranho e do estrangeiro que chega de paraquedas no bairro para abrir algum tipo contato, diálogo ou intervenção. Nesse sentido, vê-se um cansaço coletivo diante de compromettimentos sazonais que não resultam em transformações ou mudanças visíveis. Ficou latente a tensão gerada pela desconfiança dos moradores para conosco, durante os registros da caminhada pelo bairro, a ponto de um morador questionar o que estávamos fazendo lá, dizendo que ali não “era um zoológico”.

Com todos os limites e problemas enfrentados, viu-se que o bairro pulsa e que as pessoas ocupam as ruas, os bares e as igrejas. No dia da caminhada, a movimentação no

bairro parecia intensa, e muitas casas tinham música em volume alto, como se todos devessem participar daquele momento.

As mulheres bordadeiras, em suas falas, diálogos e relatos, ratificaram percepções que tivemos sobre o aterrado/São Geraldo. Trata-se de um território com muitos problemas e que não se desenvolve com a mesma simetria dos demais bairros da cidade. Inclusive, reconhecem a “marginalização” e o “isolamento” diante da precariedade de políticas públicas aplicadas no bairro.

Houve certa facilidade na apreensão de experiências em campo, pois a sua compreensão foi se ampliando de acordo com a aproximação ao território. As próprias escolhas teóricas e metodológicas inevitavelmente proporcionariam percepções sensíveis no bairro, afetações.

As caminhadas – conversas, registros e o próprio bordar, às vezes, de maneira solitária, observante e participante ou coletiva com estranhamento ou naturalidade de quem está ali cotidianamente – fizeram emergir as experiências as quais permitiram inúmeras reflexões sobre o conceito de desenvolvimento, nos termos aqui proposto.

O desenvolvimento, como palavra, não está no vocabulário prático do Aterrado/São Geraldo. Pois não é honesto o uso do termo em um lugar onde as desigualdades ainda persistem, onde o direito a bens como a água e a habitação de qualidade ainda são suprimidos para muitos moradores.

Há sim avanços para além da luta pela sobrevivência, com algum acesso ao consumo, à educação e à saúde, tanto que o bairro permanece como saída para migrantes e imigrantes, mas prevalecem controvérsias que se conformam melhor à palavra “crescimento”. O bairro cresceu consideravelmente nas últimas décadas, mas com carências de infraestrutura.

No que tange aos resultados da pesquisa, não há pretensão de convencimento. Esse mapa afetivo permanece em aberto e, por isso, faltam amarrações. Praticamente não se pode ver sua dimensão figurativa. Se alguém estiver perdido ou pretende achar determinado endereço no bairro Aterrado/São Geraldo, sugiro que vá lá e pergunte a alguém, olho no olho, onde se encontra.

No Aterrado/São Geraldo, território vivo, a cultura que pulsa nas ruas é mais certa. Assim sendo, este texto dissertativo se caracteriza apenas como um apontamento para a dimensão dessa experiência do ser/estar no lugar, ressaltando que a especificidade em relação à cidade reside nessas percepções.



Como resultado, com base na constituição de um mapa afetivo das bordadeiras, o texto trouxe as expressões culturais do bairro por meio da apresentação de elementos de convívio e de significado que demonstram como o lugar se configura. Essas mulheres, contudo, expressaram seus afetos, sentimentos e solidariedade sobre o que chamam de “Aterrado”, e deram linha, cores e formas a seus panos, tecendo bordados que estabelecem sentido à vida do lugar.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri. **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008.

AGIER, Michel. **Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro**. MANA 21(3): 483-498, 2015.

ANDRADE, Alexandre Carvalho de. **Pouso Alegre (MG): expansão urbana e dinâmicas socioespaciais em uma cidade média**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2014.

\_\_\_\_\_. **As novas centralidades e suas interferências nas dinâmicas socioespaciais da área central da cidade de Pouso Alegre (MG)**. I Simpósio Mineiro de Geografia – Alfenas, UNIFAL, 2014. ISBN: 978-85-99907-05-4.

\_\_\_\_\_. **Modernidade e o Progresso como Discursos: A Cidade de Pouso Alegre (MG) nas décadas de trinta e quarenta do Século XX**. Revista Cultura Histórica & Patrimônio – Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG); volume 3, número 2, 2016.

BARBOSA, A.S.; ANDRADE, A. C.; SANTOS, I.C. **Central, porém marginal: O bairro São Geraldo no contexto socioespacial da cidade de Pouso Alegre (MG)**. In: Décimo Nono Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP, 2011, São Paulo. Anais do Décimo Nono Simpósio Internacional de Iniciação Científica da USP. São Paulo: Edusp, 2011. p. 3158-3158.

BARBOSA, André Silva. **Discursos do/sobre o Bairro São Geraldo/Aterrado na Cidade de Pouso Alegre**. Entremeios: Revista de Estudos do Discurso. v. 15, p.93-108, jul.- dez./2017.

\_\_\_\_\_. **São Geraldo: (A)Terrado de Sentidos**. / André Silva Barbosa. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Sapucaí, Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre. – Pouso Alegre: UNIVAS, 2015. 117 p.

\_\_\_\_\_. **Um bairro é só um bairro?** In: RUA [online]. nº. 24. Volume 1 – *ahead of print* – e-ISSN 2179-9911 - junho/2018. Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade.

BARROS, José Márcio - organizador. **Diversidade Cultural: da proteção à promoção** / José Márcio Barros, organizador; [fotos Luan Barros, Maurício Zaferino; arte José Augusto Barros]. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BARROS, José Márcio; JÚNIOR, José Oliveira - organizadores. **Pensar e agir com a cultura: desafios da gestão cultural** / – Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011. 156p.

BENJAMIN, Walter. **O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov.** In: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* 1ª ed. 1985. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997. p.197-221.

\_\_\_\_\_. **Rua de Mão Única.** Obras Escolhidas - Volume II. São Paulo: Brasiliense, 6ª reimpressão, 2011.

BERALDO, Ana; REIS, Eunice. **Memória do povo: vozes do século XX.** São Paulo: Anauá, 2012. 155 p.

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>> Acesso em: 19/03/2018

Blog do Airton Chips. **O ‘velho’ Aterrado... E eu!** Disponível em: <<https://airtonchips.com/2014/01/15/o-velho-aterrado-e-eu-2/>> Acesso em: 26/02/2019.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002 Nº 19.

BORGES, Hélia. **Os Corpos na Sociedade.** Canal Curta! - Publicado a 23/11/2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tqqNXYWH4uo>> Acesso em: 06/06/19.

BRANDÃO, Gabriela Gazola. **Arquitetura e urbanismo como fenomenologia do habitar.** Geograficidade | v.7, Número 1, verão, 2017.

\_\_\_\_\_. **Naturezas do habitar: da metrópole à pequena cidade.** (Dissertação). Niterói: UFF, 2016. 195f.

BROD, Rodrigo de Azambuja; MAZZARINO, Jane Márcia. **O que fica, o que flui e o que fala: lugares identitários no ambiente urbano.** Ambiente & Sociedade n São Paulo v. XVIII, n. 4, p. 55-74, out-dez 2015.

BUTTNER, Anne. **Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar.** Tradução: Letícia Pádua. Geograficidade, v.5, n.1, Inverno, 2015.

CANCLINI, Néstor García. **Imaginários Culturais da Cidade: Conhecimento / Espetáculo / Desconhecimento.** In: *A cultura pela cidade / Teixeira Coelho (org.).* - São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

CARVALHO, Edgard de Assis. **Cultura e Complexidade: um trajeto antropológico.** In: PIMENTA, C.A.M.; MELLO, A.S. (Orgs). *Encruzilhadas da Cultura: Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade.* Taubaté: Cabral Editora, 2013, v. 1, p. 49-69.

**Catálogo de Teses e Dissertações CAPES.** Disponível em: <<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>> Acesso em: 19/03/2018.

DEBORD, Guy. **Teoria da Deriva**. Revista Internacional Situacionista nº2, 1958. Segunda tradução (espanhol-português) por membros do Gunh Anopetil, 2006.

**Diques precisam estar prontos para conter enchentes, diz engenheiro**. G1 Sul de Minas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2013/01/diques-precisam-estar-prontos-para-conter-enchentes-diz-engenheiro.html>> Acesso em: 26/02/2019.

DOWBOR, Ladislau. **O que é poder local**. Impertriz, MA: Ética, 2016.

\_\_\_\_\_. **A Dimensão dos Desafios** – Capítulo 1. In: A era do capital improdutivo: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo? - São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

DURAND, Jean-Yves. **Bordar: masculino, feminino**. ALIANÇA ARTESANAL, ed. “Reactivar saberes, reforçar equilíbrios locais”. Aliança Artesanal, 2006, p. 13-22.

**Expedição Rio Mandú – Por dentro dos Rios**. Publicado em 15/08/2017. Disponível em: <<http://institutofernandobonillo.com.br/ifb/expedicao-rio-mandu/>> Acesso em: 17/05/2019.

FARIA, Rivaldo Mauro de. **Território urbano e o processo saúde-doença: perfil territorial da saúde no São Geraldo em Pouso Alegre - MG** / Rivaldo Mauro de Faria. -- Campinas, SP: [s.n.], 2008. Orientador: Arlêude Bortolozzi. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **“Ser afetado”**. – “Être Affecté”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie*, 1990. 8. pp. 3-9. Tradução: Paula Siqueira; Revisão: Tânia Stolze Lima. Cadernos de campo nº 13: 2005, 155-161.

FERREIRA, Ivanir. **Cartografia mapeia relações de poder de um mundo em crise**. Publicado em 02/10/2019. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/cartografia-mapeia-relacoes-de-poder-de-um-mundo-em-crise/>> Acesso em: 20/11/2019.

FERREIRA, Sabrina Moraes. **Mulheres que tecem renda renascença**. In: XIV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (ENECULT). Salvador: UFBA, 2018. v. 01. p. [1]-[11].

FONSECA, Alex Sandro Santos. **Concreto sobre areia e sal: A (re)invenção da Comunidade de Caraguatatuba/SP (1950-2010)** – Territórios e Identidades, Transformações e Permanências / Alex Sandro Santos Fonseca. – Guarulhos, 2016. 173 f. Dissertação de Mestrado (História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, 2016.

FONTES, Breno Augusto Souto-Maior. **Os Espaços de Sociabilidade na Construção dos Territórios**. In: G&DR, (ed. especial), v. 14, n. 4, p. 165-179, 2018.

Fórum Nacional de Reforma Urbana. **Cidade interseccional: o direito à cidade nas perspectivas de gênero e raça**. Publicado em 10/10/2018. Disponível em:



<<https://terradedireitos.org.br/acervo/artigos/cidade-interseccional-o-direito-a-cidade-nas-perspectivas-de-genero-e-raca/22936>> Acesso em: 28/09/2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira/ Prefácio de Jacques Chonchol. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FURLANI, D. D. & BOMFIM, Z. A. C. **Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos.** *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 50-59, 2010.

FURTADO, Celso. **Cultura e Desenvolvimento em época de crise Celso Furtado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

\_\_\_\_\_. **O mito do desenvolvimento econômico.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FURTADO, Fabrina. **De zonas de sacrifício à luta por justiça ambiental: a cidade é feita pra quem?** COLETIVA; Dossiê 24; *Direito à Cidade*; 2019| ISSN 2179-1287.

GÓIS, Cezar Wagner de Lima. **Saúde comunitária: Pensar e fazer.** São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

GOUVÊA, Otávio Miranda. **A história de Pouso Alegre - 2ª edição - Pouso Alegre:** Gráfica Amaral, 2004.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna.** São Paulo: Loyola, 1993.

HEIDEGGER, Martin. **O Meu Caminho na Fenomenologia.** Tradução: Ana Falcato. Universidade da Beira Interior: Covilhã, 2009.

HIRATA, Helena. **Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais.** In: *Gênero, classe e raça. Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 26, n.1, junho, 2014. p. 61-73.

IBGE. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pouso-alegre/panorama>> Acesso em: 01/11/2019.

ICONOCLASISTAS. **Algumas Considerações acerca da Prática do Mapeamento Colectivo.** Tradução: Miguel Serras Pereira. Lugar Comum – Estudos de Mídia, Cultura e Democracia. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Laboratório Território e Comunicação – LABTeC/ESS/UFRJ – Vol 1, n. 1, (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ, n. 41 – set-dez 2013. p. 185-191.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes -** Salvador: EDUFBA, 2012.

KERGOAT, Danièle. **Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais.** Tradução: Antonia Malta Campos. *Novos Estudos - CEBRAP* nº 86. São Paulo: março de 2010.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATERZA, Mariana Fonseca. **A cidade como ser**. Reflexão em Arte; ISSN 2318-5538; V.2, Nº6, MAR., ANO 2015 - Por uma relação mais afetiva com os lugares que nos rodeiam. Disponível em: <[http://artcontexto.com.br/artigo-edicao06\\_mariana\\_laterza.html](http://artcontexto.com.br/artigo-edicao06_mariana_laterza.html)> Acesso em: 25/05/2019.

LEFEBVRE, Henri. **La Production de l'Espace**. Paris: Anthropos, 1986 (1974).

\_\_\_\_\_. **O direito à cidade**. Título original: *Le Droit à la Ville*/Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Deyseane Maria Araújo; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Mapeamento psicossocial participativo: Metodologia de facilitação comunitária**. Psicologia Argumento, v. 30, n. 71, p. 679-689, out./dez. Curitiba: 2012.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (pulsações)**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.  
LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Anuário Antropológico/2002-2003 Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004: 251-290.

LUGONES, María. **Colonialidad y género**. Tabula Rasa, n. 9, p. 73-101, 2008.

MATOS, Daniela Abreu. **Escritas da cidade: juventudes e resistências nas periferias de Salvador**. – 1ª ed. – Curitiba: Appris, 2018. 279 p.

MESQUITA, André Luiz. **Mapas Dissidentes: proposições sobre um mundo em crise (1960-2010)**. Tese (Doutorado - PPG em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo). São Paulo: 2013.

MESQUITA, André Luiz. **Sobre mapas e segredos abertos**. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 114 - 135, nov. 2012.

**MICHAELIS** - On-line. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em: 22/06/2018.

MIRANDA, Lays Horta de; MORATO, Rúbia Gomes; KAWAKUBO, Fernando Shinji. **Mapeamento da Qualidade de Vida Urbana em Pouso Alegre, Sul de Minas Gerais**. Revista do Departamento de Geografia –USP, Volume 24 (2012), p. 24-36.

MORAIS, Marcelo Brito de; CHAVES; Armando Macêdo; JONES, Kimberly Marie. **Análise de viabilidade de aplicação do tijolo ecológico na construção civil contemporânea**. Revista Pensar Engenharia, v.2, n. 2, Jul./2014.

NEVES, Leandro Roberto. **Além da superfície: a produção das trincheiras espaciais simbólicas**. São Paulo, 2013. Tese (Doutorado - PPG em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social)

NEVES, Leandro Roberto. **Psicossociologia urbana: catástrofe socioambiental de enchente – um estudo de caso**. Curitiba: Juruá, 2016. 182p.

OLIVEIRA, Wolney Fernandes de. **Saberes-fazer cartografados à partir das memórias do meu avô** [manuscrito]/ Wolney Fernandes de Oliveira. Orientadora: Profa. Dra. Lêda Maria de Barros Guimarães. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, Goiânia/GO 2016.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. **Desfazendo pontos de vista feministas: reflexões metodológicas da etnografia do design de uma tecnologia**. Texto apresentado na abertura do I Seminário Internacional sobre Tecnociência e Gênero, na Universidade Federal de Itajubá, em 26 de novembro de 2018.

PÉREZ-BUSTOS, Tania; PIRAQUIVE, Alexandra Chocontá. **Bordando uma etnografia: sobre como el bordar colectivo afecta la intimidad etnográfica**. Debate Feminista 56 (2018), pp. 1-25 issn: 0188-9478, Año 28, vol. 56, 2018.

PÉREZ-BUSTOS, Tania; TOBAR-ROA, Victoria; MÁRQUEZ-GUTIÉRREZ, Sara. **Etnografías de los contactos. Reflexiones feministas sobre el bordado como conocimiento**. Antipod. Rev. Antropol. Arqueol. No. 26. ISSN 1900-5407 · e-ISSN 2011-4273 · pp. 47-66. Bogotá, septiembre-diciembre 2016.

PIMENTA; Carlos Alberto Máximo; MELLO, Adilson da Silva. **Entre doces, palhas e fibras: experiências populares de geração de renda em cidades de pequeno porte no sul de Minas Gerais**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. 2014. vol.1, n. 20

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. **Tendências do desenvolvimento: elementos para reflexão sobre as dimensões sociais na contemporaneidade**. G&DR, v. 10, n. 3 (número especial), p. 44-66, set/2014, Taubaté, SP, Brasil.

PIMENTEL, Adriana Miranda. **Um fazer para alimentar a alma: uma etnografia das práticas juvenis em um bairro da cidade de Salvador**. Salvador: EDUFBA, 2016. 280p.

**Plano Diretor Municipal – Pouso Alegre**. Disponível em:

<<https://planodiretor.pousoalegre.neiru.org/index.php>> Acesso em: 15/08/2019.

Portal de Periódicos CAPES/MEC. Disponível em: <<http://www-periodicos-capes-gov-br.ez38.periodicos.capes.gov.br/>> Acesso em: 19/03/2018.

PRECIOSA, Rosane. **Errância, contaminações, fluxos esquizos**. VISUALIDADES, Goiânia v.10 n.2, p. 57-73, jul-dez 2012.

**Prefeito acompanha obras de pavimentação no bairro São Geraldo**. Disponível em:

<[http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo\\_site/noticia\\_detalhe.asp?id\\_not=1044](http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo_site/noticia_detalhe.asp?id_not=1044)>

Acesso em: 23/05/19.

**Prefeitura promove ação social com haitianos que vivem no município.** Disponível em: <[http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo\\_site/noticia\\_detalhe.asp?id\\_not=935](http://www.pousoalegre.mg.gov.br/novo_site/noticia_detalhe.asp?id_not=935)> Acesso em: 03/05/19.

**Projeto dos Diques - Pouso Alegre/MG.** Jornal Diário. Publicado a 20/01/2013 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6hBles3fFeo>> Acesso em: 06/06/19.

QUEIROZ, Amadeu de. **A História de Pouso Alegre e sua Imprensa.** Compilação e organização: Newton Meyer Azevedo. Reedição: 1998.

**Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal (Redalyc).** Disponível em: <<https://www.redalyc.org/>> Acesso em: 21/03/2018.

RENGER, Friedrich. **O quinto do ouro no regime tributário nas Minas Gerais.** Ensaio/Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, v. 42, n. 2, p. 90-105, 2006.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Cartografia da ação social: região latino-americana e o novo desenvolvimento urbano.** In: Hector Poggiese; Tamara Tania Cohen Egler. (org.). *Otro desarrollo urbano: ciudad incluyente, justicia social y gestión democrática.* Buenos Aires: CLACSO, 2009. p. 147-156.

\_\_\_\_\_. **Territórios da sociedade: por uma cartografia da ação** – 2010. In: Catia Antonia da Silva (org.). *Território e ação social: sentidos da apropriação urbana.* – Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; SILVA, Cátia Antonia da; PERUCCI, Luis; SCHIPPER, Ivy, CARVALHO, Vinicius. **Pensamento vivo de Ana Clara Torres Ribeiro.** ReDObRa, número 9, 2012.

RISLER, Julia; & ARES, Pablo. **Manual de mapeo.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2013. Disponível em: <[https://issuu.com/iconoclasistas/docs/manual\\_de\\_mapeo\\_2013](https://issuu.com/iconoclasistas/docs/manual_de_mapeo_2013)>. Acesso em: 09/05/2018.

ROLNIK, Raquel. **O que é a cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203; 4ª reimpr. da 1ª ed. de 1988).

SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável.** Organização: Paula Yone Stroh. – Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

\_\_\_\_\_. **Desenvolvimento: includente, sustentável e sustentado.** – Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

**Scientific Electronic Library Online (SciELO).** Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?lng=pt>> Acesso em: 19/03/2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências.** In: SANTOS, B. S. (org.). *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente.* São Paulo, Cortez Editora, 2004, pp. 777-821.

SANTORO, Paula. **Por uma agenda de pesquisa sobre a cidade, as mulheres e as interseccionalidades**. Disponível em: <<http://www.labcidade.fau.usp.br/por-uma-agenda-de-pesquisa-sobre-a-cidade-as-mulheres-e-as-interseccionalidades/>> Acesso em: 28/09/2019.

SANTOS, Milton. **O Território e o Saber Local: algumas categorias de análise**. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, Ano XIII, Nº 2, 1999, p. 15-26.

\_\_\_\_\_. **Pobreza Urbana**. Com uma bibliografia internacional organizada com a colaboração de Maria Alice Ferraz Abdala. – 3ª ed., 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2013.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e Meio Técnico–Científico–Informacional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução: Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das letras, 2010.

SEN, Amartya. **Porque é necessário preservar a coruja-pintada**. Tradução: Paulo Migliacci. Tradução de Paulo Migliacci; publicado originalmente na "*London Review of Books*". Folha de São Paulo. São Paulo, domingo, 14 de março de 2004.

SERRÃO, Mônica; ALMEIDA, Aline; CARESTIATO, Andréa. **Sustentabilidade: uma questão de todos nós**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2012.

SICARD, Monique. **Os paradoxos da imagem**. Traduzido de "*Les Paradoxes de l'Image*", publicado em *Sciences et Médias*, 21, CNRS Éditions. Rua, Campinas, 6: 22-36, 2000.

SILVA, Gezenildo Jacinto da. **Tramas e Vivências das Rendeiras de Renascença**. In: *Rendas que se tecem, vidas que se cruzam: tramas e vivências das rendeiras de renascença do Município de Pesqueira/PE (1934-1953) - Cap. III / Gezenildo Jacinto da Silva*. – Recife: O autor, 2013.

SILVA, S. H. G.; BOMFIM, Z. A. C.; COSTA, O. J. L. **Paisagem, Fotografia e Mapas Afetivos: um diálogo entre a Geografia Cultural e a Psicologia Ambiental**. Geosaberes, Fortaleza, v.10, n. 21, p.1-22, maio/ago. 2019.

SINGER, Paul. **Urbanização e Desenvolvimento**. Paul Singer; Marcelo Gomes Justo (org.). 1ª edição – Belo Horizonte: Autêntica Editora; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2017.

SOUSA, José Venicius de. **Sustentabilidade Ambiental: análise da degradação e perturbação ambiental na mata ciliar do rio Mandu, Município de Pouso Alegre (MG)**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Rio Claro, 2014.

TABET, Paola. **Las manos, los instrumentos, las armas**. En Ochy Curiel y Jules Falquet (eds.), *El patriarcado al desnudo: tres feministas materialistas*: Colette Guillaumin, Paola Tabet, Nicole Claude Mathieu. Buenos Aires: Brecha Lésbica, 2005.

TOLEDO, T. **Trabalhos dispersos: Memórias históricas de Pouso Alegre**. Pouso Alegre, 1991.

TOURAINÉ, Alan. **Crítica da modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.

\_\_\_\_\_. **A cidade e sua distância da natureza**. Geograficidade, v.3, n.1, 2013.

TURINO, Célio. **Na trilha de Macunaíma: ócio e trabalho na cidade**. - São Paulo: Editora Senac, 2005.

**Um jovem é executado a tiros e um corpo é encontrado carbonizado debaixo da ponte no São Geraldo**. Publicado em 8/9/2015. Disponível em: <[http://www.minasacontece.com.br/pousoalegre/noti\\_.asp?act=noticias&act2=ver&id=4421](http://www.minasacontece.com.br/pousoalegre/noti_.asp?act=noticias&act2=ver&id=4421)> Acesso em: 28/09/2018.

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Resenha: William Foote, WHYTE. Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005. 390 p. Rev. bras. Ci. Soc. vol.22 no.63. São Paulo. Feb. 2007.

VILLAGRÁN, Paula Soto. **Ciudad, ciudadanía y género: problemas y paradojas**. In: Género, desarrollo y territorio. ISSN 0123-8418, N°. 16-17, 2007 págs. 29-46

WILLIAMS, Raymond. **Recursos da esperança**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida**. In: VELHO, Otávio (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba. **Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais**. Mana. 2009, vol.15, n.2, pp. 557-584. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v15n2/a09v15n2.pdf>>. Acesso em: 20/05/2018.